NOSSA SENHORA E O MENINO JESUS

Quadro da Escola Italiana
de autor desconhecido

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho" Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O crime de Pedro

— Ha muito tempo que não se lê um conto seu.
— Ha vinte e dois mezes que não escrevo nada.
— Preguiça ?
— Não.
— Negocios ?
— Tambem não.
— Conquistas amorosas ?
— Pobre de mim !
— "Surmenage" ?

O escriptor Lucio de Paula bebeu o ultimo gole de chá e fitou-nos:

— Não acredito que seja "surmenage". Na "surmenage" ha a fadiga. Fadiga eu não sinto. Desejo de escrever não me falta. Estou convencido de que se me apagou inteiramente a inspiração.

— Mas você sempre a teve de sobra e da mais rica, disse o diplomata Coriolano Vargas, acabando de mastigar uma torrada.

— Mas tudo se gasta. Tenho a impressão de que a minha imaginação se gastou. Sento-me para escrever e nada me sae. E' uma ansia, uma insatisfação. A nota de relevo dos meus contos foi sempre a exquisitice, a extravagancia. Nunca me preoccupei senão em afastar-me da róta commum. Só as emoções violentas, as emoções um tanto sinistras, me sacodem os nervos. A literatura doce nunca me agradou. Desde os meus primeiros ensaios de escriptor procurei dar aos meus contos a nota exotica. Ao escrevel-os tenho apenas um objectivo — que o leitor, pela novidade do entrecho, nunca mais o esqueça. Foi esse, estou certo, o elemento capital do meu exito literario. Mas, é isso agora que me falta — a novidade do entrecho. Não me acode nada de novo. Parece que a minha imaginação era uma arca da qual fui tirando as peças mais extravagantes e que, agora, não tem mais peças para me dar. O que ficou no fundo são trapos velhos, já vistos por toda a gente. Todos os esforços que um homem póde fazer para produzir trabalhos sensacionaes tenho feito. O limão está murcho, não dá mais uma gotta de summo. Vêm-me á cabeça contos suaves, ora dolentes, ora risonhos, sempre amorosos. Não é isso que eu quero. Não é o meu genero. O amor, em literatura, faz-me engulhos. O que eu quero são entrechos golpeantes, nús. E sinto que está tudo acabado, a minha imaginativa rebentou como o botão de borracha que as creanças sopram.

— Por que não recorre aos factos, á realidade da vida ? atalhou Coriolano.

O escriptor sorriu:

— Ora, a realidade da vida é o que póde haver de mais sediço. Que é que se encontra no desenrolar dos factos? O marido trahido que matou a mulher; a mulher que envenenou o marido para viver com o amante; noivos neurasthenicos que convencionam o suicidio; a traição, a falsidade, a ambição, o roubo, a luxuria, etc. Em tudo — a mulher, ou melhor, em tudo — o amor. O amor é a rima sovada que serve a todos os generos de literatura. A natureza, desde que a terra é terra, vive a nos metter o coração humano pelos olhos e pelo nariz. Basta ! E' preciso acabar com isso ! O que me remóe a cabeça é o desejo, a louca ansiedade, de escrever um conto forte, muito forte, desses que nos ficam eternamente na memoria. Mas quero um conto que não tenha siquer a vaga sombra de saia. Disso não ha na realidade da vida. Só a imaginação mo póde dar. E ella não mo dá, por mais que eu lho peça.

Coriolano Vargas ergueu-se:

— A imaginação humana não inventa coisa nenhuma. Ella é apenas o reflexo da existencia, dos factos que se desenrolam. O homem imaginoso é o que mais guarda nos recessos da memoria maior numero dos choques da vida. Se, até agora, você não conseguiu o que pretende, é porque, em vez de olhar o mundo, está olhando para dentro do seu intimo. Assim nada conseguirá.

E offerecendo-nos charutos:

— Quer você um conto horrivel, um conto exotico e sem mulher ?

— Procuro-o ha quasi dois annos.

— Eu tenho o conto. E' um facto real. Você vae ver como só a realidade tem qualidades creadoras. E' um conto melancolico, desses que deixam na alma uma torrente de amargura. Nenhuma saia o atravessa. Não ha o mais vago rastilho de amor nos seus planos mais longinquos. No entanto, é um conto de emoção que nunca mais se póde esquecer. Exactamente o que você quer.

E calcou o botão da campainha.

O creado velho entrou para levantar a mesinha do chá.

Quando o creado sahiu, Coriolano Vargas continuou:

— Você reparou nesse creado que me serve e que acabou de sahir daqui ?

— Mais ou menos.

— E' o protagonista do conto. Parece ter oitenta annos e tem apenas cincoenta e nove. Effeito da grande dôr da historia. Ouça-a.

Isto deve ser um conto abrupto, vertiginoso. Nada de paysagens, de descripções, de explanações philosophicas, de galas de estylos, nada. Tudo isso prejudicará a intensidade, a melancolia do desenlace. Estylo quasi telegraphico. Narrativa, apenas narrativa.

Ouça.

Na cidade em que nasci havia, ha trinta e dois annos, um turco muito alegre e de grande bigode, chamado Nagibe, que mascateava pelas ruas.

Esse creado que daqui sahiu chama-se Pedro. Tinha, por aquelle tempo, vinte e sete annos exactos.

Um dia rebentou, entre elle e o turco, uma desavença sem grande importancia. Pedro era carapina e o mascate não lhe quiz pagar o preço ajustado pelo concerto da caixa em que vendia as quinquilharias.

O carapina não quiz entregar a obra. O turco vae á policia. Entrega a caixa, não entrega a caixa — os dois atracam-se. Nagibe dá uma dentada no braço de Pedro. Este, agarrado pelos soldados, não póde ferir o outro. Mas jura: — Deixa estar que tu me pagas !

Passam-se vinte dias mais ou menos.

Uma manhã, no rio que corta a cidade, appareceu, enganchado numa arvore, o cadaver de um desconhecido.

Era impossivel identifical-o. Os peixes haviam-no desfigurado inteiramente. Tinha o rosto roido, roidos os dedos, as orelhas, os olhos, os braços, as pernas. Nem pelas roupas era possivel reconhecel-o — o cadaver estava nú.

Mas, duas particularidades gravissimas chamaram immediatamente a attenção da policia: o morto tinha o pescoço garroteado por uma corda nova e, no peito e nas costas, a marca de dezoito facadas.

— Quem é ?

— Quem não é ?

E não se encontrou na cidade (cidade pequena em que todos se conheciam) ninguem que pudesse fazer a identificação.

O corpo ficou insepulto dois dias, entregue ás pesquizas da policia.

Por Viriato Corrêa

Ora, acontecia que, duas manhãs anteriores ao encontro do cadaver no rio, ninguem sabia noticias do turco. Parecia ter desapparecido mysteriosamente.

Começaram os rumores.

— E' elle !

— Não é !

A imaginação humana é como os moinhos — roda para o lado que o vento sopra. Houve quem achasse no morto parecença com o turco. A estatura era a mesma, a côr a mesma, os cabellos os mesmos.

Dois mascates vieram trazer um esclarecimento importantissimo — o Nagibe tinha uma tatuagem no peito esquerdo.

Examinou-se o cadaver. Lá estava a tatuagem, mutilada pe'os peixes, sim, mas lá estava. Os mascates são chamados a examinal-a — reconhecem a tatuagem do patricio. Não podia, dahi por deante, existir mais duvidas. Ficou assentado rigorosa e decisivamente assentado, que o morto era o Nagibe.

O trabalho, agora, era descobrir o assassino.

A imaginação policial e a imaginação do povo excitam-se.

A briga de Pedro com o turco era recente. Era natural que as vistas se voltassem para Pedro.

Chega á policia a informação de que, oito dias antes do crime, o carapina, na villa proxima, comprára uma grande faca. Era facto. Elle proprio, chamado a depor, confirma a noticia e entrega a faca ao delegado.

Não sei quem affirma ter visto Pedro tecendo uma corda. Elle, já assustado pela confissão da compra da faca, inquerido, nega. Vão-lhe á casa. Lá estava uma longa corda, de tecedura recente, mas já com um pedaço cortado.

Dahi por deante o desgraçado nada mais faz do que comprometter-se.

Um visinho vem contar que, dois dias antes do apparecimento do cadaber, vira o turco entrar, á noitinha, em casa de Pedro. Este, a principio nega, depois confessa: — era verdade, viera-lhe pagar o concerto da caixa.

Um testemunho acaba por dissipar todas as sympathias que alguem pudesse ter pelo carapina. O estafeta do Correio, na mesma noite em que o Nagibe fôra á casa de Pedro, vira este, a horas mortas, á beira do rio; carregando nos hombros um grande fardo envolto num sacco.

Pedro nega. Revolvem-lhe de novo a casa. Um sacco, manchado de sangue, é encontrado num girão.

O accusado, deante disso, procura explicar: — morrera-lhe um porco inesperadamente; aproveitara a calada da noite para atiral-o ao rio.

A policia aperta-o:

— Por que não enterrara o bicho no quintal, como era das posturas municipaes ?

— Porque atiral-o ao rio era menos trabalhoso.

— Por que se servira do sacco ?

— Para illudir a vigilancia dos fissaes da municipalidade.

E a faca ?

Comprara-a para matar um porco.

— Não havia facas na cidade ?

— Na villa proxima eram mais baratas.

— E a corda ?

— Tecera-a porque sabia tecer e não queria compral-a.

— E por que lhe cortara um pedaço ?

— Para amarrar a bocca do sacco em que carregara o porco.

As perguntas são as mais naturaes desta vida e as respostas as mais razoaveis. Mas, não para um accusado nas condições de Pedro. Não deante das circumstancias que envolviam o caso. Era coincidencia de mais.

Durante oito dias o carapina negou commovedoramente o crime, entre lagrimas e protestos de innocencia.

Estou cansado de ouvir dizer que a confissão do réo não tem nenhum valor juridico. E' pilheria dos criminalistas. Vale tudo. Tem o peso de um pedestal. Quem se arrisca a jurar pela innocencia de um accusado, se elle proprio confessou o crime ? A confissão é a consagração do criminoso.

Pedro confessou. Apertado por perguntas, extenuado, combalido, vendo que era inutil a continuação das negativas, confessou. Não reconstituiu o crime, não quiz entrar em minucias — confessou apenas. Sim matara o turco !

Se insistiam por uma particularidade, por um pormenor da scena, retrahia-se:

— Já disse tudo que devia dizer.

O crime era horrivel. As circumstancias aggravantes, enumeradas pelo codigo, estavam quasi todas em relevo affrontoso. A premeditação, a hora erma, a frivolidade do motivo, a traição, a surpresa, a asphyxia, a superioridade de armas, a crueldade, tudo, tudo dava ao criminoso um aspecto de monstruosidade que inutilisava qualquer piedade ou qualquer trabalho em seu favor. Havia a grita clamorosa da cidade, a sensibilidade popular em plena excitação.

O jury não podia ser senão implacavel.

Eu terminava o meu curso de direito, o juiz escalou-me para defender o réo.

Que ia eu dizer deante de tanta prova, deante da confissão ? Fiz o que todos fazem — appellei para o coração dos jurados.

A pena foi a que se esperava. E unanime, absolutamente unanime — trinta annos de cadeia.

Pedro cumpriu-a toda.

Quando já havia cumprido vinte annos, como elle me escrevesse, prometti arranjar-lhe o perdão. Você sabe como isso é. A vida vertiginosa, a grande vida, faz-nos esquecer os deveres de humanidade. E esqueci-me desta coisa minima — dez annos de liberdade de um homem.

Cumpriu a pena inteira, inteirinha.

E dois mezes depois de ter sahido da cadeia, eis que...

O escriptor Lucio de Paula ergueu-se bruscamente:

— Já sei ! Já sei o que você vae dizer. Dois mezes depois de Pedro cumprir a pena, o verdadeiro assassino do turco, á hora da morte, confessou o crime.

Coriolano Vargas sorriu:

— Isso seria banal. Seria a vulgaridade dos casos judiciarios. Prometti-lhe um conto novo, exquisito, horrivel, doloroso. Um conto que nunca mais se esqueça pelo muito que elle tenha de fél. E' o que lhe vou dar. Considere o que são trinta annos de vida de um homem, mettidos nas grades de uma prisão e pese a amargura deste desenlace. Veja quanto isto é pungente para uma creatura que perdeu toda uma existencia na cadeia e sob o ferrete ignominioso de assassino. Ouça. Dois mezes depois de Pedro ter cumprido a pena...

E, pausado, a voz mais alta:

— Dois mezes depois de Pedro ter cumprido os trinta annos de prisão, eis que, na villa, entra um homem que nem Pedro, nem a cidade, ninguem esperava.

— Quem era ? perguntou Lucio de Paula, nervosamente. Quem ?

Coriolano continuou:

— E entra de caixa ás costas, com o mesmo bigode, a mesma alegria, apenas mais velho. O turco.

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

PENSANDO EM TI

Vou contar-te um sonho que tive outro dia:

Era um lago grande, muito grande mesmo, em que se não via a margem opposta. Era noite. Era uma das mil e uma noites. No céo difficilmente se via o limpido azul, pois eram tantas as estrellas e tamanha a lua.

Nesse grandissimo lago uma gondola balouçava sob os raios argentinos da filha da terra. Parecia um berço. Mas não havia creança nenhuma dentro delle. O que havia, eram duas creaturas que tinham o mesmo fito: alcançar a margem opposta. Elle com os labios quasi collados aos della, segredava-lhe palavras de amor.

Na pôpa do barco, um sujeito alto, iracundo, corpulento, com os olhos esbugalhados, remava desordenadamente. Ora remava depressa, ora remava devagar. De repente largava os remos. Descançava. Deixava quasi o barco parar. Depois dava umas longas remadas, em seguida umas curtas. A gondola dava uns arrancos e quasi jogava os dois amantes no lago. Os alvejados de Cupido irritavam-se. O amante não gritava com o homem, porque sendo mais fraco do que elle, temia ser afogado. Resignava-se a resmungar sómente. E ella tambem.

E assim iam os dois no seu idyllio, e assim ia o barco naquelle lago grande, muito grande mesmo...

. . . .

Sabes quem era o homem? Era o Destino.

Sabes o que representava o barco? A Vida.

Sabes o que era o lago? O Mundo.

— E a margem opposta?

— A Felicidade.

. . . .

— Sabes quem eram os amantes?...

DÉBIO TOURNIQUÊTTA.

Rio, 1928.

POEMAS DA SAUDADE...

Não sou eu o autor desses versos
Desses meus lindos poemas de amôr
Onde existem tantos perfumes,
Perfumes de um jardim embriagador.

Não sou eu o autor desses versos
Que brotam da minha penna
Versos que caem como gottas de orvalho
No calice de uma açucena.

Não sou eu o autor desses versos
Que por todos são lidos
E que caem, como gottas de lagrimas
Na concha dos teus ouvidos.

E's tu a dona de todos esses versos
E és tu que vens, com a tua voz,
Nas horas de felicidade,
Ditar-me todos esses versos
— Poemas da Saudade...

PAULO DE FREITAS.

Como facilitar, por meios psychicos a realização do que se dezeja?

Em virtude de todos possuirem a faculdade da vontade e uma aura magnética pessoal que facilita sua realização, mormente quando se adoptam os ensinos do Occultismo, é justo dizer que *não existe ninguem verdadeiramente pobre ou necessitado, senão porque não exerce com acêrto seu querer.*

O exercicio acertado da vontade, mesmo sem intencionar beneficios, faz ficar em afinidade com um estado psychico pouco afectavel pelas necessidades materiaes.

Os que não crêem no poder do magnetismo pessoal fazem inconscientemente, pela sua descrença, uma auto-sugestão que neutraliza as ditas possibilidades e, portanto, que lhes fará ter pouca sorte; á semelhança dos que, por se habituarem a excéssos de humildade ou imploração, incutem-se com o *desvalor* que impossibilita-os de atrahir os elementos da prosperidade.

A UNIÃO MENTAL CONFORTANTE é uma grande agremiação de pessoas que, adestradas em magnetismo pessoal, e concentradas especialmente com o intuito de fazerem melhorar a atmosféra espiritual de seus adeptos, enviam a estes, em qualquer parte onde estiverem, a influencia magnética favorecente das condições do bem-estar. Produz em qualquer distancia a lucidez nos seus adeptos, o que faz estes acertarem em todos os actos a bem da prosperidade no negocio, no emprêgo, ou em qualquer emprehendimento, e mesmo a bem das suas familias, das suas afeições ou da sua saude, pois o bem-estar moral acarreta o bem-estar material.

A UNIÃO MENTAL não tem o intuito de lucro commercial. As quotas são apenas para a despeza da propaganda a bem do aumento de adeptos, conveniente á multiplicação da força magnética a favor de todos, e para custearem aqueles que, afim de melhor actuarem magneticamente em beneficio da colectividade, não exercem profissões das quaes possam auferir o necessario á subsistencia; o que torna, portanto, conveniente a contribuição dos que dezejam ser beneficiados.

Todo pensamento ou sentimento ténde a realizar-se em acto material; pois só assim é que somos aquilo que por nós foi pensado, ao menos em vida anterior, tal como é ensinado pelo Budhismo.

Por sua vez, os actos materiaes induzem, no elemento psychico organico, uma tonalidade vibratória que futuramente poderá facilitar a realização material do bem-estar.

A UNIÃO MENTAL opéra simplesmente com o magnetismo dos próprios viventes, harmonizando-o na comunhão mental d'uma força subtil em que os pensamentos são inteligentemente dirigidos.

A concentração d'esta força por milhares de pessoas cria a condição do éxito. A *Biblia* ensina que "Se se pensar ou pedir com um certo accórde mental, os dezejos serão atendidos."

E' pela união de muitos que se aumenta esta força; e esta força póde ser empregada para curar doenças, prolongar a vida, fazer o conforto ou bem-estar, — produzir, emfim, a verdadeira felicidade.

Tudo está subordinado ao elemento psychico ou espiritual — o *principio* e o *fim de todas as coizas.*

O servir-se da influencia psychica para aumentar os recursos do bem-estar material de si proprio, sem intenção de prejudicar outrem, é um interesse tão legitimo como o apêlo aos espiritos afim de se ficar curado, e como o uzo de descobertas, direitos sociaes ou combinações mercantis, em virtude das quaes uns ganham mais, trabalhando menos que os que não possuem tanta sorte ou inteligencia.

Comprehende-se que se póssa de longe receber auxilio psychico e com este melhorar a aura magnética pessoal, de maneira a se atrahirem as condições de cura e bem-estar; pois os elementos psychicos têm, como a electricidade na telefonia sem fio, uma grande influencia ao longe, e está provado que, pela harmonia ou afinação mental, se obtém a transmissão telepathica; a qual encontra analogia no facto de se poder, pelo movimento d'uma corda tensa no mesmo grau que outra, fazer vibrar essa outra. Duas péndulas do mesmo tamanho, suspensas perto uma da outra no mesmo plano de oscilação, e postas ambas em movimento, continuarão a oscilar, mesmo quando o movimento oscilatório seja só entretido numa d'elas; fenómeno que se produz tambem, se as duas péndulas estiverem separadas por uma parede!

O Occultismo, sciencia d'aquillo que, por ser influencia invizivel, é como se estivesse num mundo invizivel ou occulto, evidencia que convém praticar o bem para se receber o bem, pois a reacção que sobrevem sobre o próprio cauzador da acção é da mesma natureza que a acção. *A virtude está no meio,* como foi afirmado pelos principaes filózofos da antiguidade; e, por conseguinte, o mal ou peccado existindo apenas nos excéssos ou abuzos, só estes devem ser condemnados. Todos os venenos podem ser aproveitados para excelentes remédios; e, de tudo que rezulta o bem, pode, conforme a quantidade ou oportunidade, provir o mal. Verifica-se isto igualmente no moral. A *curiozidade,* inconveniente em vários cazos, é util para incentivar o estudo. A *ambição,* cujos rezultados são funestos quando excessiva, é um bem quando actua com equidade; pois promove o progresso, as rezervas que permitem não ser pezado na velhice ou enfermidade, propózito equivalente ao da caridade, por fazer desnecessitar uma parte da caridade alheia. O *amor próprio,* quando moderado, produz o brio, as boas maneiras, as condições do éxito social, e induz a respeitar nos outros as qualidades superiores que dezejaria fossem respeitadas em si. Quando excessivo, tem a fórma de orgulho ou vaidade, sentimentos que cauzam a infelicidade, por atrahirem pessoas da mesma espécie. Quando insufficiente, faz proceder com um excésso de humildade ou imploração, que provoca o descazo da parte dos outros, e atrahe os que, por se acharem em idéntico estado psychico de desvalor e penuria, não podem dar a instrucção nem o auxilio de que ordinariamente necessitam os mui habituados ás práticas de imploração, humildade ou passividade.

Para se ser adepto da UNIÃO MENTAL, e nesta qualidade se receberem os respectivos beneficios, bastará enviar, por vale postal ou registro chamado Valor declarado, trinta mil reis ao INSTITUTO ELECTRICO, com o endereço CAIXA POSTAL 1734, CIDADE RIO DE JANEIRO. Não se esquecer de, na carta do pedido, dizer que o dinheiro é para obter beneficio correspondente, durante um anno, no *grau seis da União Mental Confortante.* Em troca se enviarão logo o *diploma,* e *Chave de Harmonia Mental,* e as *Instrucções.*

MISERIA

Aquelle mendigo pede
"Uma esmola pelo amor de Deus"...
E a turba passa... vae-se... some-se...
E o mendigo fica...
Sentado num dos degraus
Da grande escadaria
Do adro da igreja...
E elle roga...
E mendiga o pão...
— "Uma esmola pelo amor de Deus"...
E os viandantes cruzam-se...
Agora um... logo após outro
Transeunte deixa cahir.
Na concavidade da sua mão
Que pede... que implora,
Alguns nickeis...
E elle agradece...
— "Deus "*lhe*" faça feliz"...
E o vae-e-vem agita-se...
E a sua voz, sons articulados pela Dôr,
Symbolisada na sua misera figura,
Não cessa de pedir... sempre a rogar...
— "Uma esmola pelo amor de Deus"...

....

Miseria...
Piedade!...

Recife — Novembro de 1928.

JOTA AURELIO.

OBSTINAÇÃO

Pobre pequena do meu bairro!!

Sempre esfarrapada, sempre trabalhando...

Defronte de sua tosca habitação, havia um caminho ingreme que conduzia ao bairro rico, onde realçavam as torres dos palacios sumptuosos; e ella comtemplava a felicidade das outras que subiam com facilidade aquelle caminho, amparadas pelo braço de algum amigo; mas uma idéa louca a torturava: Se ella subisse tambem? Se lhe fosse dado vêr de perto, toda aquella riqueza que lá do alto a tentava?

Um dia... resolveu subir...

Porém sem protecção, viu que seria impossivel e então pensou... que entre tantos que diariamente por ali seguiam, alguem podesse dar-lhe carinhoso ampáro.

Mas... os homens que subiam, eram maus e interesseiros...

E na expectativa de vêr chegar aquelle ditoso dia, os annos succeam-se e ella morreu, sem conseguir o seu ideal.

....

Pobre pequena do meu bairro!

Obstinada no teu lindo sonho, nem reparavas que as outras que subiam, eram lindas, ostentavam joias e trajavam sêdas... E tu? Miseravel e esfarrapada, como poderias viver no meio dos opulentos, sem que lhes produzisse asco?

Ignoravas, por certo, que os que conseguem subir o tal caminho ingreme da vida, deixam junto dos miseraveis a pureza dos sentimentos, vivendo apenas para o gôzo e na convivencia ufana dos que se acham lá no alto, bem no alto...

Pobre pequena do meu bairro!...

MARIA ALDA.

DE MUSICA

LUCIANO GALLET — Nas vesperas de realisar o seu recital de composições, tivemos ensejo de conversar com Luciano Gallet,que é uma das expressões mais curiosas da musica brasileira de nossos dias, que atravessa, no seu modo de pensar, um "periodo inicial de descoberta e de exploração".

Gallet, como nós, entende que a musica brasileira, negada por uns e combatida por outros, está, entretanto, se tornando uma realidade, augmentando todas os dias o seu numero de adeptos.

E' tal o seu attractivo — diz-nos o musico patricio — que, os que a exploram uma vez, não conseguem mais occupar-se de outra musica. E' nella, aliás que está ou deve estar a nossa finalidade artistica; e os que assim não pensarem, dentro em pouco estarão deslocados do seu meio e de sua epoca.

Indagando desde quando a musica brasileira o preoccupa, declarou-nos Gallet que desde 1918, quando compoz o "Tango-batuque", que considera ainda em sua fórma embryonaria, cheia de influencias alheias e de realisações deficientes.

— Preoccupou-me logo depois, — disse-nos — a composição de uma obra grande, que fixasse uma aspiração. Ao fim de pouco tempo, verifiquei que o momento não me permittia ir além da aspiração...

Se intuitivamente tinha noção do que podia ser a nossa musica, falhavam-me, entretanto, os conhecimentos dos dados geraes que deviam constitui-la. Onde a rythmica que, não obstante, pairava no ar em redor de nós? Como fixar de momento, a constituição typica, harmonica e contrapuntica, que eu sentia diversa das praticadas nos moldes estrangeiros? Como determinar as fórmas que revestiriam aquella musica que, de vez em quando eu ouvira apresentar-se á parte da factura classica, cheia de fórmas desconhecidas dos compendios? Afóra peças raras, como o "Batuque', de Nepomuceno, o "Tango" e o "Samba", de Levy, tudo mais se resumia no maxixe, fórma generica, que synthetizava tudo. Estaria isso Certo? Percebia que não, falharam-me dados e informações que melhor esclarecessem o meu espirito.

— Foi, naturalmente, quando começou as suas pesquisas pelo folklore.

— Sim, e iniciei-as, procurando conhecer os cantos populares, para nelles encontrar o que me faltava: rythmica, melodia, harmonia, fórma, sentido musical de raça. Pouco depois, começaram a apparecer as minhas "Canções populares brasileiras". Dura tarefa! Tive de abandonar o meu processo musical anterior, já estabelecido, para me passar para outro inteiramente diversos, radicalmente opposto. Mais uma vez me perguntaram por que fazia canções "harmonisadas" e não composições. Eu podia, realmente servir-me dos themas musicaes que colhia e trabalhal-os a meu geito. Mas, pergunto a mim mesmo: — Sairia obra brasileira? E toda a minha educação musical anterior, feita sob a influencia estrangeira, permittiria que um thêma — adaptado a esse meu feitio anterior — se conservasse dentro do seu caracter, brasileiramente. Um thema, por si vale relativamente pouco, se o ambiente geral não o caracterisa. Slinka e Tschaikowski, servindo-se dos themas populares russos, fizeram musica tão pouco russas, quanto Alexandre Levy, brasileiro, servindo-se do nosso "Vem cá, Bitú", fez musica européa. Nepomuceno, na "Serie brasileira", usando o "Sapo jururú" não faz tambem musica brasileira, porque o ambiente musical é estrangeiro em fórma e factura.

O mesmo já não se dá com o proprio Nepomuceno no "Batuque" da mesma Serie, ou com Levy, no "Samba", por que ahi os recursos rythmicos, melodicos, de fórma e colorido se afastam do processo europeu ousando affirmar-se brasileiro.

Digo "ousando" porque, naquella epoca, affirmar um processo nosso era sem duvida uma ousadia, que podia custar caro. A prova é que, ainda ha poucos dias, Nepomuceno foi accusado de "inferior", na "Galhofeira". Mas quem isso affirmou, está enganado.

— Mas ainda não nos disse por que começou harmonisando os nossos cantos populares.

— Porque, assim, visára obter os resultados que obtive: Conheci as linhas melodicas populares, conservando-as absolutamente originaes, sem a menor alteração. Mantendo as letras populares, as melodias valorisavam-se conservando o seu feitio typico. Pude, então, estudar varios typos e fórma brasileiras, dentro de sua origem pura, contribuindo apenas com o enriquecimento e commentario rythmico harmonico ou polyphonico de cada peça. Procurei, assim, determinar ainda mais o caracter de cada uma. Trabalhei, dessa maneira, para a minha propria evolução e para a alheia, colhendo e classificando todo esse material que, conservado puro, saia, entretanto do seu estado primitivo e elevava-se a uma esphera superior. Alem do mais, esse trabalho podia servir para futuras obras de maior vulto e desenvolvimento, uma vez aproveitado no terreno da composição. Respighi, na sua "Symphonia Brasileira", aproveitou esses themas meus — e isso elucida o que estou dizendo.

Dez annos já são passados. A colheita já se vae fazendo vasta e já se conhece muita coisa de nosso material musical Modinhas, embolada, côco, samba, desafio, congado, martello, batuque, chôro, toada, seresta e tantas outras fórmas já se tornam communs, com os seus caracteristicos melodicos e rythmicos e a sua significação determinada no nosso processo musical. Dar-lhes agora vida nova — concluiu Luciano Gallet — vida nova e propria, formar com tudo isso uma obra de significação e caracter racial e que se incorpore ao dominio universal, como alguns dos nossos já estão procurando fazer — tal é a missão dos nossos musicos de agora.

✣ ✣ ✣

BRANCA C. DE CARVALHO — Foi, para nós uma sorpreza encantadora, o recital de apresentação da senhora Branca C. de Carvalho, ha dias realisado. Sem outra credencial alem do seu Primeiro Premio do Instituto de Musica, a violinista estreante foi, entretanto, uma victoriosa desde que terminou a execução do primeiro numero do seu programma — "Melodia", de Gluck-Kreisler. Peça de relativa facilidade technica, elle bastava, entretanto, para revelar o valor de quem a executava, como de facto o revelou, mostrando ao auditorio que estava deante de uma organisação artistica de primeira ordem, á qual, se faltam os impetos e os arroubos dos temperamentos, brilhantes, sobeja a vibratibilidade emocional das grandes sensitivas da Belleza. A senhora Branca C. de Carvalho está, portanto, desde a sua estréa, fazendo parte dessa lista, não muito numerosa, das nossas melhores artistas do violino. Para isso, alem de possuir os elementos technicos indispensaveis para vencer as difficuldades das grandes peças do repertorio, possue em grande dose o dom privilegiado do sentimento, mercê do qual as suas interpretações interessam, desde a primeira arcada, porque teem alguma coisa de inspirado, que se transmitte facilmente ao ouvinte.

Peça culminante do programma, o Concerto op. 64, de Mendelssohn, teve uma interpretação felicissima, que proporcionou á talentosa concertista o seu grande momento da noite O recital decorreu dentro de um ambiente de geral agrado, tendo o publico comprehendido que estava deante de uma artista fina, digna do seu applauso e do seu enthusiasmo.

✣ ✣ ✣

ESCOLA FIGUEIREDO — A 30 do corrente encerrar-se-ão as aulas do Escola Figueiredo, devendo, na primeira quinzena do proximo mez de Janeiro ser realisado o segundo concurso a premio, promovido pela Escola, entre as alumnas dos differentes cursos de piano, para a conquista da Medalha de Ouro.

Esse concurso é, como não podia deixar de ser, o assumpto que empolga a Escola nestes ultimos dias de aulas e de exames finaes.

DR. EGAS MONIZ

PROF. DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.
MEMBRO DA ACADEMIA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, SOCIÉTÉ DE MÉDECINE DE PARIS, ETC.

CONSULTORIO:
RUA S. PEDRO, 34

RESIDENCIA.
RUA S. PEDRO, 36

Ratificando os eloquentes attestados dos meus eminentes Mestres Torres Homem, Barbosa Romeu, Rocha Faria, Miguel Couto e os dos meus illustres Collegas A. Austregesilo e Miguel Pereira, affirmar posso, em nome da experiencia clinica, que o Vinho Reconstituinte Silva Araujo constitue, de facto, um preparado que se recommenda pela sua perfeita pharmacopraxia e real acção therapeutica, a titulo de tonico nervino e hematogenico, nos casos de olyghemia consecutiva ás molestias infectuosas.

Bahia, 27 de Maio de 1911

Egas Moniz.

DESENHO REGISTRADO

Natal! Natal!

"Gloria in excelsis" - e no sapatinho
Que surpreza agradavel,
um mimoso frasco
da Legitima . Agua de Colonia (4711)

Visitem a linda exposição na "CASA BAZIN" á Av. Rio Branco, 143

A MELHOR NACIONAL

A querida orchestra brasileira "Carlitos" actualmente á Paris fazendo grande successo. Voltará ao Ri de Janeiro em Julho de 1929.

Projecto

de DANTE ANGYONE COSTA

Quando eu vou me encontrar
Com o meu amor,
Eu fico doido doidinho
Pelo corpo maravilhoso que ella tem..
Ella sabe disso...
Por isso até hoje sempre trouxe elle
Bem escondido, pra mim não ver nada.
Mas deixa, que amanhã eu vou me vingar...
Eu vou fazer tanta coisa, tanta coisa,
Que até a lua vem espiar pela janella
Pra vir contar tudo pra vocês...

Senhoritas Juracy Albuquerque, Ilay Garcia e Marietta Lyra, da sociedade parahybana.

NICE
LABoRA
AGUA DE
COLONIA
EXTRAFINA
AS FLORES DE
NICE
ALMISCAR
LA FRANCE
NICE
MELHOR

MINHA ORAÇÃO, AO SENHOR

Senhor!...
que sabe do destino de todos os homens,
que nos governa a todos,
que nos espia lá do céo bondosamente.

Senhor,
eu sei que ella tem que vir um dia,
tem que vir um dia pro meu amor.

Senhor,
eu lhe peço portanto que faça
com que ella venha num dia lindo,
com que ella venha num dia de sol.
Num dia de um sol loiro, muito loiro,
a brilhar no céo azul,
Senhor!...

E que venha vestida de vestido azul
para que dê certo
com a côr azul do meu ismôque,
Senhor!...

Mas, se não puder ser assim,
Senhor!...
que venha sem o dia loiro de sol
e sem o vestido azul.
Eu mando fazer um terno
da côr do vestido que ella vier,
Senhor!...

Mas, só lhe peço, Senhor!...
que ella venha lógo,
lógo mesmo,
pro meu amor,
Senhor!...

NOBREGA DE SIQUEIRA

A CASA HERMANNY

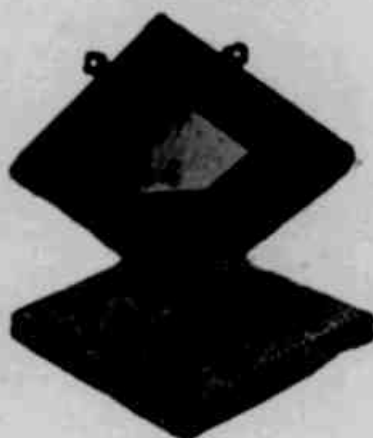
offerece, a titulo de propaganda, os lindos modelos abaixo, de estojos de unhas e de costura, por preços populares.

25$000
Porte mais 1$800

19$000
Porte mais 1$800

38$000
Porte mais 2$800

60$000
Porte mais 2$800

21$500
Porte mais 1$800

18$500
Porte mais 1$800

85$000
Porte mais 3$800

58$000
Porte mais 2$800

65$000
Porte mais 2$800

19$500
Porte mais 1$800

25$000
Porte mais 2$800

50$000
Porte mais 2$800

Tem, além desses, a maior variedade em estojos para esses fins, bem como para viagem, navalhas, joias, etc., forrados de couro legitimo, sendo os pertences com cabo de marfim ou tartaruga e a cutelaria toda de qualidade garantida.

VISITEM AS SUAS EXPOSIÇÕES

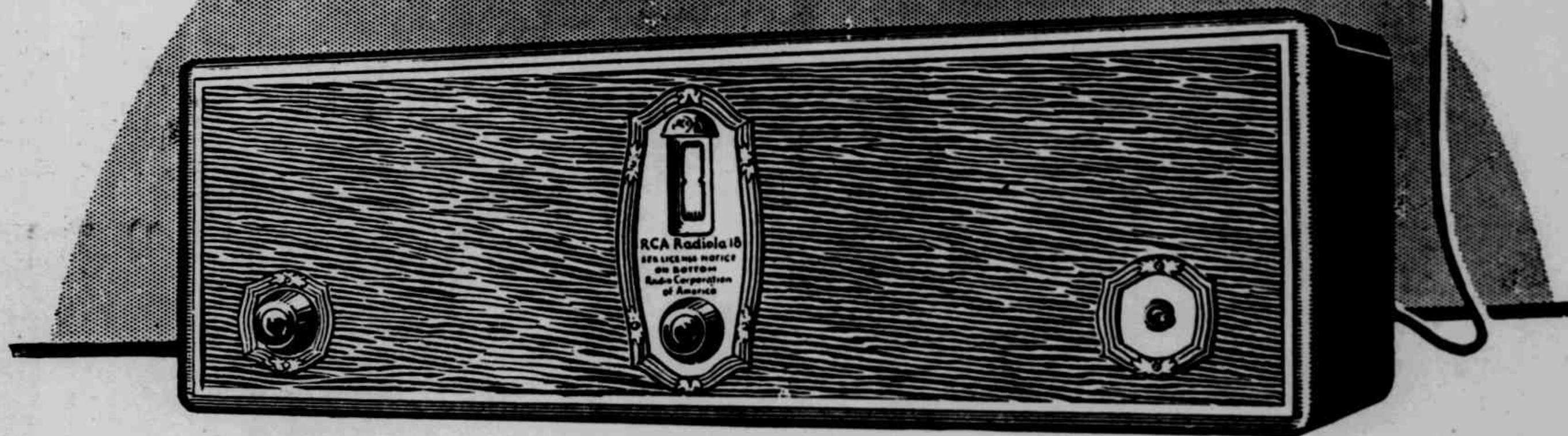
RIO — RUA GONÇALVES DIAS, 54
FILIAL EM PETROPOLIS:
AVENIDA 15 DE NOVEMBRO, 764

Não perca tempo pensando...
... Porque seu caso não é tão difficil quanto lhe parece. Dê á sua esposa aquillo que ella mais precisa para o governo do lar: saude, economia, commodidade e satisfação. Taes beneficios, serão o presente mais util de Natal, offerecido pelo novo refrigerador "General Electric" ás pessoas de bom gosto.
Não perca tempo pensando, porque a refrigeração electrica applicada aos serviços domesticos, por um processo scientifico e sem simile, já está se radicando nos costumes da elite social. Não vacille mais. Louve-se no exemplo dos que já desfructam os beneficios de que seu lar se resente.
O refrigerador "General Electric" é de funccionamento muito simples, economico, automatico, silencioso, e não deve ser estranho á sua esposa nas grandes alegrias do Natal.
FACILITA-SE O PAGAMENTO
ECLECTICA
GENERAL ELECTRIC
RIO DE JANEIRO--Av. Rio Branco, 60/64

UM PRODUCTO DA

Radio Corporation of America

O que ha de mais simples, funcciona ligado ao supporte e não utilisa baterias

Peçam-nos uma demonstração

Distribuidores BYINGTON & C. **RUA GENERAL CAMARA 65**

ACERCA DE SHAMPOOS

Ha um sem numero que pódem ser qualificados como bons, innocuos e máos. E' impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma das differentes especies de cabello. Em alguns casos elle tira muito do azeite natural; em outros, demasiado pouco. As pessoas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que as de cabello escuro. O logico, pois, é que cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accôrdo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil e bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se fôr cuidado apropriadamente; porém se se abusa delle, como fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcalinas, acontecerá o mesmo que se atirasse um veneno destinado a cardos sobre uma planta delicada. Antes de concluir, devo advertir que o meu pharmaceutico me recommendou o emprego do stallax simples, em logar dos shampoos em pó, já preparados; e devo informar que esta substancia resulta ideal para o fim indicado. Faz com que o cabello se torne suave e ondulado.

■

■

Reginaldo, filho do dr. Luiz Souza Aguiar e de dona Regina Pires Souza Aguiar, neto do Ministro Pires e Albuquerque.

A professorinha rural

PARA J. CARLOS

Ella tinha o perfil didatico da professora rural
Um ar ingenuo e grammatical
Era confusa como uma figura de syntaxe
Intransitiva, adverbial e defectiva.
Veiu com as collegas, a chamado do governo,
Aprender na capital o methodo Decroly.
Depois ella levaria para o sertão a chave do segredo pedagogico.
E toma escola activa
E centro de interesse
E associação de idéas
E expressão de idéas.
A professorinha na capital viu o charleston
E gostou
Viu, na tela, o Ramon Novarro
E gostou
Viu nos jardins o flirt
E gostou.
Viu o feminismo
E gostou.
A professorinha rural voltou para a aldeia
Já sem o ar pedagogico,
Sem o andar pronominal,
Sem attitudes etymologicas.
Hoje não sabe ensinar por methodo nenhum,
Mas namora pelo methodo Decroly
E é o centro de interesse de todo o arraial.

DJALMA ANDRADE.
Bello Horizonte — 1928

No majestoso edificio do ITAJUBÁ-HOTEL, os mais luxuosos e confortaveis salões de restaurante, chá e bar, contribuindo assim, para a intensidade de vida elegante do quarteirão Serrador.

As queimadas

Quando a campina soffre o rigor da estiagem
E incauto viandante atira, distrahido,
Mal apagado lume em cima da folhagem,
Si o fogo encontra ali um ramo resequido,

E favoravel corre o bafejo da aragem,
O campo é num momento em chammas envolvido
E, em rubro turbilhão, a ignivoma voragem
Deixa-o, de norte a sul, em cinzas convertido.

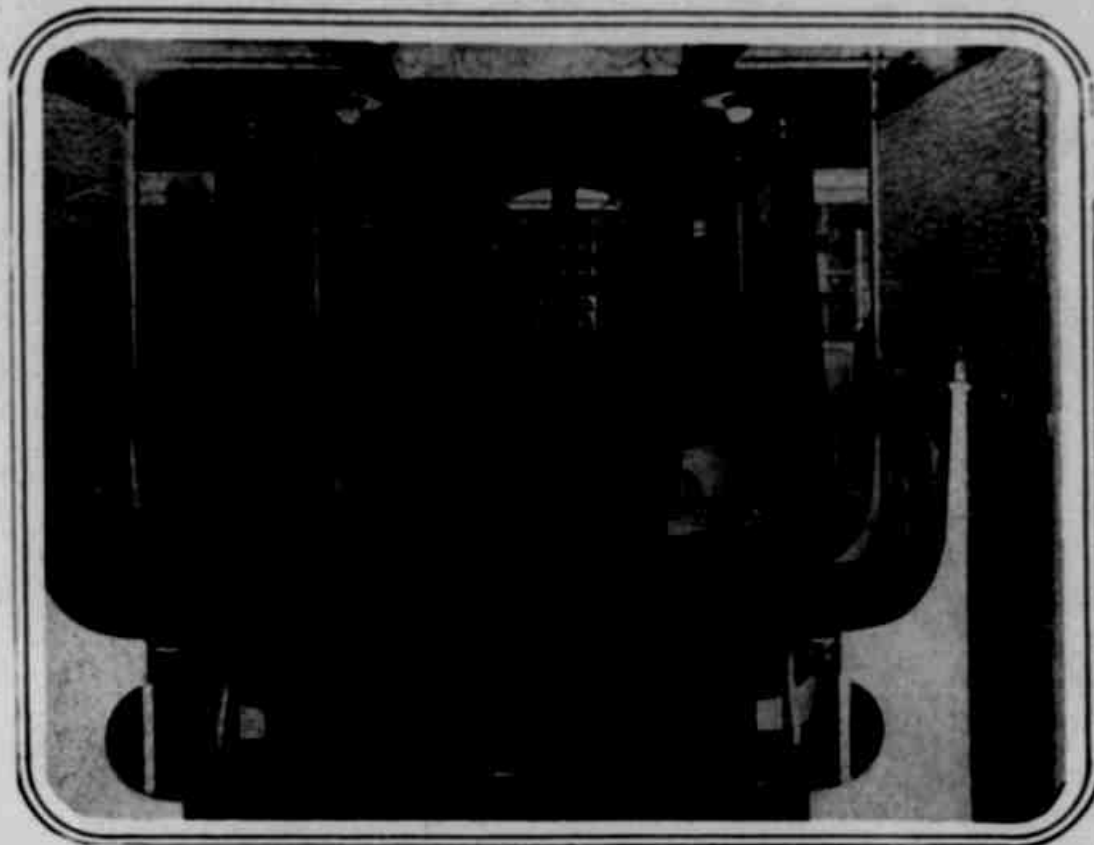
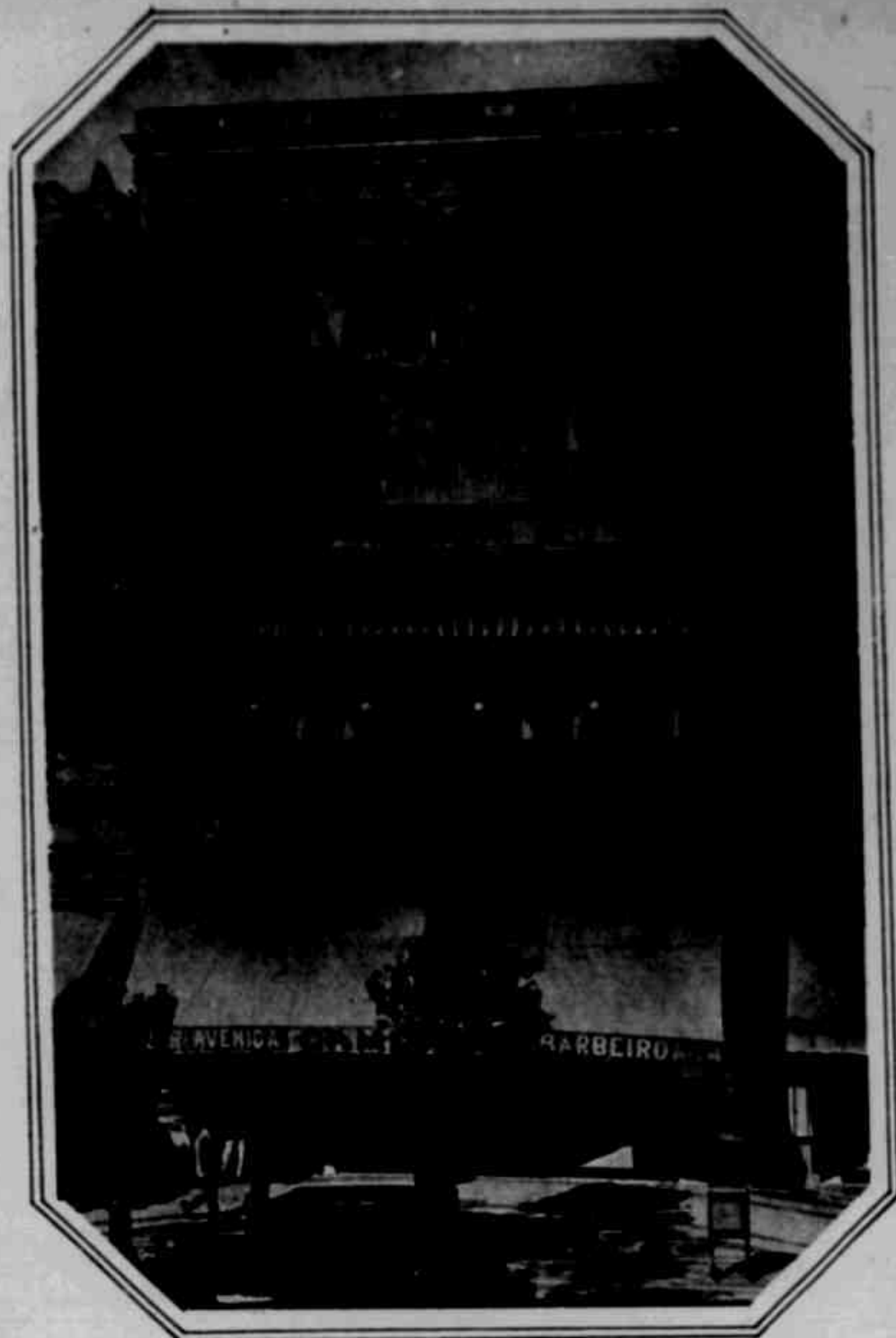
E sempre que diviso as funestas queimadas,
Eu me lembro de vós, avesinhas, coitadas !
Que fazeis na madeira os primorosos ninhos.

A verdejante alfombra o chão já não matiza,
Que tudo o fogo queima e mata e carboniza:
Galhos, folhas e. . . oh céos ! os tenros filhotinhos !

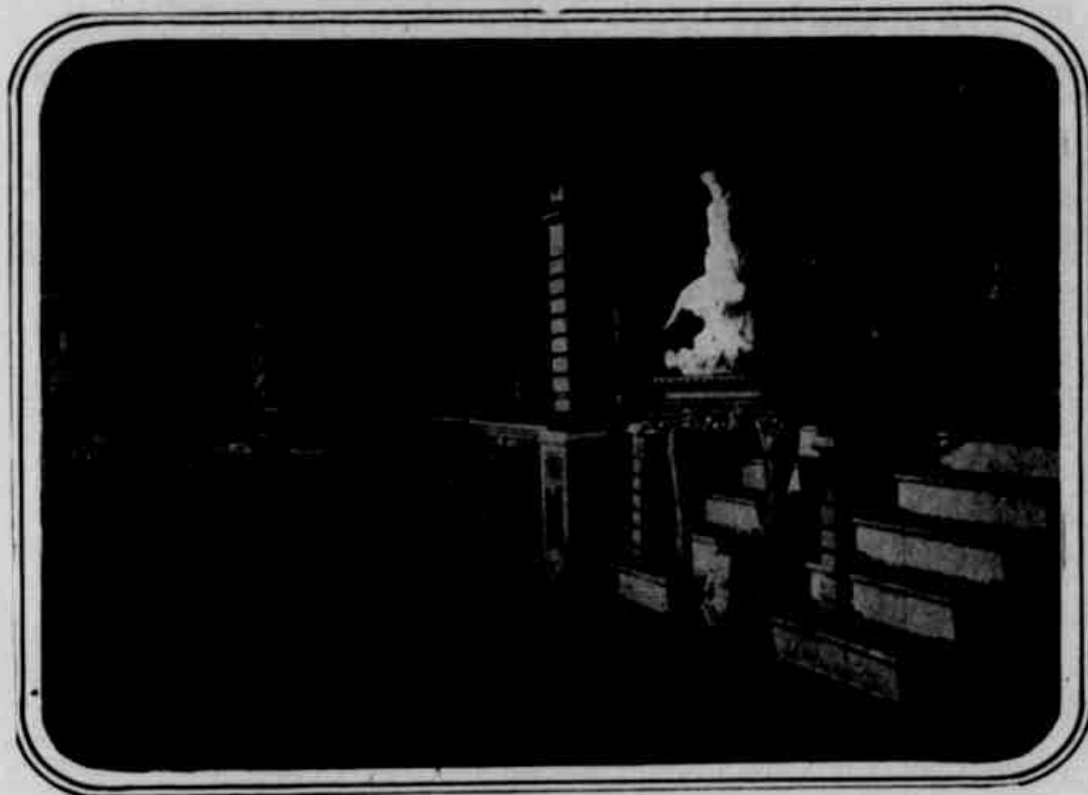
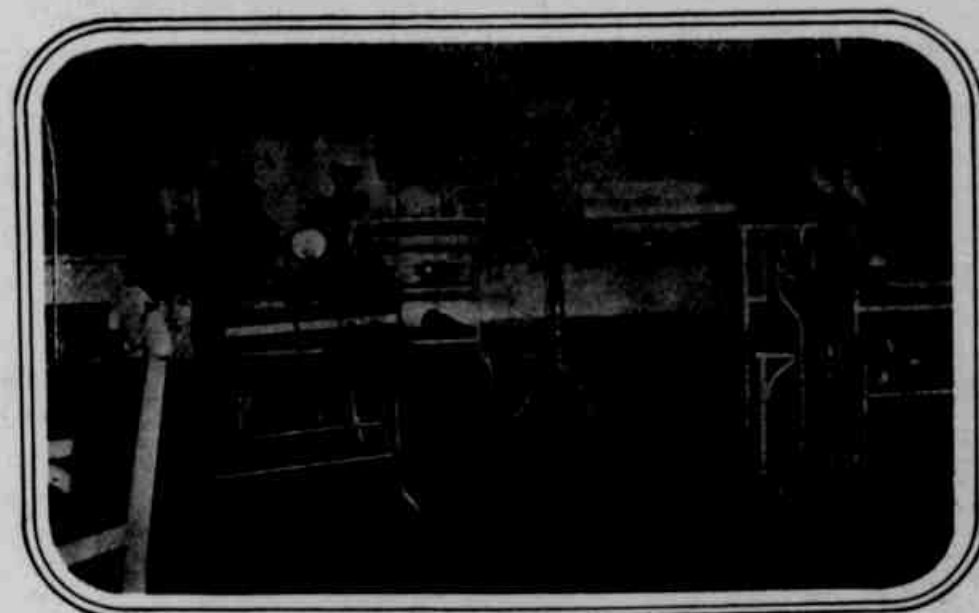
JOAQUIM AMERICANO.

As luxuosas installações da Academia Scientifica de Belleza

Directora MADAME CAMPOS

AVENIDA RIO BRANCO, 134-1°

Aspecto da entrada para os gabinetes

Fachada da Academia Scientifica de Belleza

Gabinete de tratamento de Alta Frequencia para fechar os póros

Gabinete para córte de cabellos, ondulação, etc.

Um aspecto do salão de espera

Gabinete para tratamento de esthetica

Varios aspectos das novas installações da Academia Scientifica de Belleza, as mais luxuosas e confortaveis da Europa e America do Sul; adaptadas e condignas da alta Sociedade Brasileira, que o não deve ignorar.

A falta de um estabelecimento de Belleza, neste genero, em luxo e em competencia profissional, de ha muito se notava nesta grande e imponente cidade. Felicitamos, pois, as senhoras brasileiras, incitando-as a visitar os salões da Academia Scientifica de Belleza — Av. Rio Branco, 134-1°, onde serão fidalgamente recebidas pela sua Directora, Madame Campos.

HILDEBRANDO DE LIMA
escriptor alagoano, autor do livro de contos "O Macaco Electrico", um dos exitos literarios de 1928.

CONCHITA PANADÉS
artista hespanhola que esteve no Rio com a companhia de operetas Esperanza Iris.

O moço louro...

Nunca tive muita sympathia por pessoas louras; mas, não sei porque, gostei daquelle rapaz alto, claro e de cabellos dourados que sempre vinha passear no jardim da grande praça. Andava só, sempre quieto, ás vezes lendo, outras pensando... parecia ter a alma triste, acabrunhada por um desgosto immenso. Não ria, não falava com ninguem. Coitado, tão sósinho! Por que sorria?!

Um dia, vagarosamente, approximei-me delle. Tinha a fronte calma, inclinada sobre um livro. O sol batia em cheio nos seus cabellos de ouro! Ao deparar-me ali, foi logo perguntando:

— Gostas de lêr?

Estranhei. Elle tão quieto, tão sombrio... e retruquei:

Oh! gósto immenso! E vejo que a leitura, tambem, é para si uma grande distracção...

Principiou assim a minha primeira palestra com o "moço louro", como o appellidei. E, dahi, diariamente, nos encontravamos no jardim. Conversava muito e nunca se esquecia de trazer-me flores, livros e revistas... e cada dia mais eu apreciava o moço louro que julgava tão mudo, tão triste!

Uma occasião me disseram:

— Não te fies nesse moço. E' um louco varrido...

— Louco?! Será possivel!? E deixei de falar com o moço louro durante cinco dias. Por fim, pensei: qual, elle conversa tão bem, não prejudica a quem quer que seja, e si é mesmo um sem razão, coitado, tenho pena de fazel-o sentir a minha falta no jardim! — E voltei a vel-o na manhã seguinte...

Abraçou-me sorrindo e tomando as minhas mãos, apertou-as tão fortemente, que arrepiada de medo, senti os dedos estalarem...

Depois falou-me:

— Olha, menna bonita, ha quanto tempo estou guardando as tuas flores!

E apresentou-me um grande emmaranhado de rosas completamente murchas...

ZILDA DA CUNHA BASTOS

MARIA LUISA

JOSÉ ANTONIO

CASA ERITIS

As garantias que offerece este acreditado salão de cabelleireiros para senhoras, de manicures e de massagistas, evidenciam-se bem na concorrencia á casa da rua Uruguayana, 78. A "Casa Eritis", que é a mais antiga e uma das mais importantes do seu genero no Brasil, executa todos os trabalhos concernentes á sua especialidade com a maxima perfeição e com inteira consideração pelas suas clientes.

BAIRRO JARDIM MARIA DA GRAÇA

VISTA PANORAMICA DO BAIRRO MARIA DA GRAÇA

P R E D I O S

A PRESTAÇÕES COM PEQUENA ENTRADA INICIAL E ISENTOS DO IMPOSTOS MUNICIPAES

T E R R E N O S

A PRESTAÇÕES MENSAES SEM ENTRADA INICIAL E ISENTOS DO IMPOSTOS MUNICIPAES

ESCRIPTORIO — RUA DA QUITANDA, 143

PLANTA DO BAIRRO MARIA DA GRAÇA

— O rythmo consagrado nas partituras mais celebres;
— A voz dos maiores artistas da arte sublime do canto:
— A musica de todos os povos em todas a suas modalidades;
a Panatrope
e os Discos
Brunswick
vos offerecerão reproduzidos com a MAXIMA FIDELIDADE como e quando vos aprouver no recesso tranquillo de vosso proprio lar.
Assumpção & Cia. Ltda.
AV. RIO BRANCO, 147 — RIO DE JANEIRO.
PRAÇA DO PATRIARCHA, 6 — SÃO PAULO.

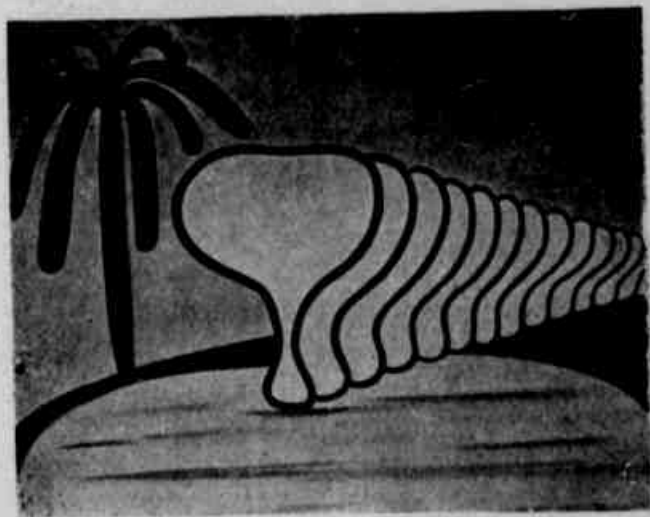
Natal de 1928

O Espirito Moderno

GRAÇA ARANHA

SOMOS os lyricos da tristeza, porque ainda não vencemos a natureza, vivemos esmagados, saudosos, apavorados. O brasileiro está no periodo subjectivo, do qual o romantismo é manifestação constante e perturbadora. Póde-se affirmar que o Brasil é um dos ultimos refugios do romantismo. Do lyrismo, que seria a expressão ingenua do enthusiasmo natural e primitivo, do lyrismo fecundo, ardente, que eleva o homem além de si mesmo e o transforma divinamente, vencedor da materia, cahimos na deformação romantica, que mascara a realidade e nos entorpece no sentimentalismo. Ha entre a realidade, a materia que se faz arte, e o espirito que a exprime, uma perniciosa zona literaria, mantida pelo academismo, que estraga a visão do real e impede a construcção de tornar-se robusta e sã. A infecção literaria corrompe a politica, a arte, a vida.

Em uma terra ardega, que vive o poema da aspiração, não póde haver maior paradoxo do que este espirito romantico da nossa cultura... Este espirito é dissolvente e vago. O espirito moderno é dynamico e constructor. Por elle temos de crear a nossa expressão propria. Em vez de imitação, creação. Nem a imitação européa, nem a imitação americana — a creação brasileira. Todos os povos crearam. O proprio americano do norte, ainda inculto, creou. Só o brasileiro se julga incapaz de crear e resignado se humilha na imitação. O nosso privilegio de não termos o passado de civilisações aborigenes nos facilitará a liberdade creadora. Não precisamos, como o Mexico e o Perú, remontar aos antepassados Mayas, Aztecas ou Incas, para buscar nos indigenas a espiritualidade nacional. O Brasil não recebeu nenhuma herança esthetica dos seus primitivos habitantes, miseros selvagens rudimentares.

Toda a cultura nos veiu dos fundadores europeus. Mas a civilisação aqui se caldeou para esboçar um typo de civilisação, que não é exclusivamente européa e soffreu as modificações do modelo e da confluencia das raças povoadoras do paiz. E' um esboço apenas sem typo definido. E' um ponto de partida para a creação da verdadeira nacionalidade. A cultura européa deve servir não para prolongar a Europa, não para obra de imitação, sim como instrumento para crear cousa nova com os elementos, que vêm da terra, das gentes, da propria selvageria inicial e persistente.

O desejo de libertação é um signal de que ella já está em nós. Até agora todo o nosso empenho andava em imitar. Desde que em nosso espirito rompemos com esta pratica, começamos a fazer cousa nova e cousa nossa. Faremos cousa differente dos Americanos, libertos material e moralmente da Inglaterra. Quebraremos a uniformidade continental, com que nos ameaçam. Faremos cousa nossa, sahida do nosso fundo espiritual, que seja determinada pelo prodigioso ambiente, em que vivemos. Subjugaremos a natureza, para impôr-lhe o nosso rythmo haurido nella propria. Não se trata sómente de creação material, de um typo de civilisação exterior. Aspira-se á creação interior, espiritual e physica, de que a civilisação exterior das architecturas, dos machinismos, das industrias, dos trabalhos e de toda a vida pratica seja o reflexo."

Somno de Tarsila

Rio de Janeiro dos nossos avós

PARA escrever de coisas que acabaram nesta linda terra carioca é preciso ir perguntar a Vieira Fazenda. Elle sabe tudo. Elle conta tudo. De tudo que conta, de tudo que sabe, a gente faz um resumo depois, tirando os enfeites. E fica o succo. Durante sete paginas grandes das Antiqualhas e Memorias, Vieira Fazenda falou das festas do Natal aqui, no tempo antigo. As sete paginas aparadas deram isto:

Muitos dias antes do dia de Natal era grande a azafama nesta bôa cidade; era o tempo de mandar as *festas* aos parentes e amigos, e delles receber as *étrennes*, como se diz hoje em linguagem alambicada.

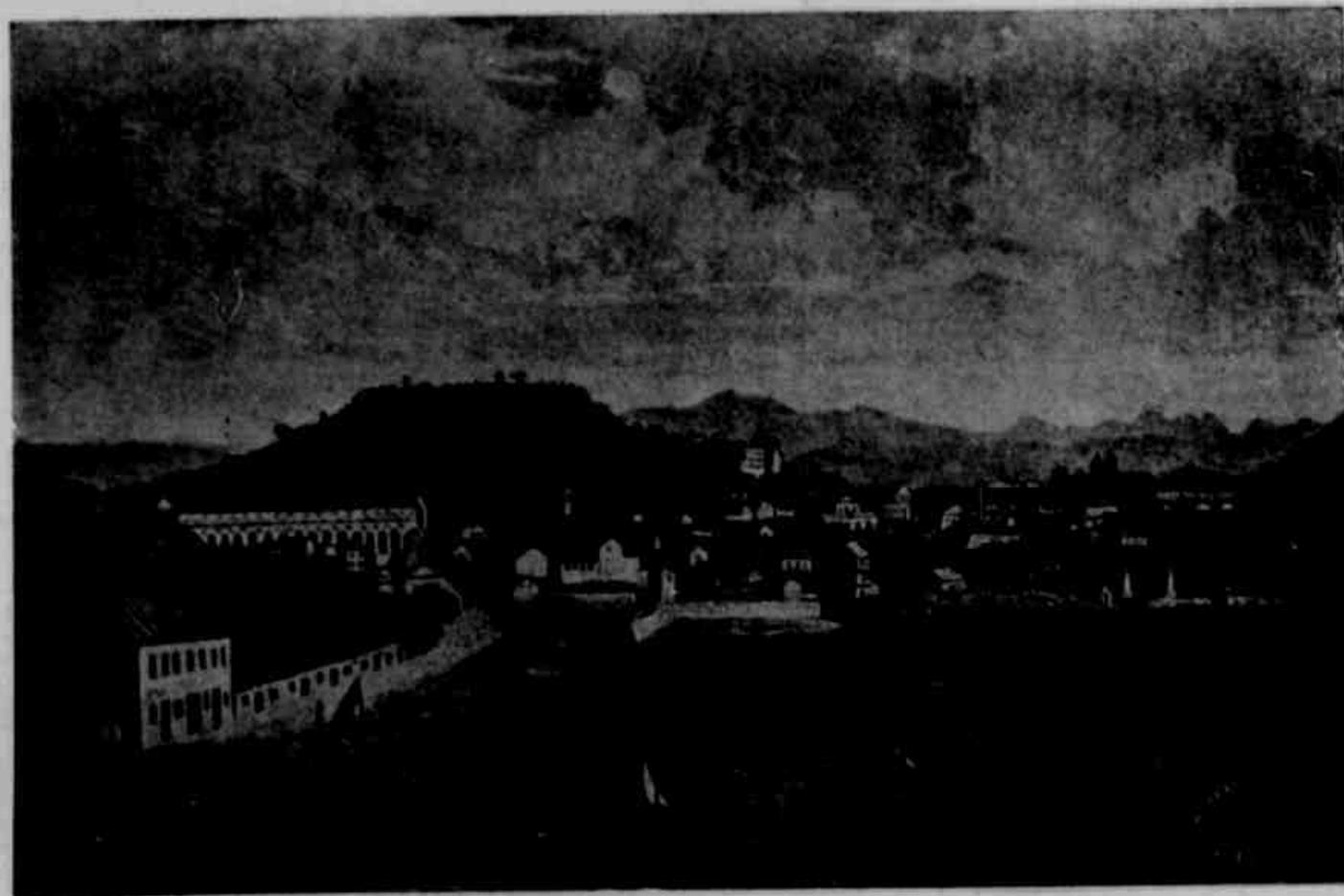
Viam-se grandes bandejas de doces, carregadas por pretos e pretas, cestos de gallinhas, leitões, atroando os ares com seus grunidos, perús amarrados com fitas encarnadas ou verdes, compoteiras de doces cobertas por guardanapos rendados.

Ia uma balburdia pelas casas, havia uma inferneira pelas cosinhas, onde se preparava a ceia ou consoada para depois da *missa do gallo* e parte do jantar do grande dia.

Ali a preta de confiança tratava do peixe, lá os moleques ralavam o côco, negrinhas areiavam os talheres ou punham palitos no paliteiro. Aqui um preto velho aposentado depennava as gallinhas depois de um banho de agua fervendo, e mais além a mulata velha tirava os ossos ás mãos de vacca para fazer o apetitoso mocotó recheiado com ovos e farinha de trigo.

Nessa noite não se pregava olho. Das 10 horas em deante, depois do Aragão, começavam a repicar os sinos das igrejas, de maneira a ensurdecer. As ruas iam-se pouco a pouco enchendo, e ás portas dos templos desde as 9 horas já havia devotos para pilhar logar. Os capadocios afinavam cavaquinhos e violões. Os gaiatos atravessavam as ruas arremedando o cocorocó dos gallos.

De quando em vez foguetes no ar annunciavam que estava perto a hora solemne. As igrejas mais concorridas eram São Francisco de Paula, Misericordia, São José, Carmo, a Cathedral, Santo Antonio, São Bento e Ajuda, e em tempos anteriores a Capella do Menino Deus, em Matacavallos, de historica poetica. A não ser algum rôlo de capoeiras, algumas cabeças quebradas, algumas navalhadas, o resto corria bem, e acabada a missa cada qual se recolhia á casa para comer, descansar e esperar o dia 25. Muitas vezes havia dansas e cantatas que se prolongavam até de madrugada.

Outeiro da Gloria
Desenho de Fleury
O Rio visto do outeiro da Gloria
:: Desenho de Maria Graham ::

"De manhã, abriam-se de par em par as portas dos oratorios, enriquecidos de obras de primorosa talha, onde se via deitado entre folhas verdes o menino Jesus, cercado de jarras de flores e allumiado por velas de cêra postas em castiçaes de prata, de vidro ou latão. Tudo isso era para mim de um effeito magico; eu trocaria o pouco que sou para voltar aos meus antigos tempos e permanecer embasbacado, por compridas horas, junto ao berço do Menino Deus, sem pensar na peteca, no pião, no jogo da cabra-cega ou no chicote queimado.

Era para mim um sacrificio ser chamado para comer melancia, não dessas rachiticas, vendidas pelos ilhéos da Penha, mas verdadeiras melancias capazes de refrescar um batalhão e que custavam a modica quantia de quinhentos réis! Ao jantar reuniam-se os parentes e adherentes, vinham de fóra e de longe os filhos e filhas casadas, todos se juntavam nesse dia solemne, em que se apertavam os doces laços da familia, *essa cellula da vida social*. Compareciam tambem os compadres e comadres, os amigos do peito e até á mesa dos patrões eram admittidos os caixeiros, que neste dia gozavam das honras de filhos da casa.

Coitados! Só sahiam tres vezes por anno; no Natal, na Gloria, e na Paschoa! Eram taes os costumes do tempo, em que os patrões, para tomar fresco no Passeio ou no largo do Paço, nunca levavam chapéo, para que os caixeiros não soubessem si elles (patrões) estavam perto ou longe!

Bons tempos em que a jaqueta era de rigor, e a gravata só usada por quem já tinha alguma cousa de seu. Pouco trabalhavam nestes dias os barbeiros, não

Velhas palavras velhas figuras

por força de postura municipal, mas por não terem tempo de ir á cara dos freguezes.

Iam tocar nas portas das igrejas em palanques ou coretos preparados.

As bandas militares nunca sahiam para esse fim; era *contra a disciplina*. Quem não conhecia a musica dos barbeiros, agremiação digna de um poema, e que desappareceu com o progredir da civilização? Na minha meninice conheci dois typos dessa raça de heróes, dois ultimos Abencerrages que viviam ali na rua do Carmo, pacata e silenciosamente, contando aos posteros as suas brilhaturas não só na Musica, como nas sangrias e applicação de sanguesugas.

E a visita aos presepes? Os mais afamados eram os do Convento da Ajuda, o da ladeira de Santo Antonio, tão bem descriptos ambos no romance de Macedo *As Velhas de mantilha*, e o do conego Philippe, na ladeira Madre de Deus. Este teve a honra de ser visitado pelo rei D. João, o qual, como se sabe, gostava muito de festas de igreja e era inimigo de theatros; obrigado a ir a espectaculos, dormia a bom dormir e, de quando em vez, acordava estremunhado, perguntando aos cortezãos: *já se casaram esses bebedos?*

Cesse agora o que a antiga Musa canta, que eu vou falar do presepe do Barros, ali na rua Ciganos, presepe que foi para mim a summa da arte, o meu Eldorado, o cumulo de tudo quanto havia de sublime, peripatetico e esplendoroso.

Fui quasi assignante effectivo e isso de meia cara, graças a uma circumstancia que em breve vou salientar. Imaginae em uma pequena loja de carpinteiro a cidade de Belém. onde nasceu o Christo, transformada em cidade moderna, construida em amphitheatro, com casas de janellas de grades de ferro, com vidraças de cutello, igrejas com torres e sinos, saloios e saloias dansando, gatos, cachorros, coelhos, pescadores, caboclos, jardineiros, toureiros hespanhóes, anjinhos de barriga para baixo, pendurados no tecto recamado de estrellas de papelão dourado. O sol e a lua *ao mesmo tempo* no horizonte, e no meio do firmamento uma grande estrella d'alva, cujos raios guiavam caravanas de camellos, que faziam parte da comitiva dos *tres reis magos*, que pareciam vir descendo com ar sério e majestoso de uma montanha

São Christovam
:: Por Maria Graham ::
Recanto do arrabalde das Laranjeiras
Desenho de Maria Graham

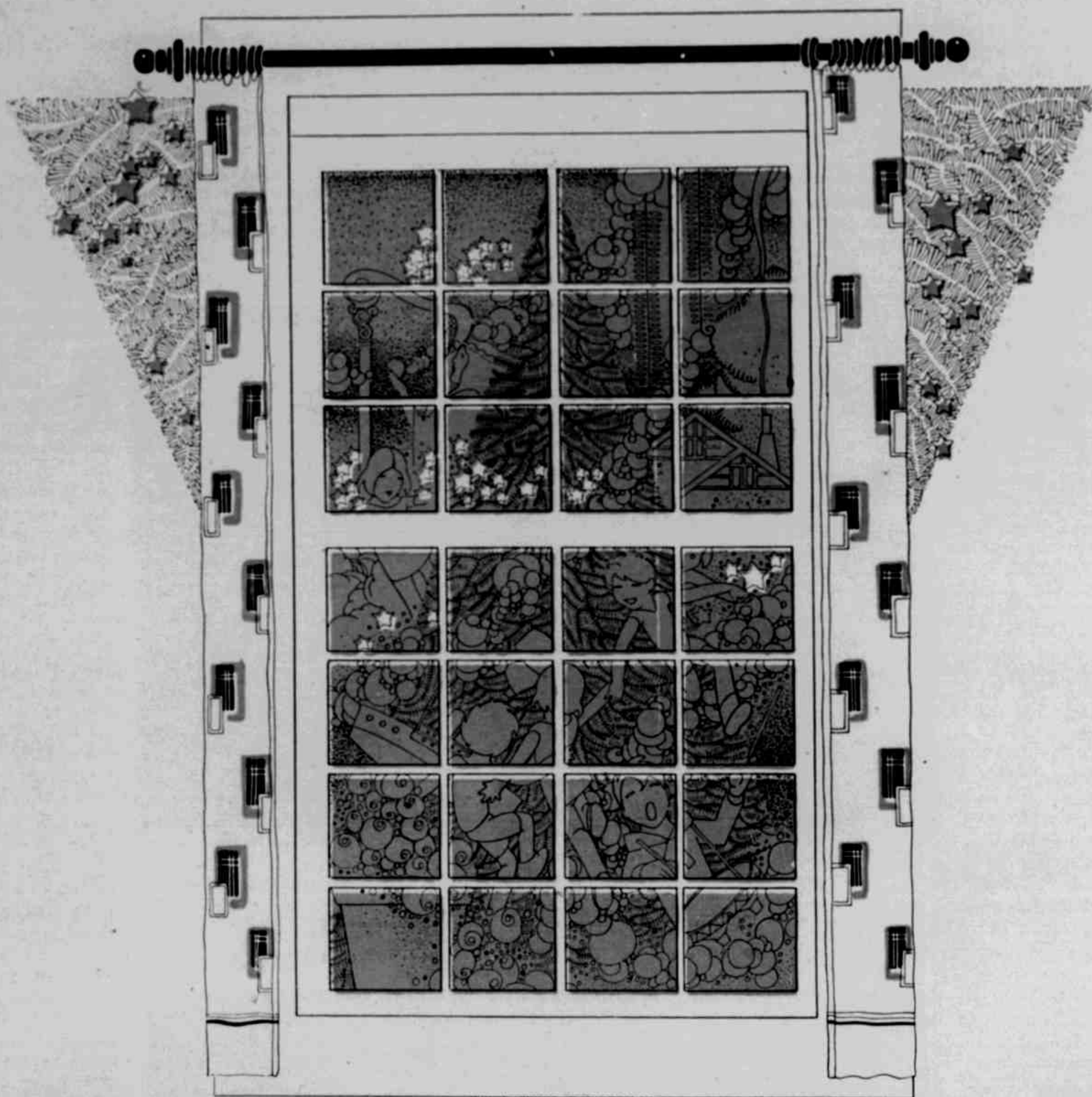
collocada no fim do *panorama*. Tudo isso allumiado por velas que sahiam de castiçaes pregados no meio das ruas, onde existiam lampeões de gaz só para inglez ver.

Havia tambem no centro um tanque pequeno donde jorrava a agua de um repuxo, e onde peixinhos vermelhos saracoteavam de um lado para outro.

Via-se em uma lapinha deitado o menino Jesus, tendo perto de si S. José, Nossa Senhora e S. João Baptista, bois, cavallos, porcos, sapinhos e até leões — uma verdadeira arca de Noé. As pretas lá de casa diziam que aquillo era a cidade do Rio de Janeiro no tempo em que Christo andou pelo mundo; aquellas torres, umas eram da Candelaria, esta a de Santo Ignacio do Castello, e aquella outra a da *Penha;* a montanha o *Corcovado*, e o lago era o do Passeio Publico!

A meninada ficava de cama e de dieta um ou dois dias, findos os quaes estava-se prompto para a patuscada. Continuavam as cantatas ou trovadores da rua; mais tarde apparecia o bumba meu boi, as dansas dos pastores e entrava-se no Anno Bom e Festa dos Reis.

Dos trovadores desse tempo conheci o Anselmo, que ao som do violão era capaz de cantar um dia inteiro modinhas, todas differentes.

São de seu repertorio: *A saudade roxa, mimosa flôr — Qual quebra a vaga do mar — A gentil Carolina — Dizem que vejo e não vejo — Si os meus suspiros pudessem — Mandei um terno suspiro — Os mandamentos da lei do amor*, etc., etc., etc.

NOITE DE NATAL

E porque é noite de Natal olho a janella sem querer.
Depois recordo a minha infancia e vou buscar na minha infancia as minhas festas de Natal.
Envelheci e estou menino.
Não ganhei nada, não perdi nada.
Brinquei de róda com o meu destino.
"Anda a róda, desanda a róda."
Não perdi nada, não ganhei nada.
Tive uma roupa de marinheiro e fiz viagens que nunca fiz.
Tive uma casa cheia de gente e toda a gente era feliz.
Vejo lá longe aquella vida e ouço cantigas que já cantei.

"Um jardim com tantas flores
qual dellas escolherei?"
Escolho Santa Cecilia que foi o primeiro amor que eu encontrei neste mundo.
Escolho Santa Cecilia, com ella me casarei.
"Comtigo sim,
comtigo não."
O melhor é não casar prá gente sempre se amar.
Não casando não se briga.
Você fica minha amiga, amiga do coração.
E eu fico para você: perfeição...

ALVARO MOREYRA

Vozes da Argentina

POR

BEZERRA DE FREITAS

A india do Chaco é a alma rude e inconsciente da raça. Seu sorriso — sorriso de animal livre, forte, agil — illumina os planos horizontaes e esclarece o mysterio da melancolia argentina. O Chaco foi traçado pela mão de um Deus calmo, gracioso, contente da sua missão piedosa dentro de um mundo impiedoso e fragil. Corpos vestidos de bronze, perfis ignorados do tumulto urbano, almas em conflicto com as forças da natureza, corações tão mansos quanto bravios, onde está o vosso poema de dôr insubmissão?

COLONOS DO PAMPA

Irmãos da terra, eu conheço a vossa ode socialista. Eu li a historia da vossa amargura. O pampa immenso, vosso companheiro puro e alegre, espectador silencioso dos vossos dramas interiores, excita o labor sem fim... De braços abertos, em cruz, acolheis o immigrante ingenuo de Syracusa, o peregrino da Georgia, o budhista amarello do Thibet, o colombiano nostalgico de Barranquilla. E' uma assembléa de homens bons, cantando a oração ao trigo — esse trigo tão desejado, que é o pão nosso de cada dia.

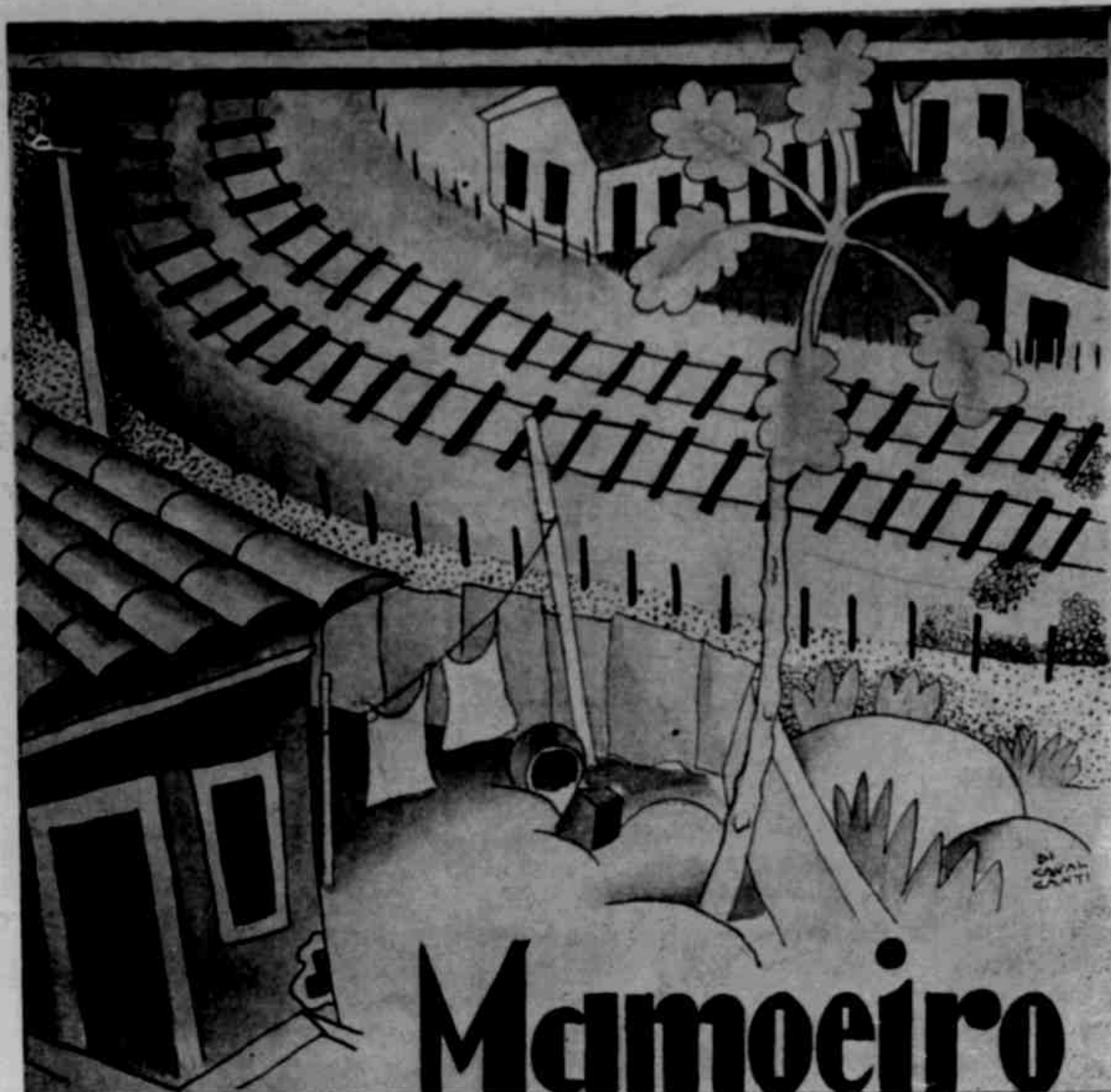
CANTORES DA BOCA

Eu vos senti, abraçado á guitarra, num barco triste sobre a agua immovel do Riachuelo. Domingo operario. A Boca falava de lutas cruentas, aventuras sinistras, punhaes agudos, vinganças inexoraveis, supplicas e desesperos. E eu ouvi:

Has nacido en una cuna
de malevos, calaveras, de vi-
[villos y otras yerbas
Sin embargo quien diria
en el circo de la vida siem-
[pre fuistes un chabón
Entre la gente del hampa
no has tenido perfomance,
[pero dicen los pipiolos
que se ha corrido la bolilla
Y han jurado que sos un
[gran batidor

Cantores da Boca, onde se misturam traficantes, barqueiros e tecelões, o bandoneón que tendes nas mãos traduz as vossas ansias, espalha as vossas paixões. Do outro lado, o lar do cantor. Reminiscencia veneziana. Ninguem sorri. Mas, toda a gente canta. Canta e perturba — pelo colorido, pelo arrebatamento, pela graça com que espiritualiza o sacrificio de viver...

Jesus, Maria, José em Bethlem.

Quadro do pintor russo Tchoukaieff.

Mamoeiro de fundo de quintal
Funccionario publico da botanica brasileira.
Elle vê o N P II passar todas as noites
Com as janellinhas illuminadas.
O fundo de quintal da casa suburbana
Tem um tanque de cimento, um cora-
douro e uma corda esticada com um
bambú.
Paysagem prosaica que espera o augmento
de vencimentos.
E o mamoeiro roido pelo sol resiste
á fumaça das locomotivas e á poeira
dos trens,
Funccionario publico vegetal...
Elle nasce perto dos trilhos da Estrada
de Ferro Central do Brasil.
E o mamoeiro vae vivendo, sem mamões...
Elle nasce de graça nos quintaes.
Mamoeiro triste que vê a patroa
na cozinha fazendo o jantar do
patrão.
Passa veloz o expresso de Nova Iguassú
deixando o mamoeiro abandonado
olhando a pauta longa dos
trilhos da Central.

POEMA DE PAULO SILVEIRA

DESENHO DE DI CAVALCANTI

N A T A L

DESENHO

DE

SCHIPANI

MADRUGADA NO MAR

RIBEIRO COUTO

Esta luz alvacenta é a madrugada. O vento uiva um vago choro de que as ondas riem. E, como toda a noite, numa insomnia enferma, este ôôôôôô-tchééé . . . invade a minha vigia, emquanto a carcassa trepidante do navio avança sem parar. O horizonte é chato e proximo como um pequeno lago de jardim publico, posto sobre a palma da mão de algum deus invisivel. Esta cousa escura, chumbea, donde vem uma frescura tonica, é o Atlantico. Esta outra, indecisa, lactescente, é o céo equatorial, na madrugada que nasce: luz suja, tão suja que o céo parece um velho panno de circo pobre.

Ah, um circo! Effectivamente a planicie redonda, á volta de mim, á volta do navio, é um picadeiro. Que idiota esta excitação de imaginativa cançada, a ver no navio um grande cavallo branco a galopar (ôôôôôô-tchééé), largando espuma do couro luzidio!

O céo cinzento está ficando luminoso? Sim, para os lados da Africa. E' nitido o contraste. Como que ali está a tramar-se algum mysterio de claridades. Tem graça: do lado da Africa, o continente negro.

Nuvens escuras, paradas, formam atropelos, obstrucções de transito aos ventos que lá em cima estão de viagem para o Brasil. Ergo o nariz, muito tempo, a ver si tenho portador de confiança.

Pois sim senhor! Isto é o nascer do dia. Está agora o infinito mar todo claro. O sol continúa escondido, mas deve ter subido alguns metros no horizonte — com o mesmo vagar pachorrento com que, nesta direcção, da costa da Siberia ou de Serra Leoa, algum negro feio vai subindo a um coqueiro para almoçar.

Seis e meia, diz a sineta de bordo. Ali em baixo, na terceira classe, tres clandestinos, de camiseta aberta e peito cabelludo, calças dobradas no joelho, ajudam um taifeiro a descascar batatas, enchendo um tacho de ferro. Uns portuguezes de torna-viagem, deitados na coberta, tomam ar tranquillamente. E á porta da cozinha o marinheiro, que acaba de fazer a faxina, come um pedaço de pão secco, engulindo uns goles de café. Distrahido emquanto mastiga, dá com os olhos em mim, em cima, a espial-o. Sorri, com bom humor. Esse sorriso conta facilmente: "Está duro, mas, que remedio?"

Como este mastro, estes cordames, estas vergas offerecem ao vento um motivo de distração musical! Elle brinca por ahi com a irrequietitude de uma criança sem juizo a batucar num piano.

A proa, incessante, corta as aguas — já agora azuladas, com subitos recortes de espumas, brancas pinceladas fugitivas, laminas movediças, excrescencias de massa escamosa na tinta a oleo da paizagem maritima. Umas rapidas borboletas brancas, em vôos rectos? Peixinhos voadores, minusculos, em campeonatos esportivos. Agora, cambalhotas: peixes enormes, ridiculos, monstruosos acompanhando o navio, fazendo piruetas pesadas.

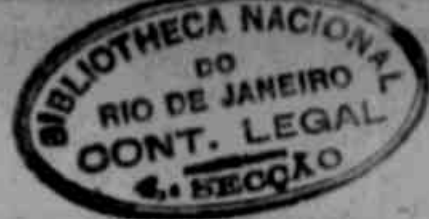
E' manhã para todos. E' manhã a bordo (rumores de vida activa, martelladas, choques de baldes d'agua, tinir de latas, vozes de passageiros, de marujos) e é manhã no mar para esses grandes peixes e esses peixes pequenos, que provavelmente dormiriam bem, sem excitação de nervos, sem insomnia, sem que o vento os incommodasse, no fundo confortavel do oceano.

Agora, do lado da Africa, já se insinuam offuscações.

A mancha clarissima do sol atraz de nuvens de ardosia despeja raios em leque sobre o mar.

Porém, para além da zona estreita em que esses raios incidem, brilhando, existe ainda uma linha escura, exactamente a recuada linha do horizonte, que a luz solar (canalizada por nuvens) não attinge.

Parece uma incrustação de madreperola, um enfeite irradiante, para quebrar esta monotonia do azul cinza.

Naquelle fragmento de mar ha um incendio. O sol, na manhã atlantica, não se mostra a toda a paizagem, a todo o mar. Espectador do grande cavallo branco que corre atravez do picadeiro sem fim, ficou discreto atraz de nuvens, como atraz das cortinas de um camarote. Ou, provavelmente, veio tomar parte na funcção solitaria e demora-se no camarim, em arranjos meticulosos de *toilette*. Por debaixo do panno apparecem-lhe os pés fulgurantes. Subito, essa zona de faiscação some-se. E fica toda a paizagem nesta luz branca e phantasmagorica, como si o sol se tivesse diluido pallidamente por todo o infinito. Não acaba de nascer a manhã. E' sempre madrugada: madrugada espectral, fixa, obsedante, como um pesadelo confuso, no deserto de aguas mansas.

OSWALD
DE
ANDRADE

Caricatura
de
Di Cavalcanti

Solidão

Chove chuva choverando
Que a cidade de meu bem
Está-se toda se lavando

Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglez
Ahi do lado
Que dorme numa cadeira
A' espera de visitas que não vêm

Chove chuva choverando
Que o jardim de meu bem
Está-se todo se enfeitando

A chuva cae
Cae de bruços
A magnolia abre o parachuva
Parasol da cidade
De Mario de Andrade
A chuva cae
Escorre das goteiras do domingo

Chuve chuva choverando
Que a casa de meu bem
Está-se toda se molhando

Anoitece sobre os jardins
Jardim da Luz
Jardim da Praça da Republica
Jardim das platibandas

Noite
Noite de hotel
Chove chuva choverando

As Pendulas do Romantismo

No tempo em que ainda não se tinha torcido o pescoço á eloquencia, e um romance era um acontecimento social, capaz de renovar radicalmente, em alguns annos ou em alguns mezes, o *décor* da vida; a revolução romantica, por meio do theatro, depois pelos bailes a caracter, estendeu-se, com effeito, ás *toilettes* feminina e masculina, á architectura, ao mobiliario, a todas as artes decorativas; as amplas mangas tufadas, a cintura de vespa, as mantilhas, as *toques-à-creneaux* das mulheres, seus chapéos musgosos, nevoentos, aereos, suas *écharpes* immateriaes — tudo isso veiu de Hugo, de Dumas, de Gautier; vendeu-se aos metros o tecido doña sol, o panno catalão, a seda dos burgraves, o velludo azul de Benevenuto Cellini, os setins Médicis; o conflicto intellectual entre os defensores da prosodia classica e os partidarios da prosodia nova, foi transportado para o terreno material e para o dominio da moda, combate sem treguas dos "flamboyants" contra os "grisâtres"; a calça côxa-de-nympha, o collete ameixa de "Monsieur", a casaca azul de zephiro, o collete fechado occultando completamente a camisa e amarrado por traz á maneira dos espartilhos, o feltro de côr, a barba e o cabello de ebano, foram outros tantos symbolos requintados pelos quaes se demonstrava claramente, aos olhos de todos, insolentes opiniões philosophicas, politicas, artisticas, literarias, sociaes; os solares do decimo-sexto seculo, as igrejas gothicas, as cidadellas e as pequenas torres da decoração e da vinheta, foram construidos em todos os pontos do territorio por Viollet-le-Duc e Zassus, immediatamente chamados para reconstruil-os em verdadeira pedra; no interior desses solares installaram-se chaminés monumentaes e vitraes de cathedral, com tapeçarias, arcas e *prie-Dieu*, assim como credencias e consolos, aparadores e trinchantes para as taças e botelhas, os esmaltes e os baixo-relevos; nos vestibulos nada de cabides para chapéos e guardas-chuvas, mas armaduras em attitude de sentinellas; e até nos quartos de dormir, panoplias feitas de capacetes e escudos, guarnecidas de lanças, de grandes espadões de cavallaria e de mosquetes, de machados de guerra, de espadas, de dardos, de punhaes e de adagas; e viuse as casulas de outr'ora, as pluviaes, as toalhas rendadas dos altares, servindo a usanças bem profanas; a joia favorita foi a *ferronière*, as encadernações dos livros, gothicos elles proprios pelos caractéres de typographia e pelo typo das illuminuras, foram *"é cathedral"*; e simularam-se paixões, habitos, manias, chegando-se ao extremo de copiar, com grande auxilio de postiços e unguentos, os traços fataes de Childe Harold, de Manfredo, de Antony, de Hernani; "hoje em dia, dizia Gautier, a orgia é tão necessaria á existencia do homem quanto a um *in-octavo* de Eugéne Renduel"; toda a gente raspou as temporas para obter uma fronte *á la Victor Hugo*: "A fronte de Victor Hugo, escreveu Balzac (em *Modeste Mignon*), fará raspar tantos craneos c|omo a Gloria de Napoleão fez matar marechaes"; o ideal feminimo foi obter do costureiro, a saia em perfeita fórma de sino, e, do colleteiro, o busto em fuso; ellas não se acharam jámais sufficientemente delgadas, bastante finas e realmente descarnadas, e bebiam para emmagrecer, grandes copos de vinagre; jejuaram, para ter a tez livida, o ar de tisica; tornaram-se languidas e enfermiças, sombras que pareciam escapadas dos limbos...

Em seu curioso livro sobre *"O Romantismo e a Moda"*, o Sr. Louis Maigron observou, com justa razão, que uma das mais absorventes preoccupações de Jeronymo Paturat foi, depois de refazer no commercio de gorros de algodão a sua fortuna compromettida pelos loucos emprehendimentos da juventude, possuir uma casa gothica. Elle consultou um dos architectos "les plus chevelus de la capitale", que se vangloriava de não ser um "macaco imitador de Vignole, de Mansard e de Percier, um escravo do dorico e do corinthio, — uma alma vendida ao jonio e ao Toscano". A escolha "entre tres especies de gothico" foi o que elle lhe propoz: "o gothico *a lancettes*, o gothico *rayonnant ou rutilant*, emfim o gothico *flamboyant*". Tendo sido escolhido o gothico *flamboyant* "teremos então, declarou com soberbia o architecto, sacadas ogivaes terminadas em trevo, e, fachada algumas setteiras de onde se possa assestar uma sarabatana contra os truões, individuos perigosos e malfeitores nocturnos."

Exaggero de caricaturista, dirão talvez. Mas eis aqui um documento authentico, fornecido pelo Sr. Louis Maigron, uma cara verdadeira escripta por um joven romantico a um de seus amigos para convidal-o a ir conversar sobre "o edificio gothico" que elle sonha fazer construir no logar de sua casa de campo, em Beangency, onde elle se refaz das fadigas do estudo de direito lendo e relendo *Notre-Dame de Paris*. A execução, elle prevê, nao deixará de ser bastante ardua, "pois eu não quero nella senão coisas authenticamente gothicas. Pouco me importa que venham a encontrar em minha casa detalhes que terão, talvez, sido separados na realidade por um ou dois seculos, quero que elles sejam bellos e que me agradem. Assim, ameias e setteiras, um pequeno torreão onde fluctuará a minha flammula, e pequenas torres aos quatro cantos, mimosas torresinhas, com suas guaritas de angulo bem esguias, de onde poderei perceber, de longe, a chegada de menus convidados e amigos... No interior, eu ficaria radiante si alguma castellã, bruscamente resuscitada, tivesse a sensação de estar em sua casa e de viver entre os objetos que outr'ora lhe foram familiares".

Entre os objectos que ficaram como testemunho desse curioso momento das nossas artes decorativas, os relogios de pendula podem ser considerados, sem duvida, como os mais expressivos. O romantismo, entretanto, não é (apezar de o ter bem merecido) o inventor da sempiterna *garniture de cheminée*, da qual a introducção do *chauffage central* nos appartamentos modernos, começa, apenas, a nos libertar; ella surge, com effeito, no nosso mobiliario, nas proximidades de 1750: Collocarse um relogio em todas as chaminés, escreve já Mercier no seu *Tableau de Paris*, é um erro: moda lugubre. Não ha nada mais triste de contemplar que um relogio. Vemos a vida escoarse, por assim dizer, e a pendula nos adverte de todos os momentos que o tempo nos rouba, momentos que não voltam mais." Todavia, não conviria accrescentar que esse caracter lugubre não desagradou aos nossos bellos tenebrosos, que animavam, no quarto, os *Olympios!* David, e depois Clodion e Caffieri, tinha dominado a esthetica dos motivos dos relogios de chaminé; a historia grega e a romana tinham entrado com a sua contribuição; heróes sob o capacete pesado e armados de gladio, ostentavam-se sobre os sóccos em que se installaram, um pouco mais tarde, os negros, as palmeiras, os saccos de arroz, extrahidos dos tomos de Chateaubriand ou de Bernardin de Saint-Pierre. O romantismo apeou todas essas glorias, que cederam logar aos menestreis e trovadores, castellãs, pagens e cavalleiros, e o proprio relogio assumiu uma feição architectural *"à la cathédrale"* como tudo o mais no mundo; sua funcção normal — indicar a hora — considerada como baixamente utilitaria, passou a representar o papel, infinitamente mais nobre, de elemento de reminiscencias literarias. A belleza externa, a fórma e o estylo da caixa envolvente, interessaram muito mais que o conteúdo, o machinismo de relojoaria para o qual os antigos, ao contrario, tinham voltado particularmente a sua curiosidade e do qual tinham feito defender a solução de varios problemas, taes como o movimento de pequeninos

(Termina no fim da revista).

N A T A L

QUADRO DE LUINI

:: PERTENCE AO MUSEU DO LOUVRE ::

Adoração dos Magos

QUADRO DE LUINI

PERTENCE AO MUSEU DO LOUVRE

Espada offerecida ao General Osorio pelo Exercito Brasileiro na Guerra do Paraguay

Já havia regressado Osorio, quando o Exercito, ainda no Paraguay, promoveu uma collecta, entre officiaes e soldados, para offerecer-lhe uma espada de honra. As contribuições foram reduzidas a libras esterlinas e ao então Coronel Manoel Deodoro da Fonseca foi deferida a incumbencia de promover a execução do projecto.

A espada é de fino aço, tendo o punho e a bainha de ouro, guarnecidos de bellissimos adornos. A bainha tem a extremidade contornada por um dragão que sustenta um globo de platina sobre o qual se acha um anjo de pé, apontando para uma estrella, em seguida notam-se entre trophéos, uma aguia, um leão e a figura da fama; por ultimo num esmalte, o brazão de armas do Marquez de Herval. Todos esses emblemas são circumdados de ramagens de carvalho e de louro, lendo-se as seguintes inscripções: *Passo da Patria* — *Tuyuty* — *Humaytá* — *Avahy* — O reverso da bainha é de ouro polido, tendo, junto ao punho, um quadro em esmalte azul, onde se lê em letra de ouro: *Campanha do Paraguay*.

O punho termina por uma cara de leão com olhos de rubi, pendendo da bocca uma corrente de ouro com uma borla. Na guarda do punho enrosca um dragão, tendo encrustados vinte e cinco grandes brilhantes, diamantinos e, um pouco acima, ha uma miniatura em esmalte, rodeada de brilhantes, representando uma batalha em que se vê Osorio a cavallo. Do outro lado do punho fica, tambem, num esmalte verde cercado de brilhantes, a dedicatoria: — "O Exercito ao bravo Osorio".

O talim é forrado de velludo e bordado a ouro. Apresenta diversas medalhas, destacando-se um medalhão com quarenta e oito brilhantes e a corôa imperial.

A espada é uma verdadeira maravilha de cinzeladura. Foi toda preparada nas officinas do celebre artista-ourives Manoel Joaquim Valentim, que tinha o seu estabelecimento na rua dos Ourives n. 61, entre as ruas Sete de Setembro e Ouvidor. Quem fez o desenho primitivo foi o conhecido artista Facchinetti, os modelos das figuras e das ramagens preparou-os Chaves Pinheiro, e os demais desenhos couberam a Victor Meirelles e Pedro Americo. Como cinzelador trabalhou um artista portuguez que na occasião (1870) se achava de passagem no Rio de Janeiro. De todos os ourives que tomaram parte no preparo da espada só resta o Sr. Valentim José Nauerth, que ainda exerce a mesma profissão e a quem devemos estes esclarecimentos. O director do trabalho, que sem excepção de uma só peça foi todo executado nesta Capital, Manoel Joaquim Valentim, veio a morrer cégo e com mais de oitenta annos.

Antonio Francisco Lisbôa

Entre as manifestações de arte em nossa terra, no seculo XVIII, fulguram as creações de um mestiço que, como nenhum outro, soube comprehender a fórma elegante dos concheados. Esse mestiço era mineiro e chamava-se Antonio Francisco Lisbôa, o "Aleijadinho".

Antes de penetrarmos em detalhes sobre a sua personalidade, seja-nos permittido repetir algumas palavras de Coelho Netto, sobre a arte de manipular a argilla, perfeitamente de accôrdo com as creações do artista (1).

. . . .

"...esculpir não é apenas talhar a pedra ou plasmar o barro — e Deus assim nol-o deixou demonstrado quando, de apollegar na terra a fórma humana, nella infundiu, em sopro de animo, o proprio espirito. O templo e a casa não se limitam ao chão e ao tecto e a musica só nos commove quando ha nella a poesia, que é a alma.

O que se pede á Arte, que é sempre uma synthese de Belleza, é a essencia do divino — a vida, não no que ella tem de material, que é a representação, mas no que ella tem de expressivo, de immaterial e que se transmitte como a claridade — a suggestão."

"A HORA DA MISSA"

Quadro de Haydéa Santiago

Nas maravilhosas palavras de Coelho Netto, sentimos espelhada a alma do artista que tantas bellezas creou; do genio que, da pedra bruta, fazia nascer joias de requintado esmero, rendilhados e estatuas de notavel sentimento e expressão, arabescos caprichosos de curvas graciosas, verdadeira filigrana... Antonio Francisco Lisbôa foi legitimo precursor pelo ambiente em que viveu, auxiliado unicamente pelo dom que lhe foi dado por Deus: a imaginação. Documentação consultiva, não havia no seu tempo, em Minas; muito ao contrario, contra o seu valor e ansia laboriosa, tinha a estupidez de uma época execranda, época em que o uso do escopro era crime, "pelo receio que delapidassem os quintos de S. Majestade". (2).

O "Aleijadinho" não foi homem de muitas letras, era mesmo bem acanhado em semelhante terreno; não obstante isso, possuia uma alma singularmente emotiva e uma intuição tão pronunciada pela grande arte que, com as suas obras, conseguiu chegar aos nossos dias como uma creatura bafejada pelo Creador.

Da sua pouca instrucção existem as mais incontaveis provas; porém, bem pouca importancia tem semelhante circumstancia, deante da obra suggestivamente bella que nos legou. Horrivel de aspecto, vivia em permanente máo humor pela sua fealdade, paradoxo vivo com as concepções que as suas mãos estropiadas perpetuavam na rocha eterna.

Uma idéa justa do seu constante estado de espirito se tem lembrando a vingança que tomou contra o coronel José Romão, ajudante de ordens do governador general Bernardo José de Lorena. Vamos repetir o acontecido que, em bem trabalhada chronica, foi divulgado por Djalma Andrade, estudioso rebuscador da vida do genial artista:

"Contam que fôra um dia chamado a palacio pelo governador, general Bernardo José de Lorena, que lhe queria incumbir a execução de certo trabalho. A principio negou-se comparecer á presença de tão alta personalidade. O seu temperamento rude e a sua natural misánthropia aconselhavam-n'o afastar-se de quaesquer relações.

Muito instado e, afinal, prevendo interesse, foi. Quando chegou á porta do palacio, o ajudante de ordens do general Bernardo de Lorena, coronel José Romão, não podendo sopitar o seu espanto ante tamanha monstruosidade, exclamou, afastando-se:

— Feio homem!

Foi o quanto bastou para que o "Aleijadinho" sahisse precipitadamente para a rua, arrependido de ter accedido ao convite. Mas a figura esguia de José Romão lhe ficou, pelo rancor, gravada nitidamente na imaginação e, no primeiro blóco de granito que trabalhou, esculpindo um "judeu" na ansia de se vingar, gravou na pedra, indelevelmente, os traços physionomicos do ajudante de ordens do general Bernardo de Lorena, imitando, sem o saber, nesse gesto de desaffronta, o genio que, na pintura da capella sixtina, galardoava os demonios com os traços fieis dos seus mais ferozes inimigos."

No "Diario Official de Minas", publicou Rodrigo Bretas um magnifico estudo sobre o artista. Não é demais offerecermos aos leitores alguns topicos do referido trabalho: "Era pardo escuro. Tinha voz forte, a fala arrebatada, o genio agastado; a estatura era baixa o corpo cheio e mal conformado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabello preto e annelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular, beiços grossos, orelhas grandes, o pescoço curto."

Pelo retrato descripto, facil é verificar-se como era horrorosa a figura do artista; para infelicital-o, tinha as molestias que se manifestaram em 1777. São ainda de Rodrigo Bretas as seguintes palavras, precisamente sobre as enfermidades do artista: "Pretendem uns que elle soffrera mal epidemico que, sob o nome de "Zamparina", pouco antes havia grassado nesta provincia, e cujos residuos, quando o doente não succumbia, eram quasi infalliveis as deformidades e paralysias; e outros que nelle se havia complicado o humor gallico com o escorbuto. O certo é que Antonio Francisco perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiaram-se e curvaram-se, e mesmo chegaram a cahir, restando-lhe sómente, e ainda quasi sem movimento, os pollegares e os indices."

Pelo exposto, não é difficil calcular como o artista trabalhava; amarrava a ferramenta nas mãos disformes, e assim desbastava a pedra bruta, fazendo surgir della verdadeiros e primorosos lavores.

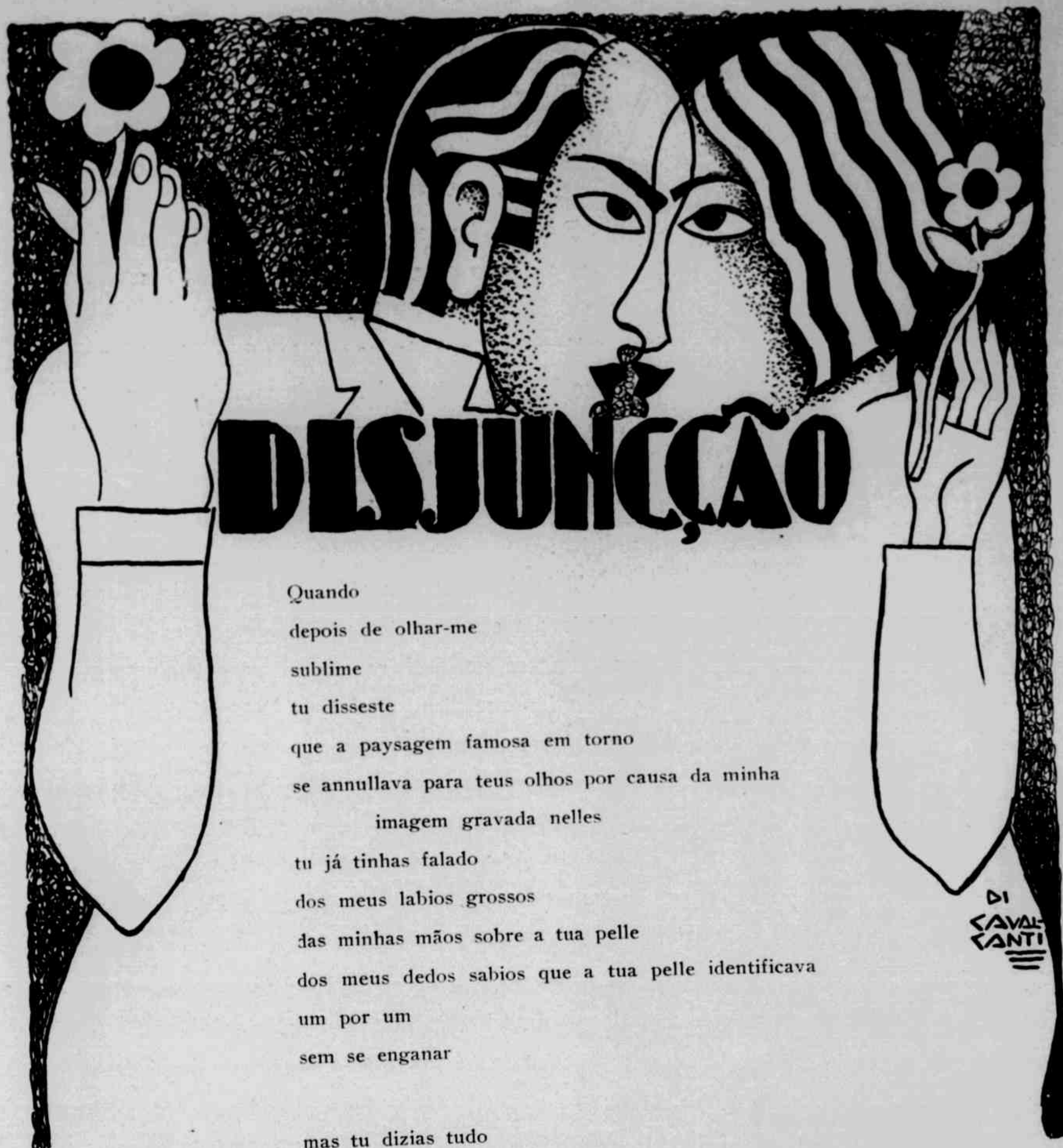
Não era só esculptor o "Aleijadinho", a architectura tinha nelle um cultor de larga visão esthetica.

Muito mais de um seculo se passou sobre a morte do genial artista e nada ainda foi feito para perpetuar a sua individualidade.

Se "Aleijadinho" desprezava as loas e os panegyricos em torno da sua personalidade, não quer dizer que façamos outro tanto. Elle merece o nosso reconhecimento, e ainda é tempo de alguma cousa fazermos para glorifical-o.

(1) "Jornal do Brasil" de 29 de Agosto de 1921

(2) Arte Brasileira — Gonzaga Duque

ADALBERTO MATTOS

DISJUNCÇÃO

Quando
depois de olhar-me
sublime
tu disseste
que a paysagem famosa em torno
se annullava para teus olhos por causa da minha
imagem gravada nelles
tu já tinhas falado
dos meus labios grossos
das minhas mãos sobre a tua pelle
dos meus dedos sabios que a tua pelle identificava
um por um
sem se enganar

mas tu dizias tudo
como si a tua sensação viesse do outro lado da
tua alma
e eu senti
que tudo da tua realidade occasional
era a face opposta da mesma realidade tambem minha
que nada era exactamente mentira
mas que a ser verdade
era mais o avesso da mentira
como o avesso de uma tapeçaria.

POEMA DE FELIPPE D'OLIVEIRA

DESENHO DE DI CAVALCANTI

22 — XII — 1928

HOOVER

Está de hospede, rapido e bemvindo, nesta nossa terra, onde se ensaia timidamente uma bisonha democracia, Herbert Clark Hoover.

Escolhido por alguns milhões de suffragios para chefiar o Estado mais poderoso do mundo, Hoover é apontado como afastando-se, pelo seu valor individual, da mediocridade que, lá como em toda parte, parece aos scepticos do evangelho democratico ser apanagio da grey politica.

Aliás, Hoover tem sido ainda na administração, o technico; a sua carreira politica propriamente dita começou agora, por onde raros acabam, pois o primeiro cargo electivo que disputou foi o de Presidente...

De ascendencia "quaker", de origem modesta, tem fama de homem de poucas palavras. Engenheiro de minas, desde cedo entregue á actividade profissional, na China, na Africa do Sul, nada o fazia diverso do exercito de technicos que constituiram dia a dia o predominio dos Estados Unidos sobre o mundo.

A guerra revelou-o: organizador de soccorros ás populações flagelladas, dictador dos viveres, emfim, ministro do commercio, preposto á obra formidavel da adaptação da industria norte-americana ás condições creadas pela concurrencia mundial e pela obrigação de conquistar novos mercados. E' em Hoover que se personaliza a tarefa ingente dos Estados Unidos na pesquiza e adopção de methodos de organização do trabalho tendentes á melhor regulamentação da producção.

Inaugurando, com a presente viagem aos paizes da America Latina, a sua actuação como presidente dos Estados Unidos, é-nos grato antever nisso o melhor signal de uma politica externa consentanea com a satisfação de interesses e aspirações communs.

O PRESIDENTE HOOVER
(Caricatura de Di Cavalcanti)

DOMINGO, DEZESEIS DE DEZEMBRO,
NO PRADO DO JOCKEY CLUB

Os burros ás vezes fazem chorar...

Mas os cavallos sempre fazem sorrir...

O Imposto Unico

CONTO DO NATAL

MONTEIRO LOBATO

NO principio era o pantano, com vallas d'agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabahú, relvado, com ruas de macadam, pergola grata a namoriscos nocturnos, a estatua dum adolescente nú que corre, — e mais coisas. Autos voam pela avenida central, e cruzam-se pedestres em todas as direcções.

Naquelle dia vi formar-se por ali um bolo de gente, rumo ao qual caminhava um policia apressado. — Phagocitose, pensei. A rua é a arteria, os passeantes o sangue. O desordeiro, o bebedo, o gatuno, os microbios nocivos perturbadores do rythmo normal da circulação. O soldado de policia é o globulo branco — o phagocito de Metchenikoff. Está, de ordinario, parado no seu posto, circumvagando olhares attentos. Mal se congestiona o trafego, pela acção anti-social do desordeiro, move-se, caminha, corre, cáe a fundo sobre o máu elemento e arrasta-o dali para o xadrez.

Foi assim naquelle dia. Dia sujo, azedo. Céo dubio de decalcomania pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem pertubára a paz do jardim, e em redor desse discolo juntára-se logo um grupo de globulos vermelhos, especie "curiosa". E lá vinha o phagocito restabelecer a harmonia universal.

O caso gyrava em torno duma creança, menino maltrapilho que tinha a tiracollo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita por suas proprias mãos.

Muito sarapantado, com lagrimas a brilhar nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem attendidas. Sustinha-o pela golla um fiscal da camara.

— Então, seu cachorrinho, sem licença, hein? — exclamava entre colerico e victorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor. Arreganha como buldogue; mas se lhe sacodem osso, recolhe os colmilhos e vira cordeiro. Naquelle dia, presentindo ausencia de osso, permanecia féra de começo a fim. Haviam de ver! Sacudiu de novo o menino, repetindo:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

A miseravel creança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquella de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutaes. Foi quando entrou em scena o policial.

Este globulo branco era preto. Tinha beiço de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas accesas, relembrativas das cavernas de Trophonius. Approximou-se. Rompeu o magote humano com um napoleonico — "Espalha!"

Humildes alas se abriram áquelle magico sezamo, e a Autoridade, avançando, interpellou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo illegalmente a profissão? Encontrei-o banzando por aqui, com estes troços, a fisgar com os olhos os pés da gente e a dizer — "engraxa, freguez!" Eu vi a coisa de longe, vim pé ante pé, disfarçando, e, de repente, Nhoc! "Mostre a licença", eu disse. "Que licença?" — fez elle com arzinho de innocente. "Ah! você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!" E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leval-o ao deposito, autoar a infracção para proceder como de direito, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxilla Fiscal. O solenne Mata-Piolho da Manopla Policial concordou: — E' isso mesmo. Casca-lhes!

E, chiando por entre dentes uma cusparada de esguicho, deu sua sacudidella supplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de soba no Kraal:

— **Circula, paisanada! E' "purivido" ajuntamentos de mais de um!**

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E Páu de Fumo, em attitude de Bonaparte em face das Pyramides, ficou, de dedo no nariz e bocca entreaberta, a gozar a promptidão com que num apice sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua inspectoria.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem vegetação outra além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas.

Aquem da Varzea, S. Paulo crescia. Terra firme e alta, erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo, em todas as direcções: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas: a do Imperador, Direita, S. Bento.

Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria!

Deram-lhe um dia o viaducto, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam, gozosos, tres cobres para se embebedarem, atravessando-o, da vertigem do abysmo. E em casa, cheios d'orgulho, narravam a aventura ás esposas e mães pallidas de espanto. Que arrojo de hômem, esse Jules Martin que ideára aquillo!

Emquanto São Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se no brejal negro legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra, um choral subia, de coaxos, "pan-pans" de ferreiros, latidos de mimbuias, glu-glus de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezagueantes riscavam phosphoros ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando, lá no Oeste, a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, attonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o atoleiro; a agua escorreu; os sapos, espavoridos, sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tietê; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição dos guembês, resurtiu a cogumelagem de centenas de casas typicas, — porta, duas janellas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côr de ardosia que já o sol resequira e donde o vento erguia nuvens de pó negro, margearam-se com rapidez febril desses prediosinhos terreos, iguaes uns aos outros como sahidos do mesmo molde, pifios, mas unicos possiveis então, — casotas provisorias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó de sapato a força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraiou-se de todos os lados, comeu todo o barro pixuna da Moóca, bateu estacas no marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, poz de pé igrejas, macadamisou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e corso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separada de S. Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — a Pesth desta Buda a beira do Tamanduatehy plantada.

São duas cidades vizinhas, distinctas de costumes, de almas já bem diversificadas. Hoje, ir ao Braz, é uma viagem. O Braz não é aqui, como o Ipiranga; é lá, do outro lado, embora mais perto que o Ypiranga; Diz-se — vou ao Braz — como quem diz — vou a Reggio. Uma Reggio aggregada como um bocio recente e autonomo a uma "urbs" antiga, filha do paiz; uma Reggio funcção da terra negra, italiana por sete decimos e "algo nueva" pelos tres restantes.

* *

O Braz trabalha de dia, e, á noite, dorme. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destas tem predilecção pelo 21 de Abril; vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patricio) vem a S. Paulo. Entope os bondes no travessio da Varzea, e, cá, ensardinha-se nos autos: o pae, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de traz; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino, volun-

tario, no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do "chauffeur"; filhos engatinhantes debaixo dos bancos, filhos em estado fetal, no ventre bojudo das matronas. O carro, vergado de molas, geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade ruas acima, exhibindo a Paulicéa aos olhos arregalados daquelle exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no triangulo, e o bando toma de assalto as confeitarias para um regabofe de spumones, si-sis, croquetes. E tão a serio toma a tarefa que, ali pelas 9 horas, não resta mais vestigio de empadas nos armarios thermicos, nem de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa e alegremente; e sáe impando bem aventurança estomacal, com massagens ageitadoras do abdomem. Caroços de azeitonas, palitos dos camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem com elle, nas munhecas da petizada, como lembrança da festa e consolo ao bersalherezinho que lá ficou de castigo, berrando com guela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! Abarrotam-se os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bartini e ri nas comedias a gaz hilariante da L — Ko mais do qúe o autorisam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o geito de dobrar a festa em extensão e obtel-a a meio preço, 550 réis — um negocião!

•

• •

As mulheres do Braz ricas d'ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam filho e meio por anno, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de vel-as na rua: bojudas de seis mezes, trazem um Pepino de anno e meio á mão e um chorincas á mama. A' tarde o Braz inteiro chia de criançalha, chutando bolas de panno, jogando o pinhão, ou a piorra, ou tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de portuguez e dialectos d'Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos occupadas em manobras d'agulha de osso, espigaitam para os maridos os successos do dia, que elles ouvem philosophicamente, cachimbando em silencio ou cofiando a bigodeira á Humberto.

De manhã, madrugadinha, esfervilha o Braz de gente estremunhada em caminho das fabricas.

A' tarde refluem em magotes — homens e mulheres, de cesta no braço ou garrafas de café, vazias, penduradas ao dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, singelas no vestir, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos beccos, nas sombras — o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janellas aos passeios; pares, em conversa disfarçada, nos portões, emmudecem se passa alguem ou tossej lá dentro o pae.

Nos cinemas, durante o escuro das fitas, ha contactos longos, febricitantes; e quando rompe a luz dos intervallos não sabem os namorados o que se passou no quadro — mas estão de olhos langues, em quebreira de amor. E' o latejar da messe futura. No anno seguinte todo aquelle erectismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto, — legalisado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e trabalheiras sem fim de casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e attrahe sobre si os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis dois annos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a respeito do molho de cenouras onde ha uma menor que as outras...

Filho da lama negra, o Braz é, como ella, um sedimento de alluvião humana. E' S. Paulo mas não é a Paulicéa. Ligada a esta pela expansão urbana, separa-os uma barreira - a eterna barreira que separa o velho fidalgo do peão enriquecido...

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE

Viram-se, elle e ella. Namoraram-se. Casaram. Casados, proliferaram.

Eram dois. Ajoujou-os Eros. Viveram juntos, uns mezes, os tres. Eros é andejo. Abandonou logo a casa. Mas veio o primeiro filho e continuaram tres. Depois, quatro, e cinco e seis...

Chamava-se Pedrinho, o mais velho.

A VIDA

A mãe, de pé na porta, espera o filho que foi á padaria. Entra o pequeno, vasio de mãos.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa com desespero.

— Meu Deus! Onde iremos parar! Hontem, a lenha; hoje o pão... Roupa pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma cousa... Que será de nós, Deus do céo!

Depois, voltando-se ao filho:

— Vae á outra padaria, disse, quem sabe se lá... Se fôr a mesma cousa, traga um pedaço, então.

Pedrinho se foi. Nove annos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado, e vestido com os trapos descorados das velhas roupas do pae.

Este trabalhava num moinho de trigo, ganhando jornal insufficiente á manutenção da familia. Se não fôra a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir.

Para augmento de renda lembrou-se ella, uma vez, de cultivar hortaliças num terreno baldio, annexo á casa. Alugou-o ao capitalista proprietario e iniciaram, ella e os filhos, a plantação. Ia em meio a horta, com grande gaudio de todos, esperançados em tirar da terra mãe a fartura, quando, um bello dia, o fisco lhes pára á porta, espia as couves e arreganha a dentuça: ou pagavam a licença ou destruiam os canteiros incontinenti.

Foram forçados a destruir porque o imposto de licença subia muito acima das suas posses.

Esses homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados, que correm pelas ruas dentro de autos luxuosos, e porque o cambalacho politico os fez ministros se julgam estadistas, deviam descer dos tamancos e vir cá embaixo contemplar scenas dé mãe e filhos esfaimados a arrancarem, com lagrimas nos olhos, as plantinhas que cresciam tão bem... Porque lá um bello dia o povo, desesperado, fal-os abrir os olhos, a guilhotina, a dynamite...

Todas as mais tentativas feitas no intento de melhorar a vida com industrias caseiras, esbarraram no obice tremendo do fisco. A fera condemnava-os á fome. Paciencia.

Escravisados assim, José perdeu, aos poucos, a coragem, o gosto de viver, a alegria, e vegetava aparvalhado, recorrendo ao alcool, para allivio da situação.

Bemdito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que fazes esquecer a vida e abrevias-lhe o curso! Bemdito, porque embruteces, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia!...

Mariana, apezar de moça, 27 annos apenas, apparentava o dobro. A labuta permanente, os partos successivos, a chiadeira da filharada, a canseira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o somno fôrça, fizeram da bonita moça que foi a escanzellada besta de carga que era.

Seus dez annos de casada!... Que eternidade de canseiras!...

Rumor á porta. Entrava o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebeu-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se á mesa, apoiando nas mãas a cabeça. Cansado. A mulher proseguiu:

— Está a oitocentos o kilo. Hontem foi a lenha... E lá? Augmentam o jornal?

O marido esboçou um gesto de infinito desalento, e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço e elle sentia-se esmagado entre seus dentes. Inutil, resistir... Destino...

Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Elle acabava grunhindo rugidos surdos de revolta.

Falava em revolução, saque. Ella consolava, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove annos. Logo está em ponto de nos ajudar. Um pouco mais de paciencia, e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura acção. Entrou a sonhar. Que fariam delle? Na fabrica, com o pae? Se lhe dessem a escolher iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam nickeis!

Sonho vae, sonho vem, brota na cabeça do menino uma idéa. Idéa que cresceu, tomou vulto extraordinario e fel-o perder o somno: começar já, amanhã! Porque não? Faria elle mesmo a caixa; escovas e graxa com o tio arranjaria. Tudo ás occultas, para surpreza dos paes!... Iria postar-se n'uma praça onde passasse muita gente. Diria como os outros: "engraxa, freguez!" e nickeis sobre nickeis haviam de juntar-se nos seus bolsos... Voltaria para casa recheiado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe, anciosa, começasse a ralhar, elle, glorioso, lhe taparia a bocca, despejando na mesa o monte de dinheiro... O espanto della, a cara admirada do pae — o gosto da criançada com a perspectiva de ração em dobro!... E a mãe a apontal-o aos vizinhos: "Vê que coisa? Ganhou só hontem, primeiro dia, dois mil réis!" E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: "E' este!..."

Pedrinho não dormiu, febril. Madrugou. E passou o dia a dispôr as taboas dum caixote velho, na factura duma caixa de engraxate pelo molde classico. Lá a fez. Os pregos bateu com o salto duma velha botina. As taboas serrou pacientemente com um facão dentado. Sahiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — só caberia sobre elle um pézinho de creança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpinteiro lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa, pôl-a a tiracollo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas, fóra d'uso, já sem pêllos, mas que á sua exaltada imaginação afiguraram-se optimas. Graxa conseguiu alguma raspando o fundo de quantas latas vasias encontrou no quintal.

Prompto! Estava armado cavalleiro. Ia penetrar na vida, vencer.

Aquelle momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade victoriosa; era como n'um sonho — e sonhando sahiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer em montes nas suas mãos. Dava á familia parte; o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde guardava suas roupas, montaria um "correador", pondo a jornal outros collegas. Augmentavam as rendas! Enriqueceria! Compraria bicycleta, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os paes... Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquillo, a relva tão verde, tosadinha!... Havia de ser bom o ponto. Parou perto d'um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, se pôz a murmurar para cada passante, fisgando-lhe os pés: "Engraxa, freguez!"

Os freguezes passavam sem lhe dar attenção "E' assim mesmo, reflectia, no começo custa. Depois, afreguezam."

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Correu-lhe os olhos nos sapatos. Sujos. Viria engraxar, com certeza. E o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estréa. Ergueu-os de novo para o homem, já a cinco passos, e sorriu com infinita ternura nos olhos, n'um antecipado agradecimento onde havia thesouros de gratidão.

— Então, cachorrinho, que é da licença?

EPILOGO? NÃO! PRIMEIRO ACTO

Horas depois o fiscal apresentava-se em casa de Pedrinho, com o pequeno pelo braço. Bateu. O pae estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não apparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-bocca.

O fiscal exigia pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosnou Buldogue, conheço o truque dessa aguinha dos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte ou penhóro esta cacaria. Exercer illegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, minha madama, dê-se por feliz de ser só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseraveis; senão applicava o maximo. Mas se resiste, dobro a dóse!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram. Uma chispa má de odio represado faiscou nelles. O fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. E' assim que as quero — tesinhas! ah! ah! ah! Marianna não respondeu. Foi á arca, reuniu o dinheiro que havia, dezoito mil réis, ratinhados havia mezes, aos vintens, para o caso d'alguma doença. E entregou-os ao Fisco, n'um sobrehumano esforço de contensão.

—E' o que ha, murmurou, com tremuras na voz.

O homem contou o dinheiro, metteu-o gostosamente no bolso e disse:

Sou generoso; perdôo o resto. Adeusinho, belleza!

E foi-se.

....

Lá no fundo do quintal o pae batia com furor no filho..

MONTEIRO LOBATO.

RUA
1
PARA
DEPUTADO
VASCO
2x0
OVOS
DUZIA
4$000
O MENINO QUE FOI BUSCAR
A VARA DE MARMELLO
PARA APANHAR DA MÃE
A J. CARLOS - O ARTISTA
QUE DEVE ORGULHAR A
TODO BRASILEIRO
ROBERTO RODRIGUES
XXVIII

NATAL...

Como lhe surgia aos olhos deslumbrados a felicidade daquella palavra perdida na distancia...

Assim um sonho bonito, tudo lhe veiu á retina da vida:

Os annuncios luminosos da cidade esfusiante, em noites de orgia:

"Alhambra"

"Papagaio-de-ouro"

"A caixa da felicidade"

"O numero treze da vida"

"O NATAL DA MILONGA"

...E ella continuou extraviada nas ruas plenas de gente alegre.

Havia naquelles olhares tumultuósos a delicia de tudo. O sonho contente de uma noite de Natal tantas vezes interrompida... O fascinio das luzes bêbedas do arco-iris dos corações desorientados

... Depois, quiz comprehender o mysterio de uns olhos descoloridos pelas lampadas esgotantes de mulher...

Emtanto elles não viram o caminho da felicidade. Viéram céleres. E se perderam no delirio das outras mulheres que alguem sabia decifrar.

Um cigarro inglez preso aos labios de um homem conhecedor da vida, espiralava o ambiente elegante de um automovel fechado que passou.

Uma dansarina de nome, fazia por ostentar as joias esplendentes nos dedos esguios que seguravam o volante do seu carro de classe.

Um industrial obêso afundado no macio das almofadas de velludo, demonstrava saber na réclame do seu dinheiro.

Milonga sabia que isso tudo se chamava felicidade. Que a vida era a grande delicia. E que um Natal representa a noite suprema da nossa vida.

Esse mundo que se agitava dentro da noite magnifica, por certo que ansiava por um Natal pleno de alegria.

Alguns teriam as mesas repletas de champagne. Charutos estrangeiros. Licôres finos.

Emfim, uma ceia de gôsto, onde sorriem labios femininos, numa orgia rubra de papoulas...

Outros não teriam vinhos europeus de rótulo. Nem mulheres importadas. E tambem não haviam de sentir falta.

... E ella teria nos olhos o pranto da desventura. A alma desguarnecida de qualquer affecto verdadeiro.

Seria este o seu Natal. Pois seu coração era a arvore despida das canções bonitas do amôr.

Pensou como o homem que vende bolas polychromas cheinhas de gaz, que um dia se evolaram pelo infinito. E o homem que perdeu sua fortuna começou a sorrir para o arco-iris que fugia em direcção das estrellas que se despetalavam...

Assim um sonho bonito, tudo lhe veiu á retina da vida:

Os annuncios luminósos da cidade esfusiante, em noites de orgia:

E os olhos grandes da milonga se eivaram de felicidade...

Dansa de Suburbio

POR

JOSUÉ DE CASTRO

Raquel Torres sonha acordada na noite mais bonita do anno

Quando se dansa na casa de Seu Juca só não goza quem é trouxa. Tudo ali está dizendo, está mostrando que quem não tirar sua lasquinha, perde o prestigio e a noite.

Eduardo comprehendeu isso e entrou logo de-com-força. Foi todo no trinque. Camisa listada de peito e collarinho duro. Jaquetão azul com cada botão tamanhão assim. Cabello asphaltado de gazolina. Gravatinha de laço de borboleta com uma perna só.

Seu Juca recebeu com muita alegria o filhinho querido do seu amigo Estanislau. Gabou-lhe a linha e a boniteza e tratou de mettel-o na escola.

— Vou apresental-o a uma menina interessante. — E chamou uma moreninha doutro-mundo com a bocca de hemorrhagia e o corpo feito de junco. Ella veiu vindo soltando risinhos e com passo miudo:

— O que é Seu Juca ?

— Eu quero apresental-a ao meu amigo Eduardo de Lacerda, filho do meu amigo Estanislau de Lacerda, que é esse rapaz elegante e intelligente. Aqui, a senhorita Pipita de Oliveira. —

Muito prazer derramado na bocca dos dois.

Um fox-trote colher-de-páo mexeu com elles como quem mexe feijoada na panella da casa de Seu Juca. Estava fervendo.

Eduardo tropeçou com outro par. Era uma gorducha enroscada nos braços finos do Juviniano, magro como elle só. Eduardo derramou no ouvido de Pipita:

— Espia aquele toucinho se derretendo nos ossos do Juviniano. Vê só.

Pipita gostou. Deu um geito melhor no corpo e poz a mão bem no pescoço do rapaz. Elle ficou faiscando. Chamou mais o corpo dengoso da pequena, mas o safado do negro do "jazz-band" bateu com força no bombo: Pum. Parou de tocar.

Tome palma no ouvido seu moleque preguiçoso. A orchestra emendou com um tango. O mulato do bandaleão fez um dorso de gato no instrumento e soltou bem gozado um tango lento e preguiçoso.

Eduardo deu outra chamada na pequena e espichou um passo bonito.

Deu certo. Outro passo mais complicado. Deu certo. Eduardo estava besta. Só borracha estira tão na conta. Esta pequena é boa.

Elle pensou: Seu Juca disse que eu era elegante. Está se vendo. Mas tambem disse que eu era intelligente. Vou mostrar. E soltou:

— A senhorita terá mandado fazer ondulação permanente no corpo ?

— Tem graça. Eu nasci assim.

E pelo resto da noite a dentro Eduardo só por caridade andou ondulando o corpo das outras pequenas que não tinham nascido assim.

Terra carioca

Aspectos do Campo de Sant'Anna

O REPUXO GRANDE

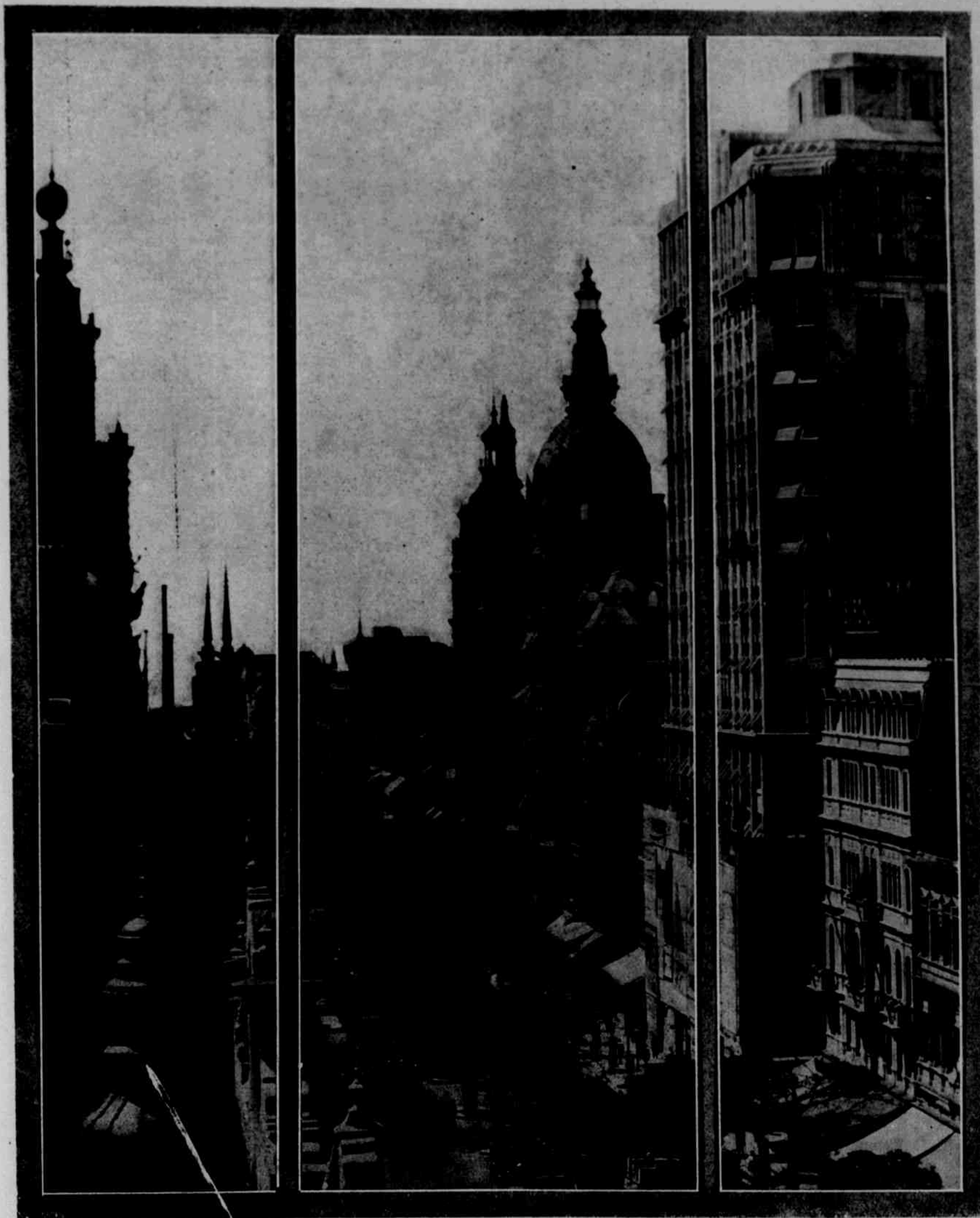
A SOMBRA DA VELHA ARVORE

UMA PONTE

O GRANDE LAGO

O REFUGIO DAS COTIAS

NA CASCATA

Photos A. Mattos

ASPECTO MONUMENTAL DA AVENIDA RIO BRANCO, VENDO-SE O SEU PRIMEIRO ARRANHA-CÉO

D E S E N H O S D E C I C E R O D I A S

Meio dia.
Quebra-se na matta
o grito gostoso dum arapapá
Coagulam-se estirões de terra murcha
estendido ao sol para seccar
Um socó-boi sózinho
bebe o silencio

Longe longe
atraz dum fio de matto esmagado
estiram-se horizontes...

Brilha a pelle do Onça-poyema
Vou me banhar na agua sarú:

Tango lelê, compadre,
Si eu demorar muito você me chame

Tango lelê lalunga,
Essa lagôa tá toda furada de sol

Tango lelê chimbum
Ai, compadre,
a agua tem a mollura gostosa de polpa de perna de
moça, compadre !

R A U L B O P P

Poemas da Cobra Norato

Lá vem um navio
Vem-que-vem-vindo depressa todo illuminado
Parece feito de prata...

— Aquillo não é navio, compadre !
Mas os mastros, os holofotes e o casco dourado ?
— Aquillo é a Cobra Grande. Conheço pelo cheiro !
Mas as velas de panno branco, embojadas de vento ?
— São mortalhas de defuntos que eu carreguei.
Conheço pelo cheiro !
... E aquella bujarrona bordada ?
— São as camisas das noivas da Cobra Grande.
Conheço pelo cheiro !

Ai, compadre
A visage vae se sumindo lá pelas bandas de Macapá

Neste silencio de aguas assustadas
parece que ainda ouço um ai-ai se quebrando no fundo
da noite

Quem será desta vez a moça-noiva
que vae lá dentro, soluçando,
encerrada naquelle bojo de prata ?

SAMBA

POR

DI CAVALCANTI

Nossa Senhora e o Menino Jesus

QUADRO DA ESCOLA BOTTICELLI

:: PERTENCE AO MUSEU DO LOUVRE ::

Uma enquête literaria

A figura de A. J. Pereira da Silva tem de ficar neste periodo da historia da nossa literatura como uma das mais puras expressões da alta poesia do Brasil. Neste momento, o nome de A. J. Pereira da Silva talvez não seja um nome popular, no sentido em que se entende geralmente a significação desse vocabulo, applicado aos poetas e artistas. Mas em compensação, entre os iniciados, entre os espiritos de élite e as almas verdadeiramente sensiveis, o seu nome, como de um mestre, gosa do maior respeito e suscita a maior admiração. Como artista, elle não é do genero desses que arrastam após si, extasiando-os, o fervor e o applauso da multidão. O seu feitio é de um aristocrata da arte. Como poeta, como homem de pensamento, como philosopho, nunca cortejou a popularidade, nunca transigiu com o gosto facil da turba. Elevou-se até onde não alcança a comprehensão mediocre dos papalvos, para compôr uma obra cuja grandeza assignala um dos maiores espiritos da nossa época.

Tendo horror a esse cabotinismo que anda por ahi, de polaina, pela Avenida, a dar engulhos á gente decente, Pereira da Silva acastellou-se na sua torre de marfim, indifferente aos ruidos exteriores do mundo, para servir á sua nobre Arte, com devoção e á maneira dos Apostolos. No templo augusto, officiou com uncção. E trabalhando em silencio, fiel ao mesmo principio flaubertiano, da Arte pela Arte, poude concluir esse monumento poetico que representa a sua obra em verso, desde o "Vae Soli!" publicado em 1907 até o seu ultimo livro, esse poema cheio de harmonias secretas a que intitulou docemente "Senhora da Melancholia".

Mas o grande valor de Pereira da Silva não se affirma apenas no verso. Elle é tambem, sempre foi, desde o tempo da "Cidade do Rio", onde appareceu, até hoje, um brilhante, fino e fecundo jornalista. A maioria dos jornaes do Rio tiveram nas suas columnas a projecção do seu talento.

* * *

Filho da Parahyba do Norte (cidade de Araruna) Pereira da Silva veiu para o Rio ainda menino, iniciando, como ficou dito, sua vida jornalistica na "Cidade do Rio", em 1905, com Patrocinio Filho, Corynthо da Fonseca, Baptista Coelho e outros. Por essa época feriam-se as lutas determinadas pelo apparecimento do Symbolismo ... de saudosa memoria. Pereira encontrava-se incorporado ao grupo de moços que reflectiam aqui o espirito renovador da nova poesia dominante na França, principalmente na Belgica e em Portugal. Malarmé, Maeterlinck, Nitsch, Camillo Monclair, Baudelaire, Rimbaud, Nobre, Eugenio de Castro, os "Simples" de G. Junqueiro etc., etc., foram lançados no meio intellectual do Rio por esse grupo de rapazes de talento. Principalmente na "Rosa Cruz", revista da Arte pela Arte, régia de aspecto, absoluta nas suas doutrinas, inflexivel contra annuncios, inquisitorial na critica aos "Velhos", a geração anterior, dos quaes elles só resalvavam os Raul Pompéa, Luiz Delphino e Gonzaga Duque.

A "Rosa Cruz" representava a cruzada pela glorificação de Cruz e Souza, injusticado pela critica orthodoxa.

O seu discipulo amado, poeta e ensaista, Saturnino Meirelles ("Astros Mortos", versos, "Intuições", prosa) mantinha-se com sacrificio seu e do grupo, para a edição dos ineditos de Cruz e Souza. Foi nesse mensario que surgiram Castro Menezes, o talento mais fulgurante do grupo, Carlos D. Fernandes, Gonçalo Jacome, Cassiano Tavares Bastos, Felix Pacheco, Paulo Silva Araujo, Bernardo Sobrinho, Collatino Barroso, Mauricio Jubim, etc.

A sua duração foi ephemera, mas a sua actuação na gente nova foi profunda. Basta vêr a influencia exercida pela poesia de Cruz e Souza.

Por esse tempo houve uma verdadeira floração de Revistas e appareceram Paulo Barreto, Goulart de Andrade, Hermes Fontes, Joaquim Vianna, Victor Vianna, Oliveira e Silva, Mario Pederneira, B. Lopes, Luiz Pistarini, Raul Braga, Raul Pederneira, Lima Barreto, Elisio de Carvalho, Figueiredo Pimentel e outros nomes de merito.

Nessa época appareceu o seu primeiro livro "Vae Soli!" que teve fervorosa acolhida de gregos e troyanos.

* * *

Pereira da Silva fez seu curso preparatorio na Escola Militar, que abandonou, matriculando-se na Academia de Direito desta Capital, no mesmo anno em que lá ingressava esse Oliveira Vianna, tão admiravel pela modestia, pela cultura e pelo talento literario.

Durante o curso foi reporter do "Jornal do Commercio" e, formado, exerceu a Promotoria Publica no Paraná e no Estado do Rio. Voltou mais tarde á vida de imprensa na "Gazeta de Noticias", na "A E'poca", tendo sido um dos fundadores da "A Patria" com Paulo Barreto. Com Théo Filho e Agrippino Griecco, fundou ainda o "Mundo Literario", editado pela livraria Leite Ribeiro.

Nesta publicação appareceram muitos nomes de relevo da novissima geração, entre os quaes Geraldo Vieira, herdeiro heraldico da fidalguia estylistica de Gonzaga Duque.

Pereira da Silva é alto funccionario do Ministerio da Viação.

* * *

Interrogado sobre o movimento literario contemporaneo; si temos evoluido, si estacionamos, si retrogradamos, sobre a luta das chamadas escolas literarias; sobre qual dellas tende a predominar e quaes os escriptores que as representam; inquirido sobre os motivos pelos quaes se fez escriptor; si ha uma situação, material, de inferioridade do escriptor nacional em face do escriptor estrangeiro, e si, no caso affirmativo, quaes as providencias de ordem legal ou moral que indicava para melhorar essa situação; sobre a preferencia que dava aos seus proprios livros — sobre tudo, emfim, que é o resumo do questionario da enquête do "Para todos...", o poeta preferiu responder englobadamente ás nossas perguntas, nos seguintes termos:

"Creio que a producção literaria das duas gerações posteriores á Republica não é inferior á da geração precedente. Nem em qualidade, nem em quantidade. Só um estudo comparativo, feito com equanimidade, aliás difficil de manter por qualquer contemporaneo, poderia satisfazer perfeitamente á curiosidade do seu primeiro questionario. Parece-me, pois, que só o Brasil de amanhã terá isenção de animo capaz de criticar o Brasil de hoje sem outros intuitos ou sentimentos que os inspirados pela justiça ou pela razão pura.

Quanto ás "chamadas escolas literarias", devo declarar que não as admitto em Arte. E' um conceito abstracto, que logrou fóros de realidade, porque seria, como é, um meio commodo para a critica objectiva. Isto é, mais ao alcance de toda a gente...

Não ha "naturalismo", "romantismo", "symbolismo", "futurismo", "dadaismo", "esthetismo" ou qualquer principio fundamental e irreductivel em Esthetica. Philosophia, sim, porque a sua "materia prima" é a Ideia. Em Arte, não, porque a faculdade de crear é immanente a cada emoção, intelligencia, sensibilidade ou imaginação creadora.

Em "ismo" só ha realmente uma cousa séria:

— O CABOTINISMO.

Por que escrevo, ou por que sou poeta?

Eis uma cousa difficil de responder.

Para mim, já disse alhures, a Poesia é uma fatalidade sorridente.

Inda mesmo que chegasse a ser a Gloria, sentiria sempre os espinhos de sua corôa de rosas. E' que ella me integrou a uma outra noção da Vida e do Amor.

Seria necessario dizer que essa noção é incompativel com um seculo em que a machina, a hulha, o aço e o cimento valem mais que todas as virtudes do espirito?...

A minha concepção de Arte, como é facil de deduzir, prejudica as outras perguntas do III questionario.

Não tenho preferencia por nenhum dos meus livros e componho "in mente", só reduzindo á escripta as producções, que, assim elaboradas, parecem menos imperfeitas".

J. A. Baptista Junior

NOTA. — Uma transposição de linhas linotypadas, na resposta que Paulo Silveira enviou á enquête literaria desta revista, deu em resultado um angu' de caroço que nos apressamos em rectificar para que se entenda o que o escriptor escreveu verdadeiramente e não o que foi publicado. E' a resposta referente ao 2º quesito que deve ser assim lida e entendida:

— "Ha algumas escolas literarias que só têm professores mãs que não têm alumnos. Literatura não se aprende... Lucta de escolas? Aqui todo mundo é

(Conclue no fim da revista)

PEREIRA DA SILVA por Di Cavalcanti

NATAL

DESENHO DE PEPE FIGUER

Nosso Senhor

Vaes nascer de novo, meu amigo. Vaes viver de novo trinta e tres annos até á sexta-feira da Paixão.

Que paciencia, Jesus! E que desdem enorme!

Elles não te entenderam. E tu voltas para junto delles que te transformaram em profissão.

Chamam-te de Senhor. Começaram por odiar a tua raça. Terminaram por fazer de ti o professor que distribue os premios no encerramento das aulas.

Bons alumnos são os que andaram no mundo ao contrario de tudo que tu disséste, de tudo que tu fizéste.

Tu foste a bondade e a doçura. Tu comprehendias e perdoavas. E continuaste assim. E' por isso que em cada 25 de Dezembro desces á terra menino outra vez.

Que te importam os grandes! Vens para os pequeninos sue acreditam em ti de coração ingenuo. E' para elles que tu vens e trazes a alegria!

Nosso Senhor! Mas Senhor dos que têm creanças em casa, dos que amam e são amados.

O teu grande milagre, Jesus de Nazareth, não é subir ao céo no dia da Resurreição. O teu grande milagre, Filho de Maria, é descer á terra no dia do Natal!

SAMUEL TRISTÃO

Tarsila

Ella foi o presente mais bonito que Papae Noel botou nos sapatos pobres da pintura brasileira. Desde aquella manhã a pintura brasileira teve uma sorte boa e a gente se esqueceu das coisas feias que tinha visto para vêr os quadros de Tarsila com as cores da infancia, um côr de rosa que nem as rosas têm, um azul que não é do céo nem dos rios nem da distancia. Côr de rosa de Tarsila. Azul de Tarsila. Sem iguaes no mundo.

Retratos por Tarsila

Eduardo Guimaraens

Nós eramos sete amigos. Eduardo era o mais moço. Foi elle o primeiro que morreu.

Tinha vinte annos a nossa vida. Começou em Porto Alegre, continuou na saudade.

Agóra a saudade é outra. Sem cartas. Sem noticias. O Eduardo foi-se embora e não volta nunca mais.

Deixou um amor e dois filhos. Deixou os versos que escreveu dos quinze annos aos trinta e cinco. E em revistas e jornaes, folhas do diario da sua sensibilidade, chronicas, pequenas notas, elogios. Deixou traducções de poemas e de comedias. E escreveu tambem para o theatro, mas só uma vez consentiu pôr em scena uma peça. As outras ficaram á espera de interpretes como elle queria.

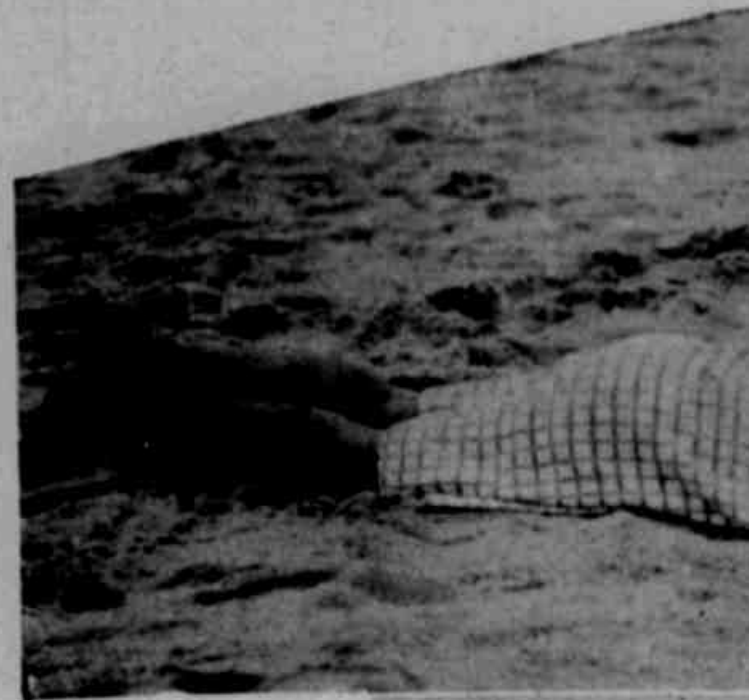
Eduardo lia tudo. Sabia tudo. A cultura immensa não lhe perturbou a originalidade feita de ternura e de melancolia.

Nessa ternura, nessa melancolia andava escondida, (elle não viu) a pobre certeza de que a vida ia acabar depressa.

Tão depressa...

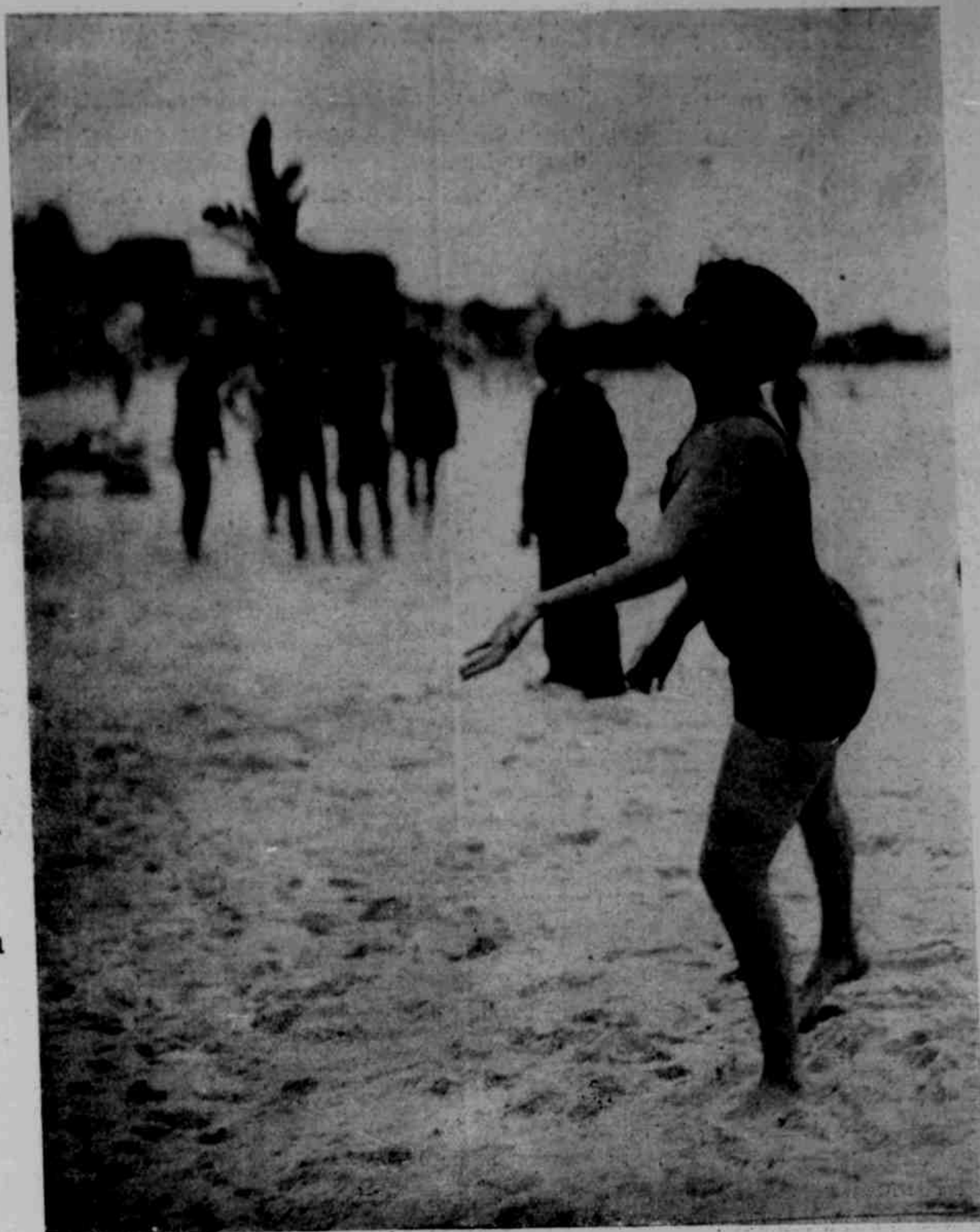
A vida...

A tua Divina Chiméra, Eduardo...

ALVARO MOREYRA

O

tempo

quente

Este mundo, já se sabe, é uma bola...

Lá

em

Copacabana

E cada um de nós é uma petéca....

Na Academia Brasileira

Os senhores Presidente da Republica, Ministros do Exterior e da Marinha, outros convidados e academicos com o senhor Alberto Faria na noite da posse do novo immortal, que foi recebido pelo senhor Helio Lobo. No alto, olhando para outro lado, o busto do escriptor Machado de Assis.

MUSICA

A cantora Julieta Telles de Menezes e o compositor Luciano Gallet, sabbado passado, no Instituto, quando um publico numeroso e intelligente applaudiu os trabalhos de harmonisação e interpretação de musica brasileira do fino artista que a voz de Julieta Telles de Menezes, por elle acompanhada, deu a conhecer.

Eu não sei se ainda se usa marcar com uma pedra branca os dias felizes. Se ainda, o dia 17 de Dezembro foi marcado assim por toda a gente que esteve no Instituto Nacional de Musica e ouviu Emiliana de Zubeldia como interprete e como creadora. E' uma artista bem da Hespanha, com o sentimento do passado lindo e a intelligencia modernissima de contar em rythmos a alma eterna da terra de Manoel de Falla, que se parece com a alma da Russia e tambem se parece com a alma do Brasil. — A...

Emiliana de Zubeldia, compositora e pianista hespanhola, que fechou com belleza a temporada de 1928, segunda-feira, no Instituto Nacional de Musica.

RAULYTA COELHO LISBOA RADEMACKER

no dia da sua primeira communhão na capella do Collegio de Sion.

Instantaneos á entrada da igreja do Bomfim em Copacabana.

A mais bonita das profissões

MARIO NUNES

EDITH FALCÃO
da
Companhia Zig-Zag

OLGA NAVARRO
do
Theatro Comico

Oduvaldo Vianna, fazendo-se actor, prestou um novo e grande serviço ao theatro nacional, não porque o tivesse brindado com mais um bom artista, mas pelo exemplo que deu. Seu gesto coincide com a expedição do regulamento pondo em execução a Lei Getulio Vargas, a lei que reconhece o theatro como profissão, como meio de vida digno, cercando as emprezas e os seus contractados de garantias effectivas e regalias justas, ha muito reclamadas.

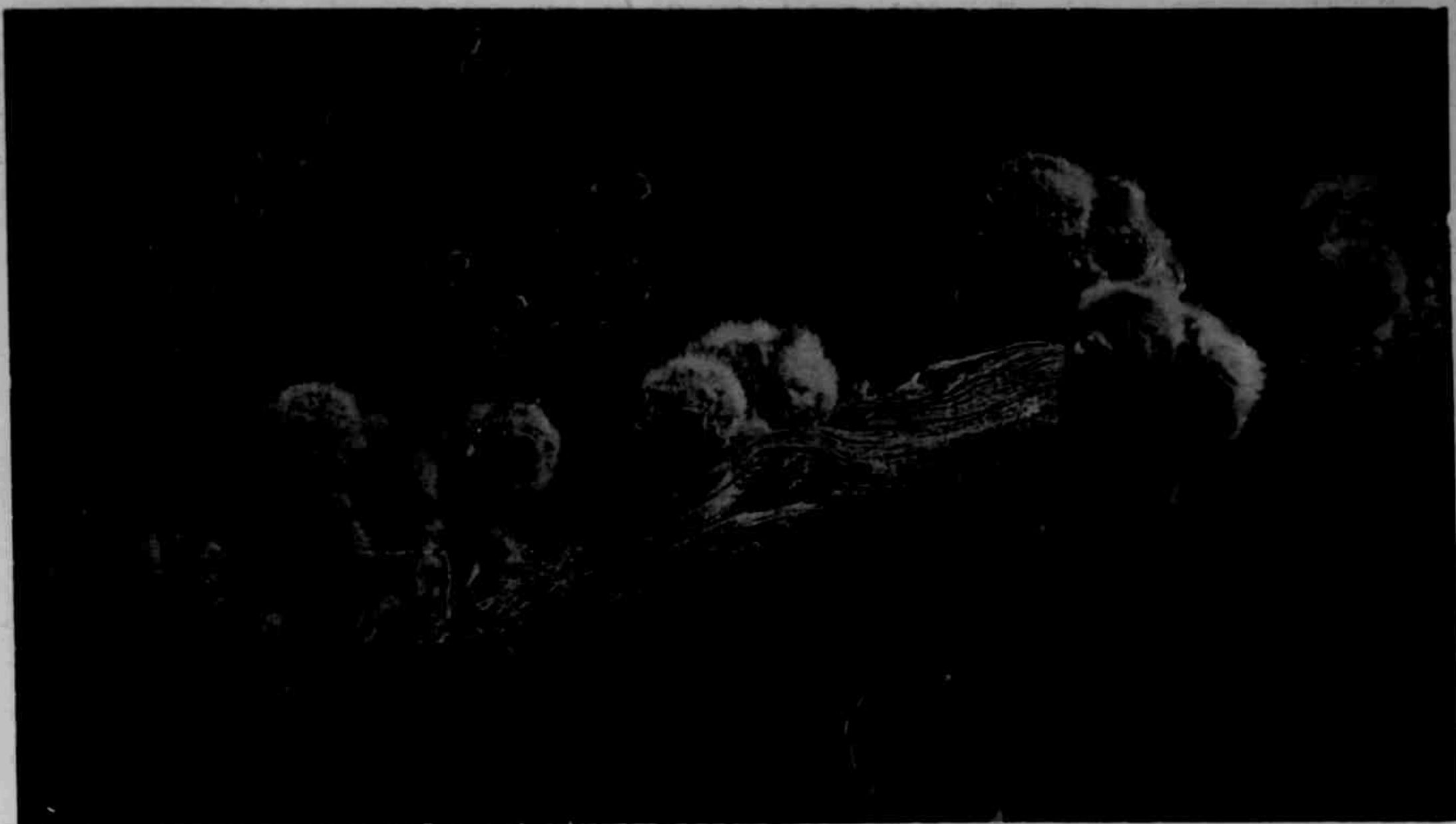
Ser actor não é, de oravante, deslustre nenhum, e, aliás, nunca o foi, a não ser para espiritos tacanhos, soffrendo, ainda, o remoto influxo de preconceitos nascidos na Edade Media.

Oduvaldo, tomando essa decisão, vae abrir caminho a muitas vocações que andam por ahi indecisas, vae trazer sangue novo ao theatro, e com elle a certeza do rejuvenescimento da arte dramatica, que se alcandorará, recobrando o antigo e alto prestigio.

Ha, na boa sociedade do Rio, varias pessoas que não escondem o desejo que têm de entrar para o theatro. Não o têm feito porque nenhuma organisação á altura das suas aspirações existe, restringida a nossa actividade artistica, á comedia ligeira e á revista. Agruparam-se muitas dellas, em fins do anno passado, em uma associação, a Cultura Theatral. Outras, deram-nos a brilhante realisação do Theatro de Brinquedo. Um terceiro grupo representou ha pouco no Municipal tres comedias com bastante exito artistico. Porque não reunir todos esses elementos, e não tentar com elles, um movimento, a sério, de theatro, com o concurso, que me parece necessario, de alguns profissionaes de merito? Benjamim Lima, bem o sei, empenha-se, neste momento, em obra dessa natureza, procurando fundir dois daquelles grupos, mas o theatro só de amadores não satisfaz, não dá ao assumpto, a solução por que anseia nossa mentalidade.

Melhor seria a organisação de uma companhia theatral, com esses elementos e outros, para a realisação de uma temporada theatral no Rio, em periodo certo, partindo, depois, em excursão para os estados do Sul.

O exemplo de Oduvaldo Vianna deve ser seguido. Isso de querer ser actor ou actriz sem ser, nada adeanta, nem ao theatro, nem ao individuo. Negacear não parece bem. Neste momento o que se precisa é de attitudes francas e corajosas, a menos que o intuito não seja, apenas, a realisação de festinhas intimas, por creaturas habilidosas e muito prendadas...

ODUVALDO VIANNA

U M A   F A M I L I A   D E   C O R U J A S

O jogo infantil do homem

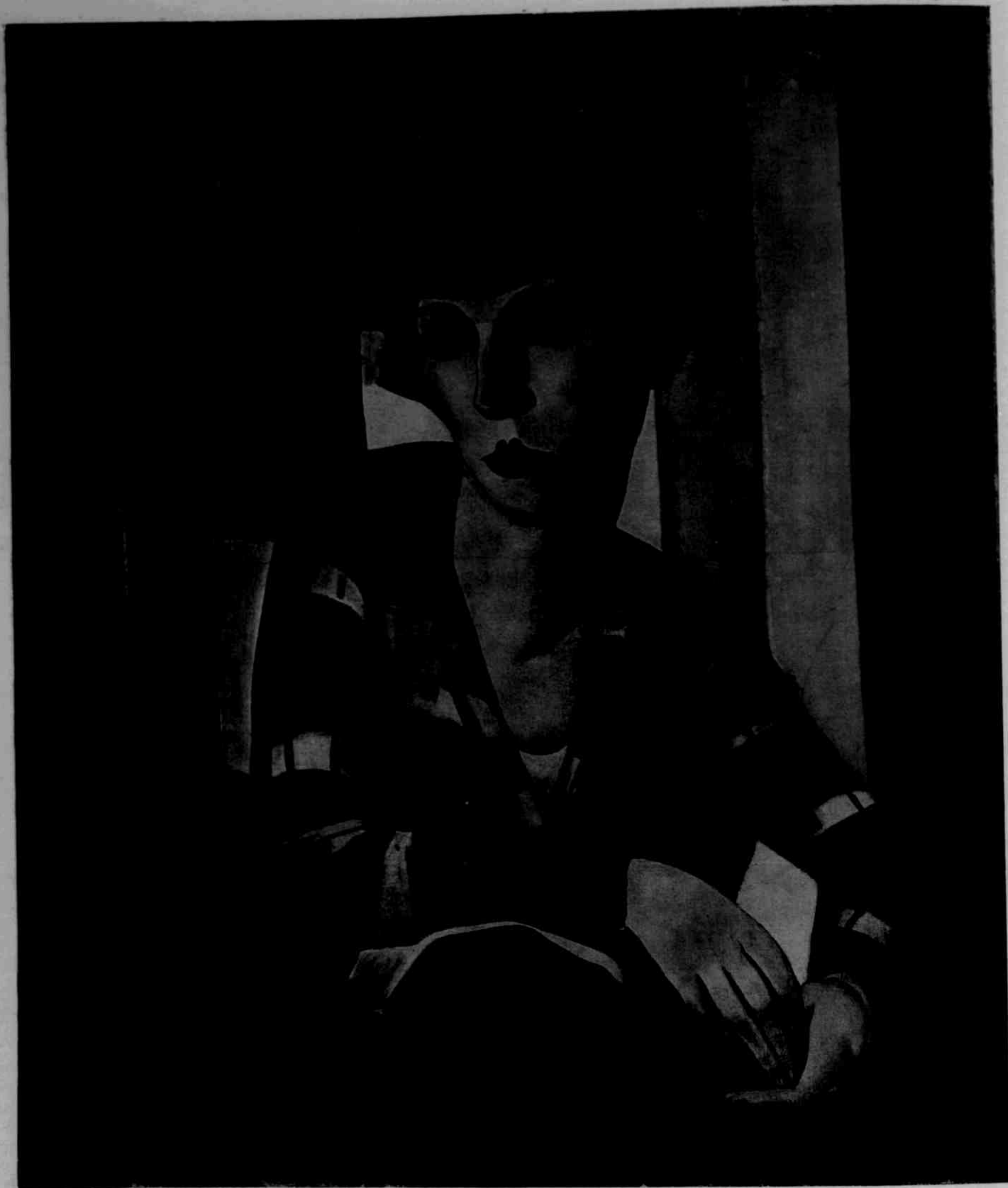
PARA MANUEL BANDEIRA

— Frade, convento, frade!
— Frade!
— Aonde quer que mande?
— Mande!
— A' boca do mundo!
— Mundo!
— Vamos em busca da Felicidade?
— Vamos!!

* * *

E até hoje não voltou a meninada ingenua dos meus sonhos...

R a f a e l   B a r b o s a

U M   C A S A L   D E   A R A R A S

Senhora Guilherme

de Almeida

por

Lasár Segall

A educação do actor e a moderna enscenação na Allemanha

FELIX HAUSER

A arte de representar allemã alcançou, hoje, uma altura até agora inattingida na historia do theatro allemão. Na verdade, o palco allemão dispõe de um grande numero de actores que se elevaram aos mais altos cumes da arte, e, além disso, a arte de representar é hoje cultivada com tanta seriedade e dedicação como nunca, anteriormente. Isto provaram-n'o, nos theatros de todo o mundo, actores como Bassermann, Krauss, Moisi, Wegener, Klopfer, Keyssler, Steinruck, Pallenberg e actrizes como Bergner, Eysold, Triesch, Wangel, Straub e Massary.

A par desse florescimento da arte dramatica marcha, na Allemanha, o aperfeiçoamento da arte de pôr em scena. Isto provou Max Reinhardt, e com elle outros mestres da moderna arte de enscenação, conhecidos muito além das fronteiras allemão, taes como Fehling, Engel, Jessner, Martin e Piscator.

A "educação do actor" e a moderna arte de enscenação estão intimamente ligadas. Uma deriva da outra. A grande abundancia de talentos dramaticos exige excellentes directores de scena, e o director de scena moderno só póde trabalhar com artistas que tenham uma grande instrucção technica e uma excellente educação artistica. Na Allemanha já passaram completamente os tempos do joven genio que se lançava no seio de qualquer theatrinho para, por si só, subir e se impôr. Neste ponto, numerosas escolas de arte dramatica particulares e publicas cuidam da boa educação dos moços artistas, e a alguns destes institutos, graças ao seu nivel pedagogico, foi concedido o grão de escolas superiores.

Nestes institutos os alumnos da arte dramatica adquirem todo o aperfeiçoamento technico: technica da linguagem e da respiração e cultura physica são as suas disciplinas principaes: esgrima, historia do theatro, indumentaria, literatura e estudos linguisticos, como disciplinas supplementares. Na Allemanha parte-se do principio de que o actor "nunca aprende demais", pois nenhuma esphera da vida e do saber se esquiva á sua actividade profissional.

As faculdades do actor, elevadas a um grande expoente, tem de possuil-as o moderno director de scena, pois que é elle quem tudo fiscaliza, sendo, ao mesmo tempo, o guia de cada um dos representantes. A "sua autoridade tem de ser intangivel", porque os varios artistas só se lhe submettem voluntariamente desde que tenham plena confiança nos seus convincentes talentos de chefes. O seu papel é o de reunir todas as forças artisticas e technicas do seu theatro e tornal-as prestaveis á obra de arte dramatica, submettendo-se á sua superior direcção. E' o medianeiro entre a obra do dramaturgo executada na secretaria e o trabalho pratico dos varios actores, cujo alvo é a acção visivel. Mais ainda do que os actores, deve o enscenador moderno ser dotado da arte de integração intuitiva, pois que é elle quem empresta aos traços geraes da interpretação scenica dos diversos actores sentido e finalidade, principalmente na sua relação com o total artistico da obra. A actividade da enscenação deve começar pela idéa creadora.

Esta lei superior a enscenação é, no entanto, hoje, frequentemente infringida. Como toda arte contemporanea, a enscenação moderna soffre da "supervalorisação do abstracto-ideologico". Em logar da antiga subvalorisação da enscenação, existe hoje uma supervalorisação geral que leva o actual director de scena, muitissimas vezes, a uma "caça á novidade" e aos effeitos surprehendentes, para não sossobrar na lucta com os concorrentes. Correntes e moda literarias dos ultimos annos determinam, frequentemente, a fórma de apresentação da obra de theatro. Mas só na sua configuração peculiar e necessaria é que uma obra dramatica se póde expandir em genuina vida.

Assim como os ultimos annos nos trouxeram uma mudança rapida das fórmas de expressão dramatica, assim tambem a actividade do enscenador se manifestou com uma procura permanente de novos modos de representar, de novas possibilidades de reproducção scenica, isto encerrava em si o grande perigo de "collocar a fórma acima do conteúdo" e de a tornar em finalidade de si propria.

O moderno director de theatro e a moderna enscenação dispõem hoje de largas possibilidades de realização das suas intenções. Scenographos e architectos de theatro podem dar fórma externa ás mais arrojadas fantasias da enscenação e, sobretudo, o "mundo maravilhoso da luz" torna possivel, no palco moderno, o até agora impossivel. Tanto menos deve, porém, esquecer a nova arte de enscenação que no saber apprehender do já creado nova creação e no prestar serviço ao conjuncto reside o ideal da apresentação da obra.

CARMEN DE TOLEDO

bailarina hespanhola que está dansando em São Paulo

AS DECORAÇÕES DO THEATRO MUNICIPAL

A Dansa por Verlet.

O panno de bocca pintado por E. Visconti

卍

Os mosaicos:

Tosca — Cirano

Guarany — Othelo

Poesia por Verlet.

Uma scena do Fausto

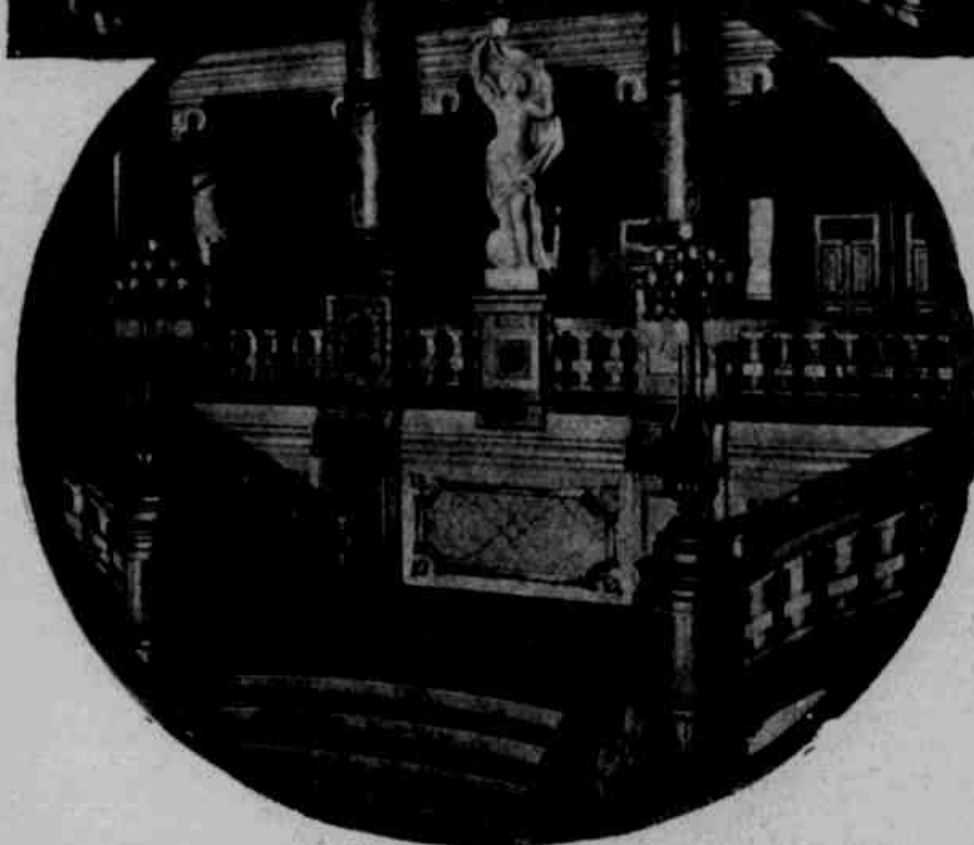
Les Bourgeois Gentilhomem

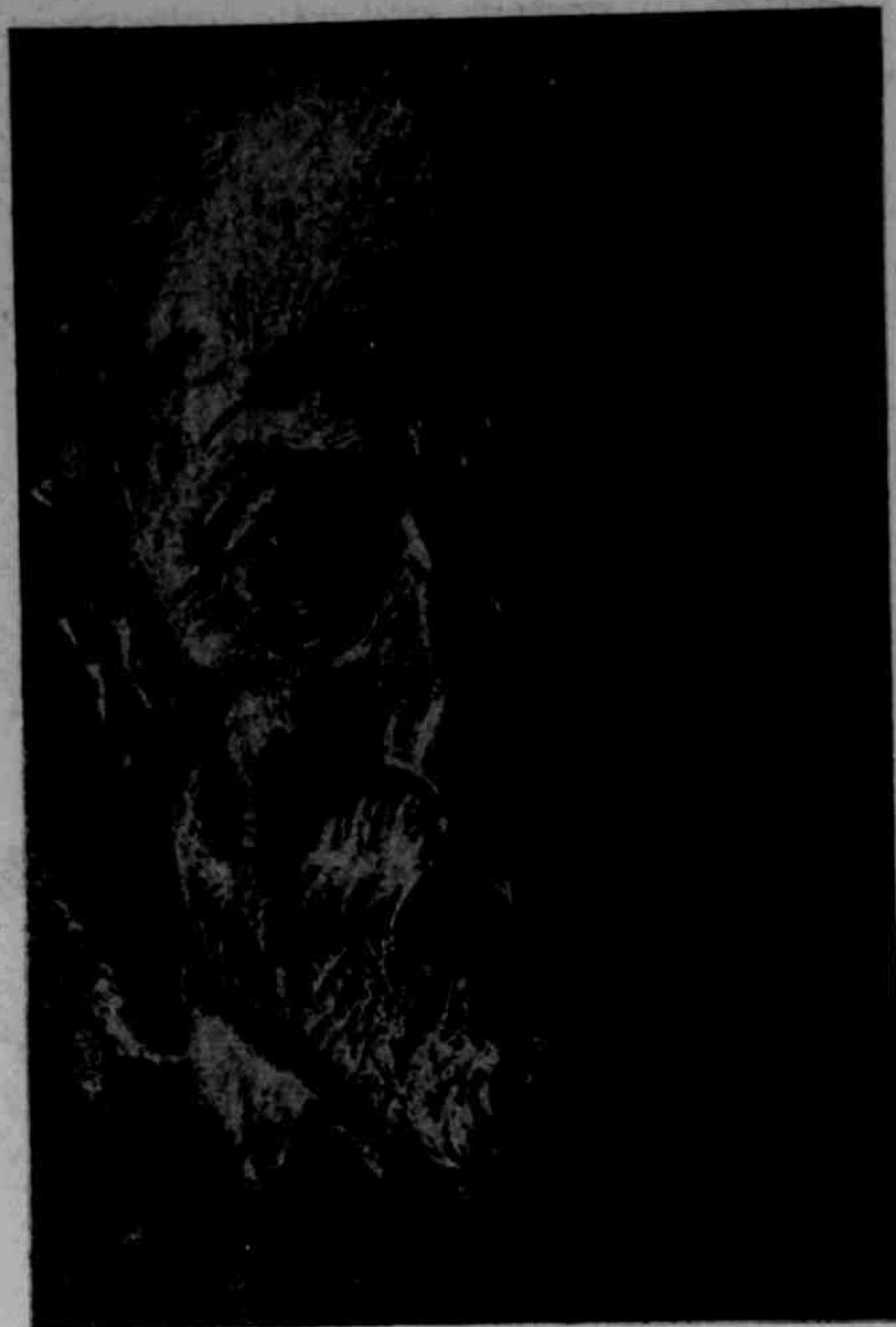
Liegfrid

Electra

Decorações do Assyrio

O THEATRO MUNICIPAL

Detalhe da fachada

Aspecto da Escada Nobre

Andaram dizendo que o autor dos "Seis personagens em procura dum autor" ia deixar de escrever para o theatro, ia acabar com a sua companhia. Só havia de fazer agôra scenarios para fitas cinematographicas e elle mesmo se tornaria interprete junto com Marta Abba. Nem tudo era mentira no que andaram dizendo. Pirandello deu férias ás actrizes e aos actores por elle contractados e foi para Berlim com a creadora das personagens principaes das "Mascaras Núas". Mas antes deu um espectaculo novo com "La Nuova Colonia", seu ultimo trabalho. E ganhou mais um successo. Outros successos ha de ganhar. Theatro é como tuberculose. Quando dá na gente não tem cura...

P I R A N D E L L O
Desenho de Cesare

Prologo

1° acto

2° acto

UMA PEÇA NOVA DE PIRANDELLO

PELA SUA COMPANHIA EM ROMA

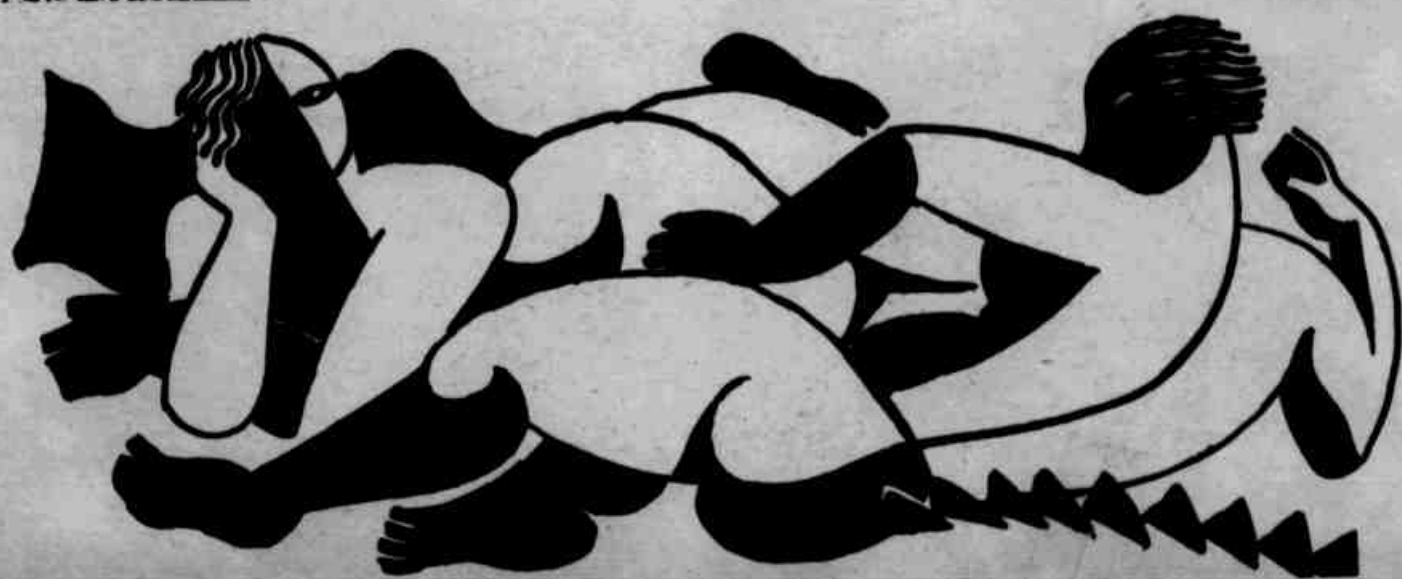
Lundú do escritor dificil

Eu sou um escritor dificil
Que a muita gente enquisila
Porém essa culpa é facil
De se acabar duma vez:
E' só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

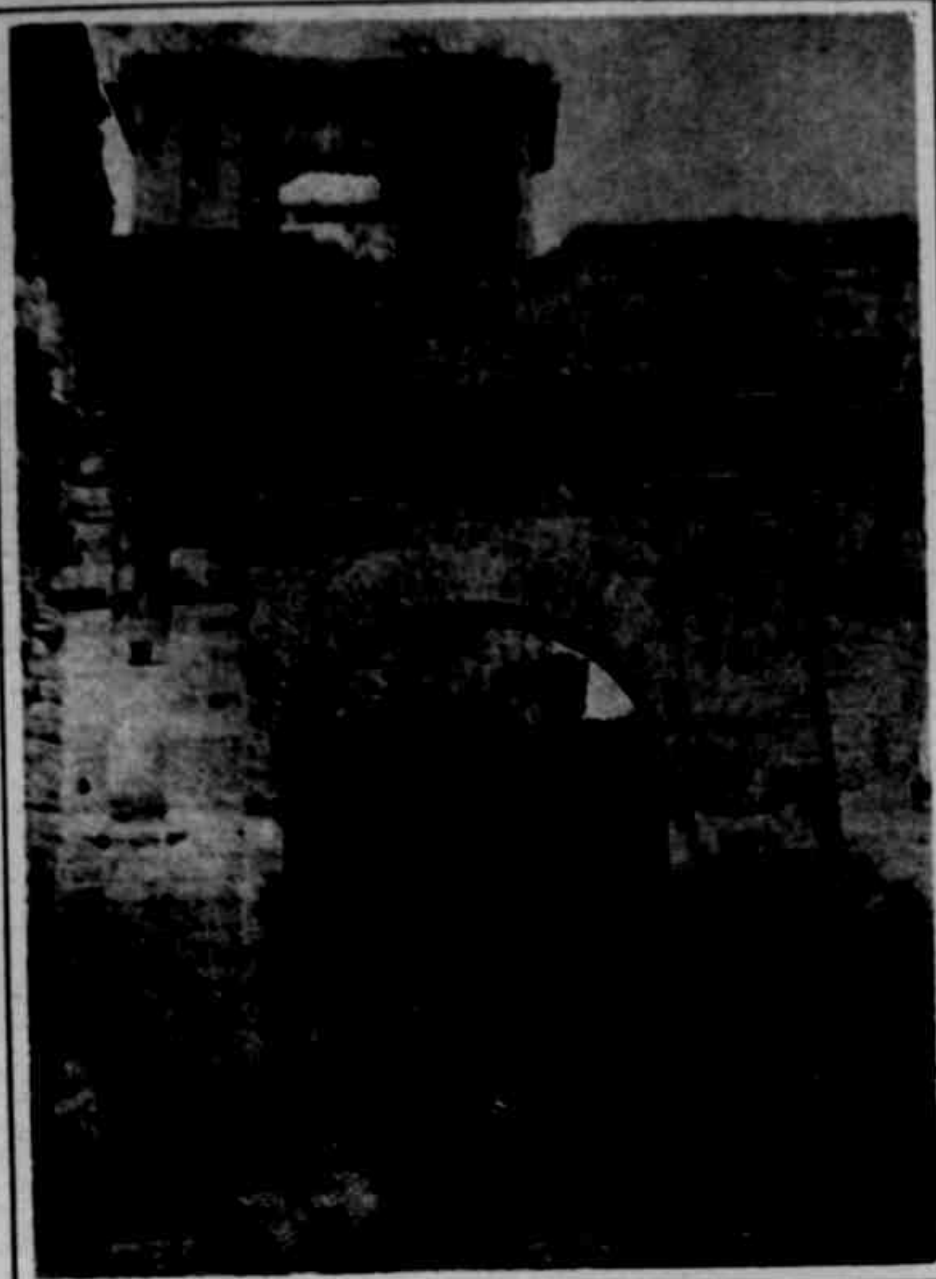
Cortina de brim caipora
Com teia caranguejeira
E enfeite rúim de caipira,
Fala fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num saco
Mas gaúcho maranhense
Que para no Mato Grosso
Bate êste angú de caroço
Ver sopa de carurú;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatú!

Eu sou um escritor dificil
Porém culpa de quem é!
Todo dificil é facil
Abasta a gente saber.
Bagé piché chué, ôh "xavié",
De tão facil virou fossil,
O dificil é aprender!

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cassange!
Você sabe o francês "singe"
Mas não sabe o que é guariba?
Pois é macaco, seu mano.
Que só sabe o que é da estranja.

A cidade de Pelotas vista de um hydro-avião

RIO GRANDE DO SUL

Directoria da Sociedade Sul Rio Grandense Presidente: Dr Dionysio Cabeda Silveiro; Vice-presidente: Dr. Francisco Thompson Flores; 1° Secretario: Dr. Humberto Ferrando; 2° Secretario: Dr. Jorge Washington de Souza; Thesoureiro: Dr. João Gaspar Corrêa Meyer; Procurador: Sr. Zeferino Mallmann; Bibliothecario: Dr. Dermeval Pinto.

Ruinas da igreja de São Miguel construida pelos Jesuitas

Parte lateral, cruz de pedra, detalhe do velho templo

Terra gaucha

Do tempo das missões

O ANACHORETA

Envelhecido, trôpego, cansado,
Por invias mattas, a expressão bravia,
Espalhava, brandindo o seu cajado,
Blasphemia, odio, revolta e rebeldia.

Mas quando o punho arremessava, um dia,
Contra o céo num protesto allucinado,
Um pássaro pousou-lhe na mão fria
E o ninho fez na mão do desgraçado.

E elle quedou tranquillo, o braço erguido
Como uma arvore humana, embevecido,
Até que a ave creasse os filhos seus.

Hoje que a terra é em flor para os seus passos,
O Anachoreta só levanta os braços
Ao céo, para pedir perdão a Deus.

Vida real

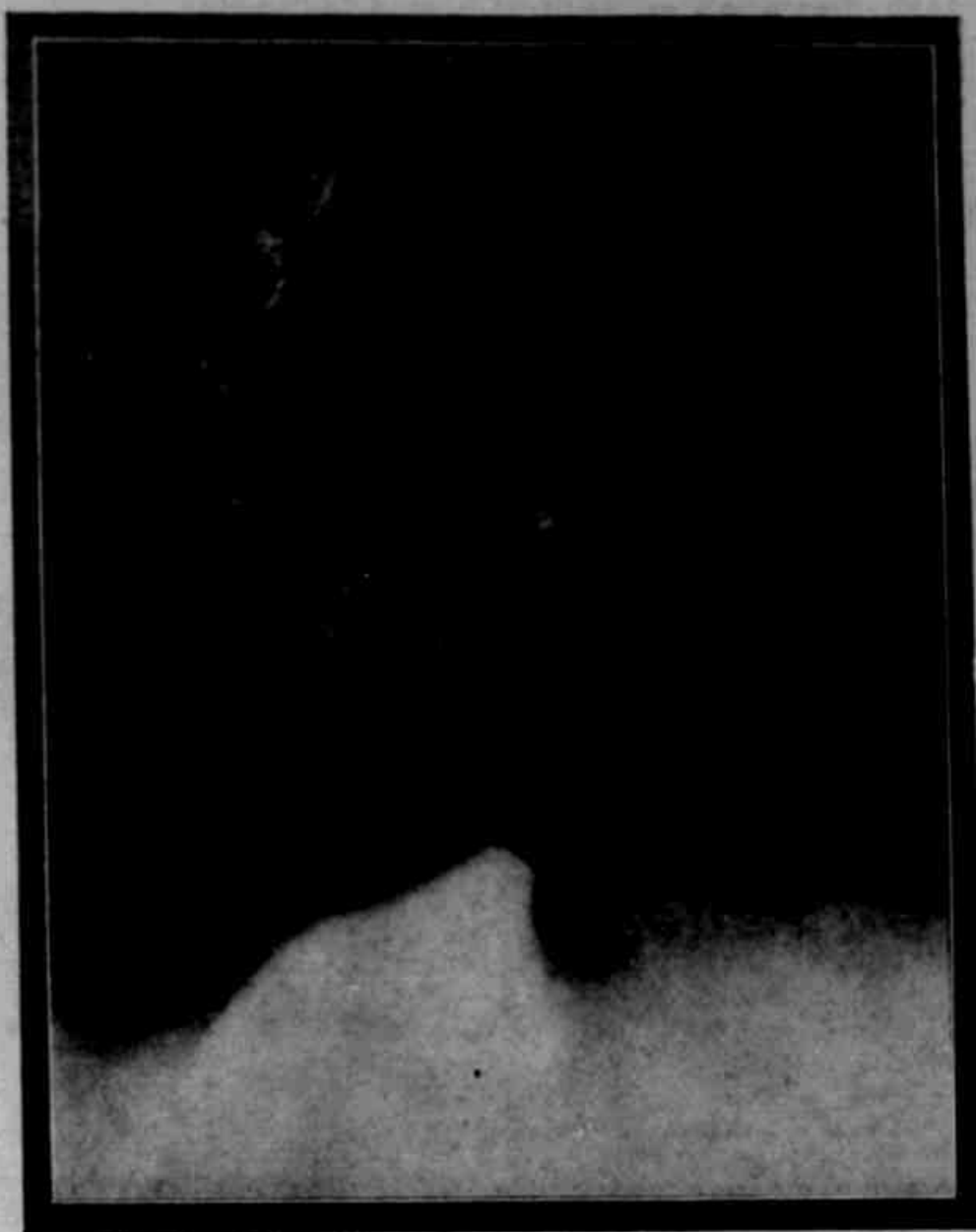
Seu major veiu dos confins de Caxangá para um casinhôto na Tijuca. Um ninhozinho pobre, de tecto achatado e fachada deteriorada. Chuva de caliça depois de chuva de tres dias. Seu major trouxe com elle a familia. Mulher, cinco filhos levados da bréca. Tudo grita. A senhora é brava. Tem cabellinho na venta. Quando pede a panella, a visinhança sabe. Quando é dia de festa, é um berreiro tal, que até na Gavea o barulho ecôa.

Seu major tem idéas sobre a autoridade militar. A mulher de seu major só diz assim: — Seu major para cá, seu major para lá... — Com trezentos diachos! E' preciso que haja respeito nesta terra. Seu major inspira muito respeito. Quando elle apparece á porta, os bemtevis da Tijuca cantam: — Bemtevi, seu major! — E, com a ponta das azinhas fazem continencia.

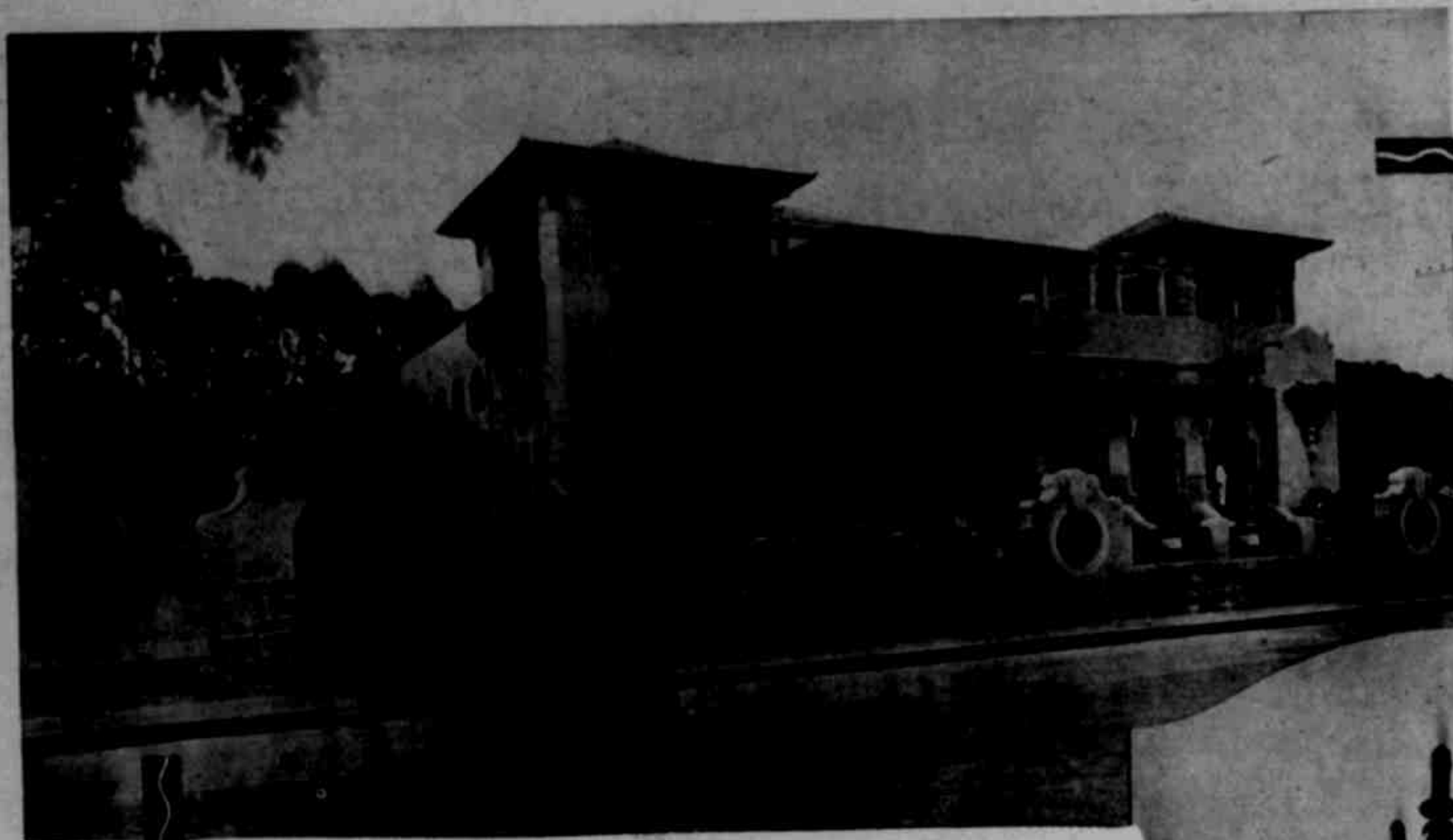
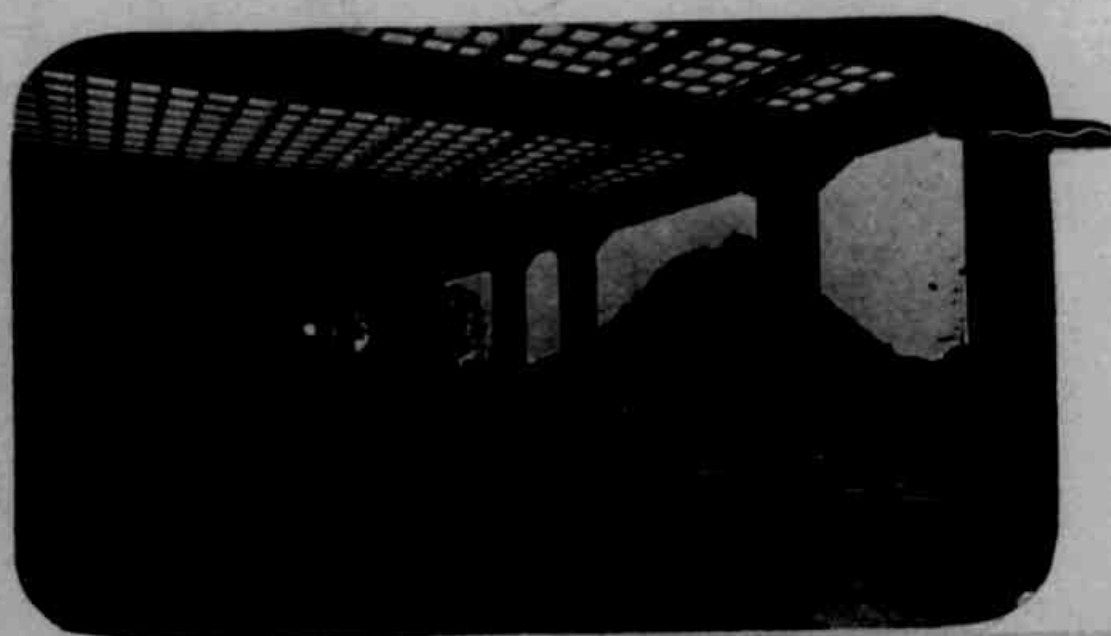
Se o visinho, um funccionario publico nervoso e neurasthenico, commenta a gritaria que parte do casinhôto, seu major fica damnado, e ameaça: — Eu chamo a policia! — E chama mesmo. Um dia elle chamou. Tudo ficou com medo. Energia é um facto.

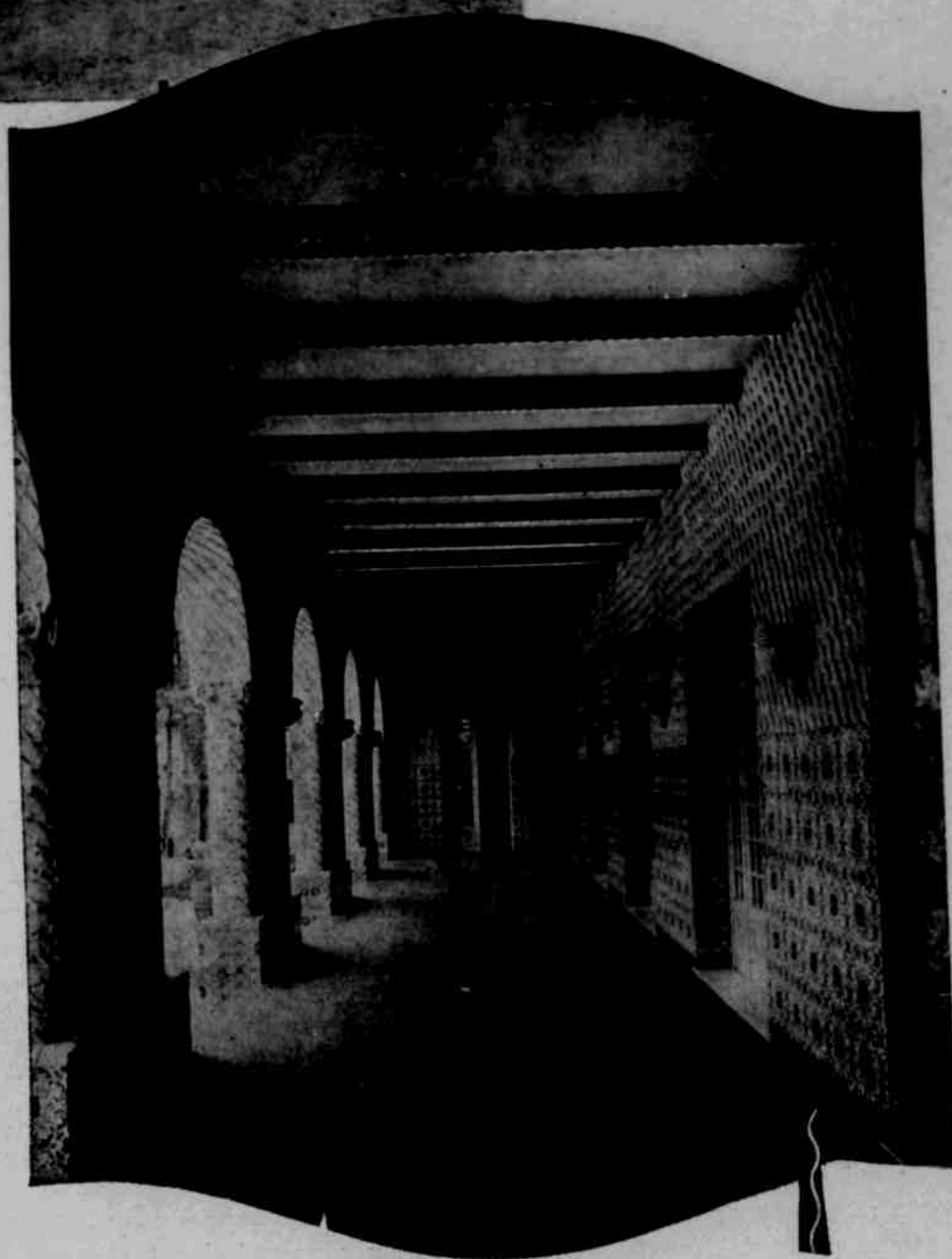
Os filhos de seu major não vão á escola. O dia inteiro, brincam na rua. Se passa um transeunte exquisito, dão vaia. A' noite, se divertem com buscapés e morteiros. Dynamitam a rua. Se o Papae chama, gritam impetuosamente: — Queéééééé? — Se a Mañe chama, é a mesma cousa. Ou então: — Não me amola, ouviu? — O respeito, na casa de seu major, é uma cousa evidente e bonita.

Seu major está reformado. Não sae de casa. De dia, dorme. Quando acorda, está de máo humor e ralha á bessa. A mulher manda elle para o inferno. Mas seu major não tem passaporte e não póde ir. Curte saudades de Caxangá, e pensa que o Rio é a roça. Por isso, toda a gente de seu major grita, e vive na rua, traz as janellas abertas, por onde se devassa a intimidade da casa. Que familia interessante! Não é mesmo?

MARINA COELHO CINTRA

DONA LÉA AZEREDO DA SILVEIRA

que vae cantar canções de Hekel Tavares no salão de festas do Botafogo F. B. Club, quarta-feira, 26, em beneficio do Dispensario de Pobres de Nossa Senhora de Lourdes.

Festa de inauguração da nova séde do Botafogo Football Club.

A entrada deante da Praça Juliano Moreira e detalhes externos e internos.

A séde bonita de um club carioca

O Botafogo Football Club

Aspectos da fachada e da varanda do predio que enfeita o caminho para o oceano.

O PASSARO AZUL

YANKEE

PAPAE NOEL coçou as largas barbas brancas, e poz-se a scismar.

— Ora bolas...

Foi assim que elle concluiu o seu longo raciocinio.

— Ora bolas...

Os sabios e os philosophos não têm outra conclusão.

Quanto mais intrincados são os problemas da vida, e entende-se por problema tanto a descoberta da pedra philosophal como o de encontrar uma cozinheira, tanto a procura do moto-continuo como a procura de um bom emprego — só ha um commentario esmagador deante das complicações da existencia...

— Ora bolas...

E foi o que, na sua infinita sabedoria, Papae Noel fez.

Se elle fosse general francez, como Cambrone, teria uma palavra mais vehemente e mais feia.

Mas Papae Noel é internacional. Vive viajando. E as viagens adoçam a alma dos homens. Anda sempre com as suas barbas por toda parte. Arrasta o seu roupão vermelho por sobre todos os territorios. E onde haja uma creança, na noite de Natal, seja nas terras mais inhospitas como nos climas mais floridos, elle apparece sempre cheio de ternura e de bom humor, o seu sacco immenso de brinquedos pesando-lhe nas costas cansadas. E esse convivio muito longo — ha quantos annos Papae Noel existe! — deu ao bom velho uma doçura infinita que se o não levou ainda a merecer a aureola dos santos, fel-o merecer a sympathia e o carinho das creanças... O que, talvez, seja muito mais desejado pelo bom velho! E que é muito mais difficil!

Um dia, elle argumentou da seguinte fórma:

— Estar sentado lá no céo, á direita e mesmo á esquerda de Nosso Senhor, deve ser muito honroso e muito bonito. Mas eu prefiro ficar aqui na terra e viver no pequenino céo das creancinhas...

Papae Noel, aliás, não nasceu com vocação para santo. Gorducho e bem alimentado, Papae Noel não teve nunca maiores inclinações para o martyrio e os sacrificios.

Quando soube do caso de Soror Amalia, de Campinas, a suave e milagrosa freira, commoveu-se e poz-se a soluçar baixinho, tanta era a sua pena pela joven estygmatisada, e tamanha era a sua commoção de fé e de ternura ao relembrar os padecimentos de Christo na Cruz.

Mas o bom velho confessou a si mesmo que, deste modo, nunca mereceria galgar as escadas doiradas do céo...

Não. Elle tinha horror ao sangue. A tudo que é soffrimento. Gostava, isso sim, de tudo que é bonito e amavel. Não negava mesmo, e nos seus exames de consciencia elle até sabia se condemnar com severidade, a demora criminosa de seus olhos quando, entre as luzesinhas e os brinquedos de uma grande arvore de Natal, elle avistava os encantos de alguma mulher de sonho...

Oh! Papae Noel batia, então, muito no peito. Pedia desculpas ao Senhor. Condemnava-se á humildade. Mas enchia os seus olhares, oh! isso enchia, bem cheinhos, ante de deixar aquella arvore de Natal tão bella, tão bella!

E murmurava:

— Senhor! Tende piedade de mim... Eu não sou santo... A vossa Divina Sabedoria me mandou que eu ficasse em contacto eterno com as tentações e as perversidades do mundo... Na proxima vez não mais demorarei meus olhos sobre a tentação...

Mas, Papae Noel volta a peccar com os olhos. E volta a pedir perdão ao Creador.

Um dia, elle teve um argumento que lhe pareceu acceitavel:

— Senhor!... Porque posso demorar meus olhos pela brancura das praias, porque posso detel-os nos fructos macios e maduros, porque posso fixal-os nos corpos ondulantes dos morros, porque posso deital-os na immensidade entontecedora e núa dos mares profundos e não posso consagral-os á belleza das mulheres? Senhor! Porque fizestes a maior obra da creação e prohibistes ao vosso servo de contemplal-a de joelhos?...

O Senhor não respondeu á consulta. Papae Noel achou que a resposta devia ser favoravel. E poz-se a olhar, de todos os seus doces olhos, as mulheres como os fructos maduros e as meninas como as madrugadas claras. Porque não, se tudo está na natureza, e tudo foi obra de Deus?

Mas, nesta manhã, em que elle coçava as suas barbas brancas e scismava, outra preoccupação assaltava Papae Noel.

— Que iria dar de festas neste anno maravilhoso de 1928 aos seus amigos? Tudo elle já havia dado. Não havia mais nada que pudesse causar surpresa a essa humanidade inconstante e moderna, que voava pelos ares e conversava pelo espaço nas ondas hertzianas.

— Ora bolas!

Papae Noel, a imaginação cansada, não sabia o que fazer.

De repente, elle ouviu um grito de um passaro que cruzava os céos. Era uma linda ave azul. E como o bom homem entendia a linguagem dos animaes melhor do que nós a dos homens, elle comprehendeu perfeitamente o que o bichinho azul dizia:

— Pa-ra-ven-ti! Pa-ra-ven-ti!

Papae Noel teve um estremecimento de alegria. Mandou da ponta dos dedos um beijo agradecido ao passaro inspirador.

— Obrigado!

E na noite de Natal, o seu sacco mais pesado do que nunca, as barbas ao vento, Papae Noel fez o seu giro nocturno pelo mundo afóra, deixando cahir em casa, de cada paiz, um saquinho de um pó perfumado como o incenso e gostoso como um nectar.

E o Café Paraventi fez mais uma vez a alegria dos homens. E lá, no firmamento, todas as estrellas accesas pareciam sorrir da propria felicidade que o bom Papae Noel havia espalhado sobre a terra...

Leões da Nubia

A Floresta artificial de Stellingen

POR

BARROS VIDAL

O olhar, ansioso, não se detinha. Não lhe bastavam as magnificencias deste panorama soberbo nem as subtilezas daquelle quadro de tintas fortes que a Natureza, na sua expressão mais viva, offerecia. Queria mais e nessa ansia invadia todos os recantos daquelle mundo mysterioso e impressionante. Chegavamos ao largo portão de ferro que separa a grande floresta artificial da cidade civilizada. Estavamos em Stellingen, pittoresco arrabalde da não menos pittoresca Hamburgo. Ainda não venceramos aquellas grades que não detinham a nossa curiosidade e já debruçavamos o olhar sobre aquella linda arvore melancolica que parecia scismar á beira do lago azul. E já galgavamos a linda cidade e já descobriamos lá ao fundo detalhes de monumentos, como essas ruinas da Roma pagã que a Historia calumnía...

Um passo mais á frente e o olhar se desnorteava, tantos os quadros que o arrebatavam e seduziam: aqui a elegancia de uma garça esbelta, ali o verde brasileiro de um arvoredo e acolá a imponencia de um pavão soberbo. Não sentiamos ali, no vestibulo da floresta, de caminhos tão lindos e convidativos, os receios que o silencio da matta inspira. O nosso amavel "cicerone" que de improviso nos proporcionara tão agradavel surpresa, sorrindo, dizia que iamos entrar num pedaço do Brasil, cheio de arvores de nossa terra, de plantas da nossa flora e de animaes da nossa fauna.

Elephantes da India e da Africa

Flamingos

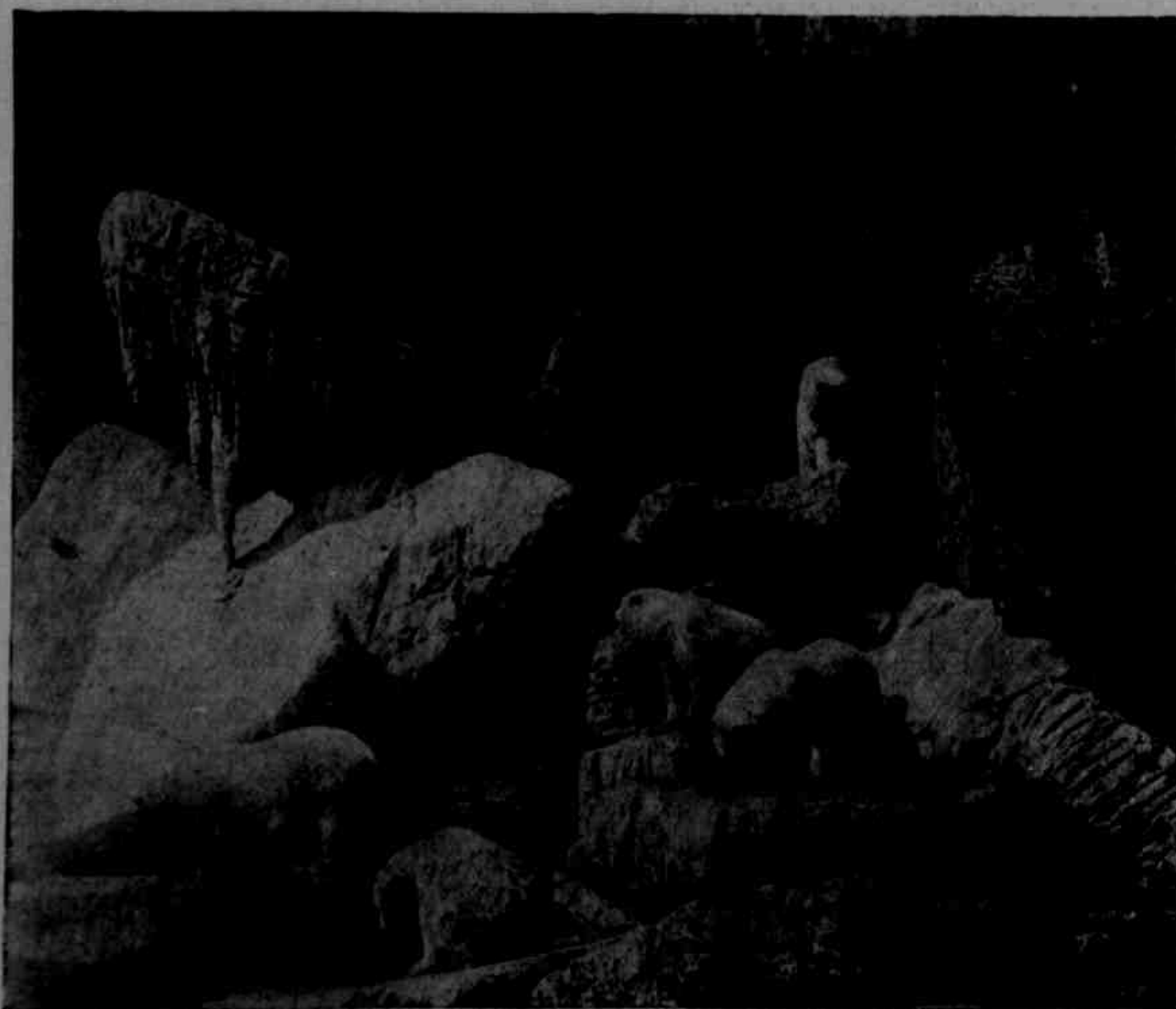
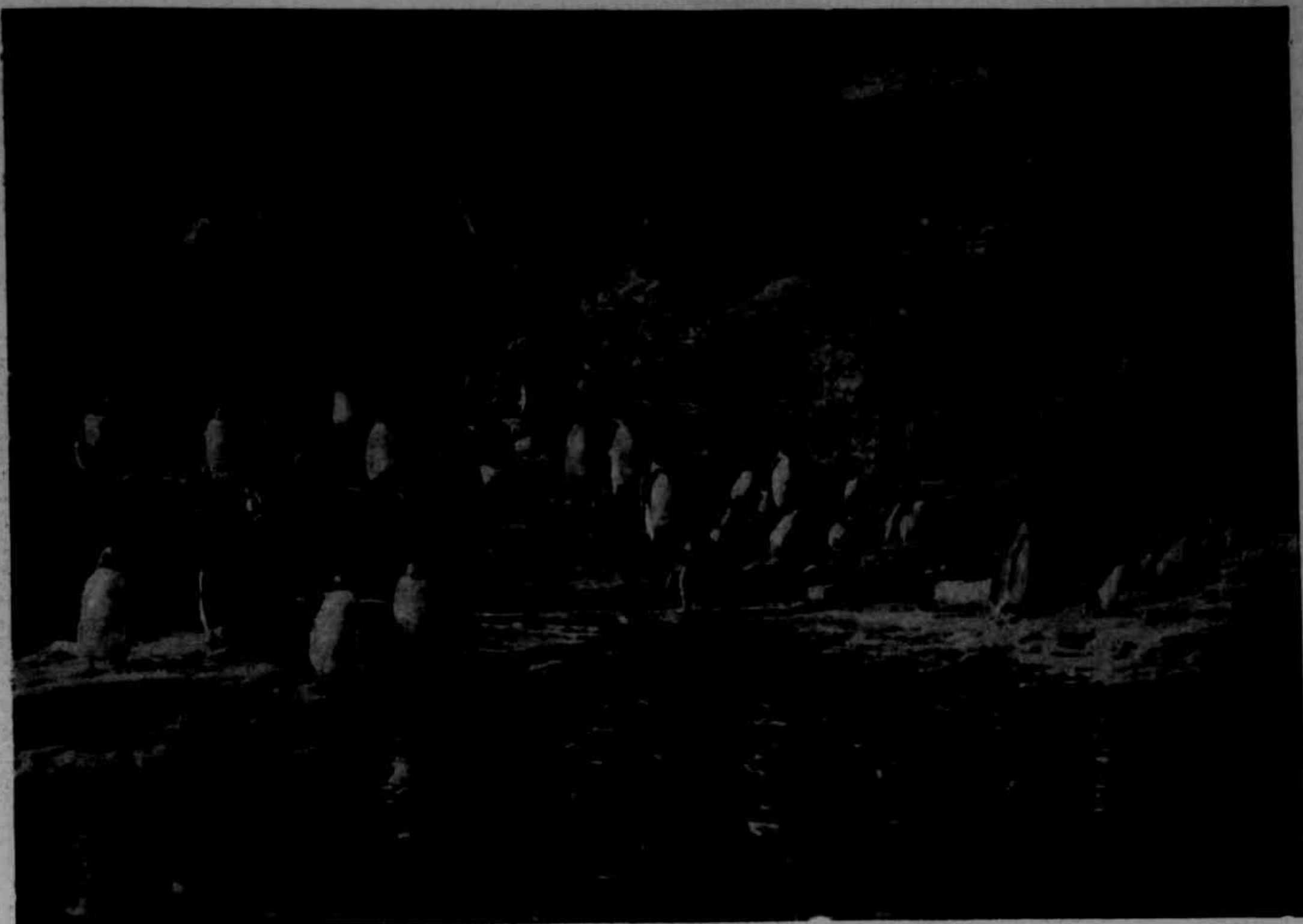
e

ursos brancos

— Como explicar o milagre?

E elle explicou, monstrando-nos arvoredos sombrios, plantas cheirosas e todo esse mundo de animaes do nosso clima numa variedade espantosa. Estavamos, sim, no sertão brasileiro porque era brasileiro tudo que viamos, todas aquellas cobras, todas aquellas onças e macacos que nos surgiam aos olhos. O proprio sol ardente que adivinhavamos lá em cima, num céo muito azul, cantava o hymno da nossa estardalhante alegria tropical. Pelas opulentas ramagens saltitavam os nossos passarinhos que entoavam essa musica eolia e suave a que a gente, sem querer, se acostuma. E já nos animavamos na esperança de sentir mais de perto cousas nossas quando uma pergunta do amavel "cicerone" ao mesmo tempo que fez desmoronar a nossa grande illusão ergueu á nossa curiosidade uma surpresa maior:

VAMOS AO POLO NORTE?

E antes de ouvir a nossa resposta, nos conduzia o olhar para uma outra paysagem sem as cores e a vibração das que viramos antes. Era a paysagem de um largo manto de neve a cobrir montanhas e a vestir de alva tunica a folhagem das arvores tornadas brancas tambem. Era o quadro da Natureza polar, sem sol e sem outra côr que

não a dos gelos eternos. Mas o olhar, em instantes habituado ao conjunto da perspectiva, fixava detalhes e descobria lá em cima minucias. Só de colher estas impressões de paragens tão glaciaes sentiamos frio... Agora, a gentileza do "cicerone" nos exhibia na base da montanha que lembrava um "ice-berg", ursos polares com o seu ar traiçoeiro de candura, mordendo-se uns aos outros ou olhando para o alto como a procurar qualquer cousa que lhes fugisse. Mais em cima em largas e grossas pedras como arrumadas pela mão caprichosa do homem, irmãos daquelles se ageitavam commodamente confundidos quasi com a alvura dominante. De outro lado sombras negras movediças que deslisavam mansamente pelas pedras lisas, offereciam contraste desconcertante.

Eram vinte ou trinta phocas que no proprio movimento revelam o instincto do equilibrio, arrastando-se, impacientes umas de um para outro lado e outras mergulhando nas aguas ali em abundancia. Mais atrás um elephante marinho impressionava no seu aspecto repugnante e no seu tamanho colossal, a bocca escancarada, os afiados dentes ponteagudos como a esperar a presa para o ataque fatal. Pinguins, minusculos e empertigados, davam vida a um trecho morto daquelle pedaço do Polo para ali transportado. Isso tudo viramos num instante, —

Pinguins e phócas polares

Cabras montezes

como num instante deixaramos a zona torrida do Brasil para entrar naquellas frigidas regiões...

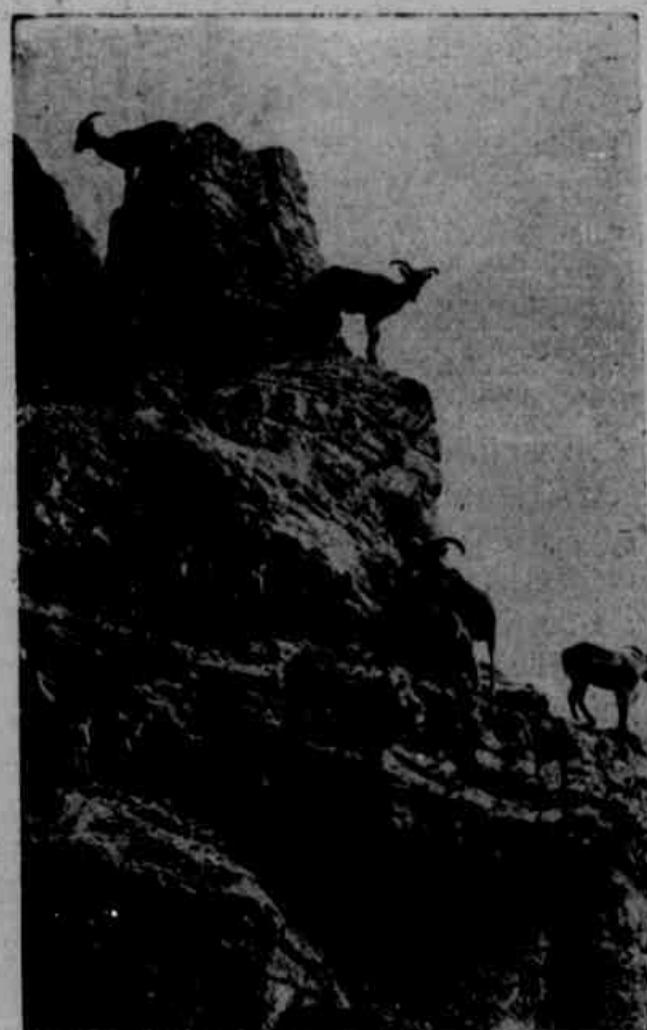
NA SOLIDÃO DA AFRICA MYSTERIOSA — Ainda tinha-

Zebras, bisões e dromedarios

mos ante os olhos as imagens do Polo com a impressão dos seus mysterios e a realidade dos seus animaes, que são bem um reflexo da sua natureza, e a captivante gentileza do amigo nos fazia penetrar na solidão da Africa mysteriosa com todo o seu encanto selvagem. Se afundavamos o olhar por este lado aqui, nada mais viamos que denso mattagal de arvores altas e sinistras, evocando toda essa vida exquisita e incomprehensivel dos nativos que são os unicos que comprehendem a região ingrata. Por ali a floresta se abria para mostrar, no fundo, uma clareira de onde, a juba farta, um majestoso leão dominava com esse orgulho a que tem direito por ser o Rei dos Animaes. Mais um instante de muda contemplação e o scenario se animava com a approximação de um bando de tigres, o olhar furioso, o passo firme, rugindo sinistramente. E já adivinhamos uma luta tremenda, uma luta brutal entre aquellas féras, quando amigavel e cordialmente se cruzaram... No descampado que agora nos assaltava os olhos havia, em promiscuidade, zebras com os desenhos mais excentricos no corpo; camellos de todos os typos; elephantes de todos os tamanhos; ursos rolando pelo chão; cabras galgando montanhas e uma série infinda de pequenos animaes enchendo aquelle pedaço da floresta com o seu movimento e a sua algazarra.

Cabras montezes

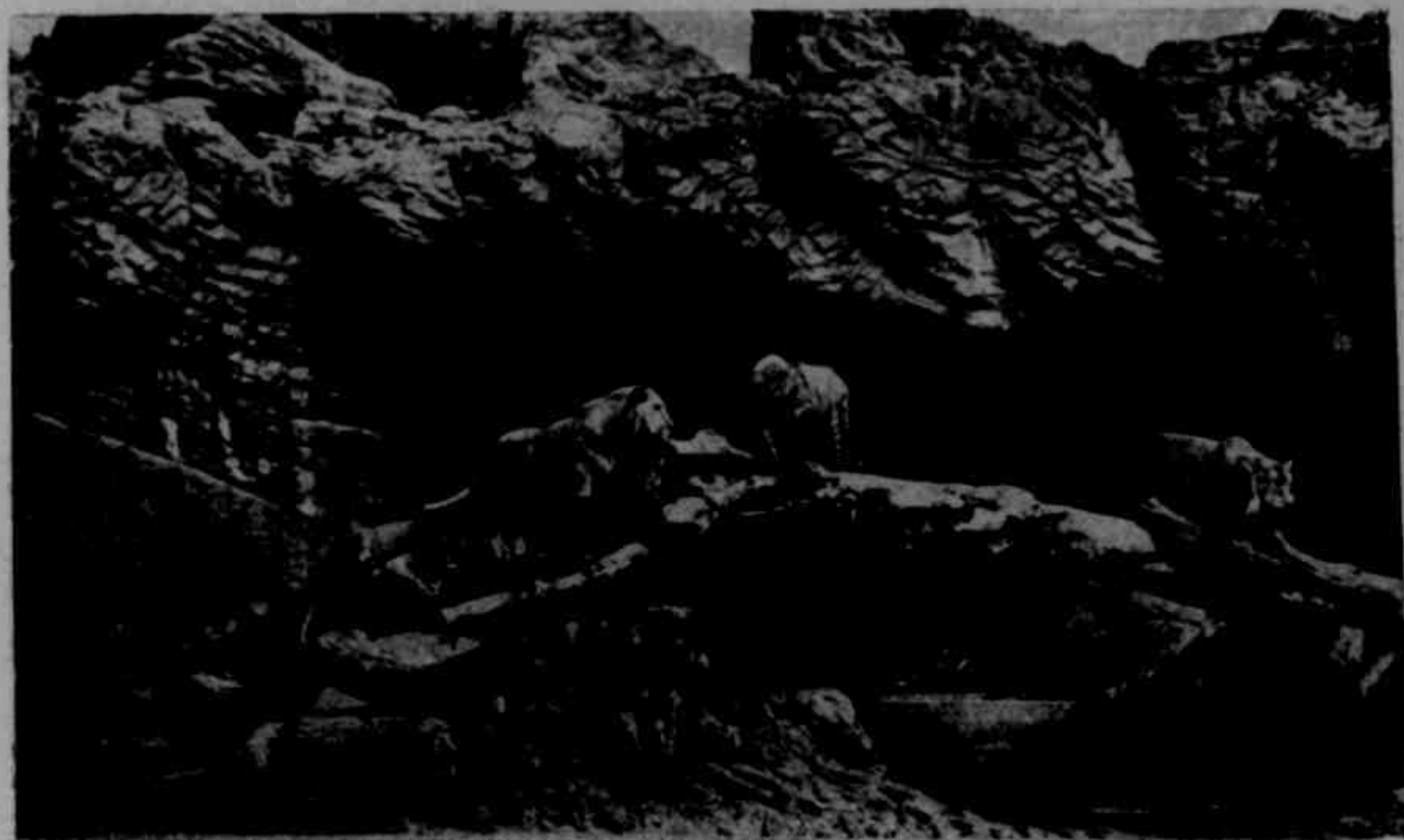
ANTES DO DILUVIO...

Neste trecho de floresta onde paravamos neste momento, nos sentiamos transportados á época anterior á da falada Arca de Noé... O fundo do quadro era um arvoredo cerrado de folhas e flores multicôres que se combinavam harmonio-

Cabritos

samente. Nas aguas paradas que lhe serviam de moldura amontoavam-se peixes de grandes dimensões e de aspectos os mais amedrontadores. Eram bichos iguaes a esses que tanto enriquecem as lendas e cores tão tragicas lhes emprestam. A' esquerda se espalhava um verdadeiro monstro, disforme, repugnante e horrivel, como horriveis são todos os animaes antediluvianos. Uma onda de pavor quasi nos invadiu. A certeza, entretanto, de que a pedra em que eram modelados jámais se animaria, nos fez sorrir...

DA FLORESTA DE STELLINGEN A' PRAÇA MAUA'

Transpunhamos, de regresso, os portões da floresta artificial de Stellingen. Mas não pensem os que me lêm que nós, para essa perigosa digressão, atravessassemos o Atlantico e fossemos parar a Hamburgo. Não. Para sentir de perto emoções tão violentas e desencontradas nada mais fizemos do que dar um pulo ao circo Hagenbeck, um aperto de mão ao Sr. Scheneider, o chefe da Publicidade da Empresa, sentar ao seu lado, ouvil-o e vêr a linda collecção de photographias que offereceu á "Para todos...". Agora, elle mesmo, no seu correcto castelhano nos explicava:

— Tudo que acaba de vêr neste album é um pouco do que ha no parque de Stellingen. Como sabe, o "Circo Hagenbeck" é um dos ramos da grande industria dos irmãos Hagenbeck. Estes mantêm expedições permamente nos sertões da Africa e na Asia. Os animaes caçados são conduzidos em embarcações apropriadas, de sua propriedade tambem, até Stellingen. Ahi ficam depositados. Fornecedores que são dos jardins zoologicos de quasi todas as partes do mundo e dos maiores circos, dahi encaminham os animaes para seus differentes destinos...

O Sr. Scheneider com o enthusiasmo que lhe é

Rennas nostalgicas

Uma familia de leões

Macacos

Zebras e dromedarios

Elephante marinho

innato, dava vigor e colorido ao que viramos: — Toda aquella Natureza variada e caprichosa que viu é artificial. São detalhes copiados da Natureza de cada uma das regiões visadas. De authentico ali, só os animaes...

E descendo a detalhes:

— E' um parque sem jaulas e sem grades. Naquelles 30 hectares ha ambientes para cada especie de animal que nelles vivem. Os leões e os tigres estão soltos... Mas de tal modo que a sua liberdade não offerece o menor perigo ao visitante.

E com toda a expressão:

— E' um primor!...

E lembrando-se da minucia esquecida:

— Lá temos aves de rapina e aguias!... Tudo ali se póde ver, desde as mais lindas garças até os mais feios bichos ante-diluvianos...

Sorrindo:

— Estes, é claro, tambem artificiaes...

ESPALHANDO PELO MUNDO OUTRAS FLORESTAS ARTIFICIAES

O Sr. Scheneider que, como nós, voltara incolume desse passeio entre as féras, referia-se á audaciosa industria dos Hagenbeck:

— Pois essa floresta artificial que viu não é a unica existente na face da terra...

E continuou:

— Os Hagenbeck ha bem pouco construiram outra igual, de maiores dimensões ainda, em Detroit, Estados Unidos, com montanhas e paysagens artificiaes. O successo que esse Parque colheu foi dos mais notaveis na historia dos jardins zoologicos. Mais de 180 mil pessoas o visitaram nesse dia e nos cinco que lhe seguiram as multidões eram tão grandes que a cerca que o protegia tombara á impetuosidade do bloco humano.

Apertando a cabeça com a mão direita, a recordar-se:

Pedaço de polo...

— Em outras cidades, tambem, os Hagenbeck construiram florestas artificiaes, como em Roma, Budapest, Munich e Chicago.

— No Brasil seria tão facil assim?

— Mais facil, amigo, muito mais facil que em todas estas cidades. A sua propria natureza privilegiada, este milhão de contingentes de elementos naturaes, suas condições climatologicas e sobretudo sua paysagem magnifica — tudo isso facilitaria grandemente essa obra de vulto.

— E quanto custa uma dessas florestas monumentaes? indagamos.

— Pouco, respondeu o Sr. Sheneider.

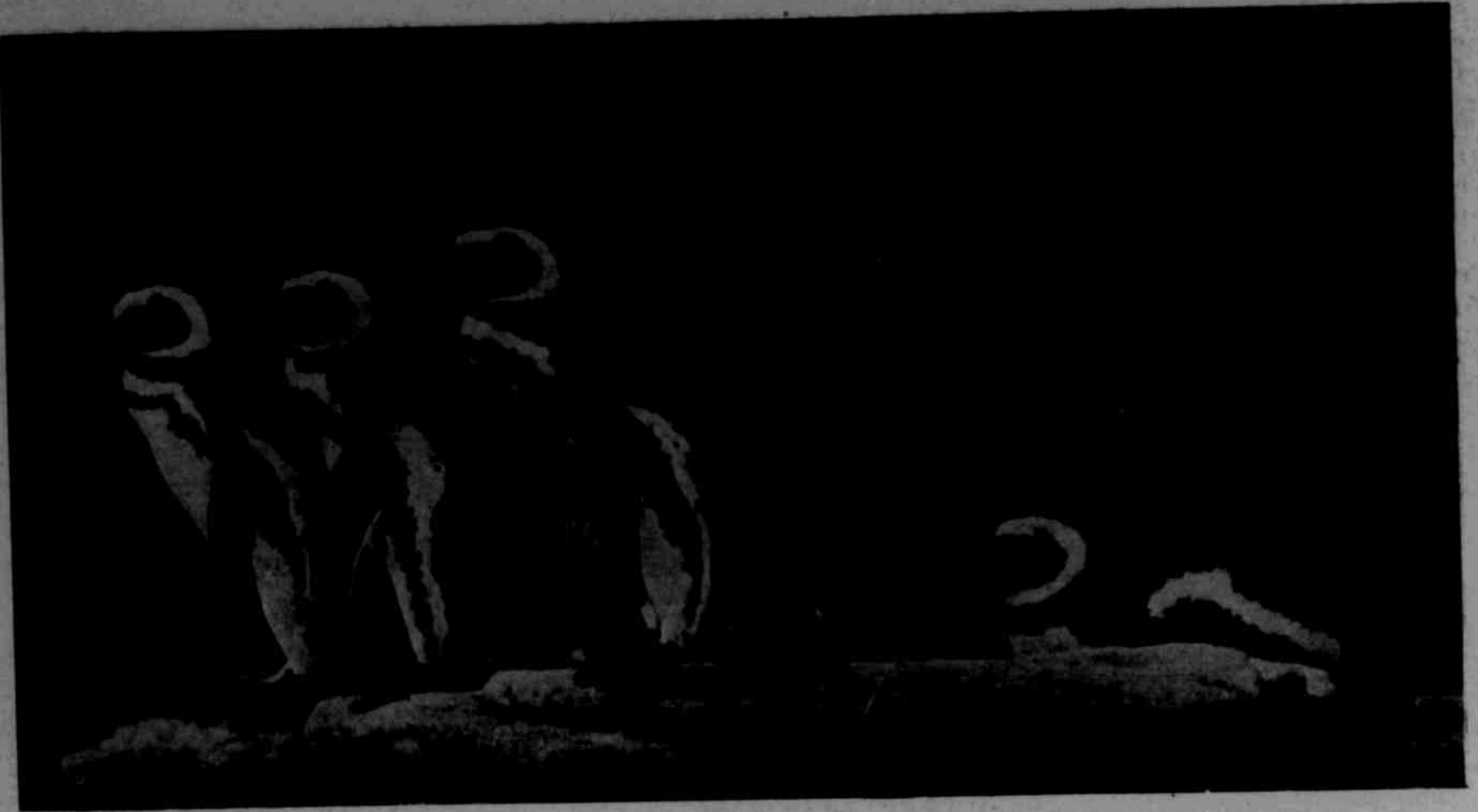
E precisando:

— Vinte e cinco mil contos!...

O POEMA UNIVERSAL TAMBEM EM STELLINGEN

Visões lindas e magnificas se succederam, assim, ao mesmo tempo, ante os nossos olhos e o nosso espirito. Sem desviar uns e outros do mesmo ambiente nos sentimos transportados pelas azas da imaginação á Africa tropical com toda a musica ardente do seu calor; á Asia mysteriosa com todos os seus silencios aterradores e á propria floresta brasileira com a symphonia embriagadora dos seus caracteristicos inconfundiveis. Tudo isso viramos e sentiramos num relance, como num instante tinham desfilado ao nosso olhar prescrutador as imagens, alvas e evocadoras do Polo, com o drama dos seus ursos e a estranha flexibilidade das suas phocas. Um mundo differente se havia fixado em nossa retina como se Noé, esse bohemio que o diluvio celebrizou, tão querido do nosso querido Alvaro Moreyra, abrisse, a sua arca immortal e fizesse desfilar aos nossos olhos curiosos toda essa fauna riquissima que elle, num largo gesto de altruismo, salvou. Em Stellingen a nossa curiosidade encontrou tudo que a curiosidade humana deseja encontrar sempre que investiga... O mundo inteiro ali dentro, e ali dentro tambem — e não seria humano se tal não acontecesse... — o poema universal tem o seu cantinho e entôa as suas mais doces melodias. E disso é um testemunho o flagrante

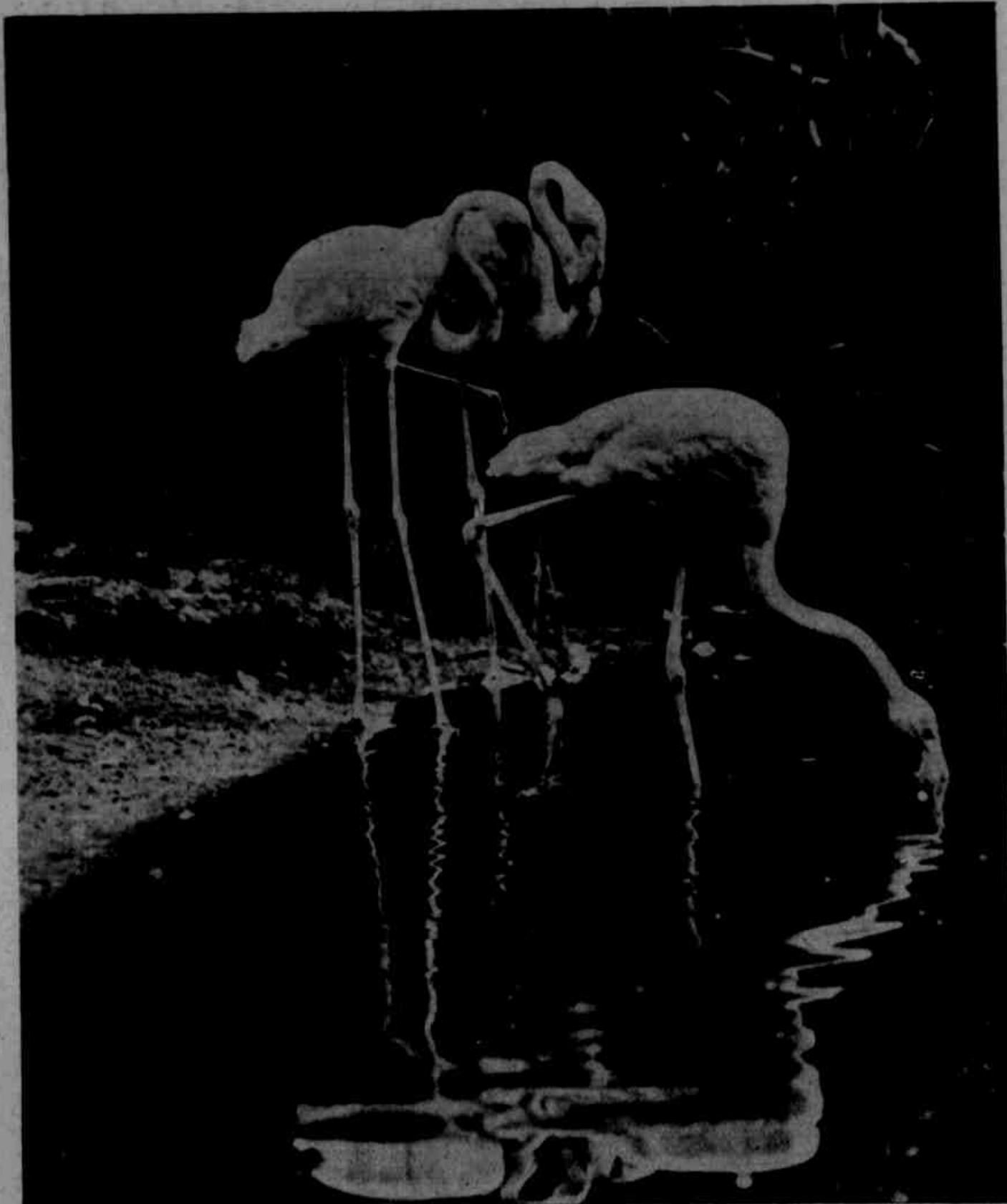
Condor dos Andes

Ursos creanças...

Pinguins do Polo Sul

Flamingos japonezes

que surprehendemos no recanto mais quieto e lindo da floresta quando duas garças, alvas e esguias, muito encostadinhas, quasi a confundir um corpo com o outro, cochichavam talvez palavras de ternura, incarnando o poema universal que para ali tambem transportaram junto com as outras coisas do mundo...

A IMPRESSÃO QUE FICOU

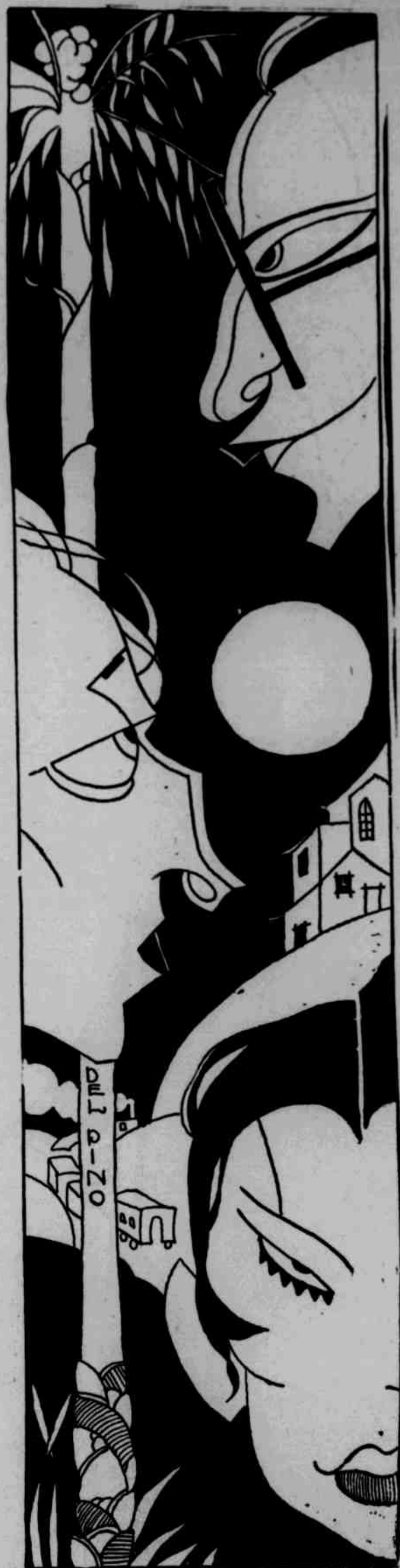
Sahimos do wagon-escriptorio onde funccionava o Departamento de Publicidade do Circo. O Sr. Scheneider, sempre attencioso e amavel, nos acompanhava até a porta. Despedia-se de nós com o seu sorriso, sua alegria instinctiva e seu ar de homem feliz, dizendo:

— Faço votos para que leve uma impressão optimista do parque de Stellingen.

Realmente levavamos uma esplendida impressão da linda floresta artificial que nos correra aos olhos nas doiradas paginas de um album. Mas essa impressão nos convencia de que, mais uma vez, a Illusão de mãos dadas com a intelligencia humana, superava a Realidade das cousas...

Delpino Junior

Delpino Junior é este pintor louro e magro, que ha dias vem olhando para vocês, á sombra dos jardins, á sahida das missas, á hora do sorvete. E' a segunda vez que elle apparece. A primeira — ha tres annos. A segunda — hoje, á noite. Gostou e voltou. Vocês tambem. Voltaram naturalmente por terem gostado. Não paga a pena dizer que me refiro exclusivamente ás mulheres. Delpino Junior é um pintor de mulheres. Mas não são as mulheres de J. Carlos, que olhadas pelo direito ou pelo avêsso, constituem sempre aquella mesma boneca encantadora, que é a constante obsessão de J. Carlos. Nem são as mulheres de Di Cavalcanti, viciadas, picadas de morfina, como que as mãos sempre abertas para a "poeira" da illusão e da morte. Nem as mulheres de Guevara, desconjuntadas e molengas. Nem as mulheres de Roberto Rodrigues, cloróticas e franzinas. Nem as mulheres negras de Tarsila. São, antes, todas as mulheres do mundo, que vivem dansando sob os seus olhos. Mulheres estranhas. Variadas. Differentes. Os outros trabalhos de Delpino Junior são méros accidentes na sua arte: bonecos de móla, que o seu lapis, quotidianamente, estraçalha e recompõe. Ora, vocês, mulheres gostam de accidentes. Pois fiquem com os bonecos. Eu gosto de Delpino. E elle, então, me revelará os segredos que vocês não sabem e que são vocês mesmas: os segredos da sua arte maravilhosa...

RESENDE
DE
HENRIQUE

Caricaturas de Henrique de Resende, Delpino e Rosarro Fusco feitas por Delpino.

O SANTO DEMONIO...

(DE OLIVIO)

Quando se fala num sabio ou num inventor, a imaginação da gente se enche de sombras e de silencios. Mesmo sem cerrar as palpebras, o pensamento nos desenha a figura esqualida do homem que investia na tranquillidade do laboratorio ou do que estuda no isolamento do gabinete, fugindo da convivencia do mundo, como se não fosse para beneficiar esse mesmo mundo que elle trabalha e soffre. E povoando-nos a meditação de detalhes, o pensamento, com os seus pinceis privilegiados, retóca o ambiente, mergulha-o na penumbra convidativa e destaca o sabio, um gorro de lã na cabeça, como a proteger-lhe o cerebro das tentações infernaes numa das quaes Fausto se desgraçou e os pés enfiados nas pantufas que o immunizam do perigo das grippes. Pois o nosso Santos Dumont, o genio inventivo de mais larga projecção neste seculo, no vigor dos seus rijos cincoenta annos, abriu de par em par as portas da sua officina, escancarou as janellas, deixando o sol invadir-lhe o recesso da tenda de trabalho e jogou, longe, as pantufas e o gorro de lã que sempre caracterizaram os homens da sciencia, do estudo e das mais profundas investigações. Respirou o ar puro das montanhas que lhe rodeiam a casa, no pedaço mais lindo da Suissa. Fez a sua gymnastica sueca, indispensavel aos musculos e derrubou, afinal, a convenção cheia de bolôr...

Veiu para a vida tumultuosa do mundo sem deixar o socego sepulcral da officina, operando o milagre de ser um homem forte e, ao mesmo tempo um genial inventor...

* * *

Santos Dumont inventor — o Brasil e o mundo inteiro já o conhecem...

Santos Dumont — o "sportman", aqui não passa de um illustre desconhecido... E é por isso mesmo que desprezando as glorias daquelle, vamos fixar os habitos deste, depois de vel-o e entrevistal-o na tarde cheia de sol.

Depois que a Europa se curvou ao Brasil e as regiões azues, sonhadas por Julio Verne, cederam ás audacias do homem, graças á scentelha divina que cahiu da forja eterna no cerebro de Santos Dumont — este não dormiu sobre os loiros que conquistou, voltando os olhos para outros mais difficeis de alcançar... Mas, trabalhando, elle nunca deixou de correr sobre os gelos de Saint-Moritz, obrigando o corpo a acrobacias arriscadas e penosas. Parece que galgando o dorso das montanhas e arrostando toda a sorte de perigos que ellas offerecem aos que as palmilham, o nosso Santos Dumont aprendeu novas lições de audacia, conseguindo pela observação e pela experiencia o que difficilmente conseguiria pela paciencia e investigação...

* * *

Quando chegamos ao Copacabana Palace, Dumont ia sahindo...

Uma raquette na mão, uma vaga tristeza nos olhos e o chapéo enfiado no braço.

— Vae jogar tennis?

— Sim, para me distrahir...

E num sorriso:

(*Conclue no fim do numero*)

SANTOS DUMONT

(*Caricatura de J. Carlos*)

A ALEGRIA DA MANHÃ TROPICAL

Hoje, a manhã tropical appareceu sorrindo
pelas janellas da minha casa
Grandes manchas de sol pintaram de luz
os muros de cal.
Ao lado do nascente
um raio entrou pela casa a dentro
como uma creança loura que me viesse mostrar
a alegria azul do céo lavado.
As arvores tomaram banho no chovisco da madrugada.
Amanheceram verdes e lindas!
Balouçam os cabellos curtos das suas frondes.
E mostram vaidosamente aos moradores do arrabalde
O vestido novo das flôres de Dezembro.

(O', a belleza simples e ingenua da manhã tropical!)

LOBÃO FILHO

Eisenstein

O grande cineasta russo, como tantos outros, veiu do theatros, veiu do theatros, veiu do thea- Meyerhold, que é actualmente o maior director de scena, a rapida passagem por esta não chegou a perverter, como aos outros, pela influencia da technica theatral, as suas qualidades latentes, até o momento em que, dizem, ao assistir a um film de Griffith, teve a revelação do cinema.

O facto talvez verdadeiro serve ao menos, para nós, pobres bugres condemnados a não ver as epopéas de Eisenstein (o "Couraçado Potemkim" já foi levado em Buenos Aires e em Havana), de ponto de referencia, para lhes situarmos o valor, mentalmente e de modo approximado.

O grande director que os americanos já cobiçaram e dois detalhes de um film por elle dirigido.

Approximadamente sim, pois Griffith, máo grado a força de expressão do seu realismo tragico, fica no plano individual, no aspecto psychologico.

Eisenstein, ao contrario, embora certa semelhança de processos technicos e artisticos intensifica essa força de expressão pela propria natureza da materia com que constroe a sua obra, o social, o collectivo, o sopro epico da Revolução.

Não o atemorisa a realidade. Fixa-a brutalmente, contrapõe-na, por um processo de arte rudimentar mas eterno, á exaltação do futuro.

Por isso, apezar da minucia do detalhe que o apparenta a Griffith, Eisenstein commove profundamente a multidão, creando uma unidade superior, um rythmo possante em que se dissolvem os valores individuaes. Nisto é elle, na verdade, um precursor: transforma paixões individuaes em sentimentos das massas.

L. X.